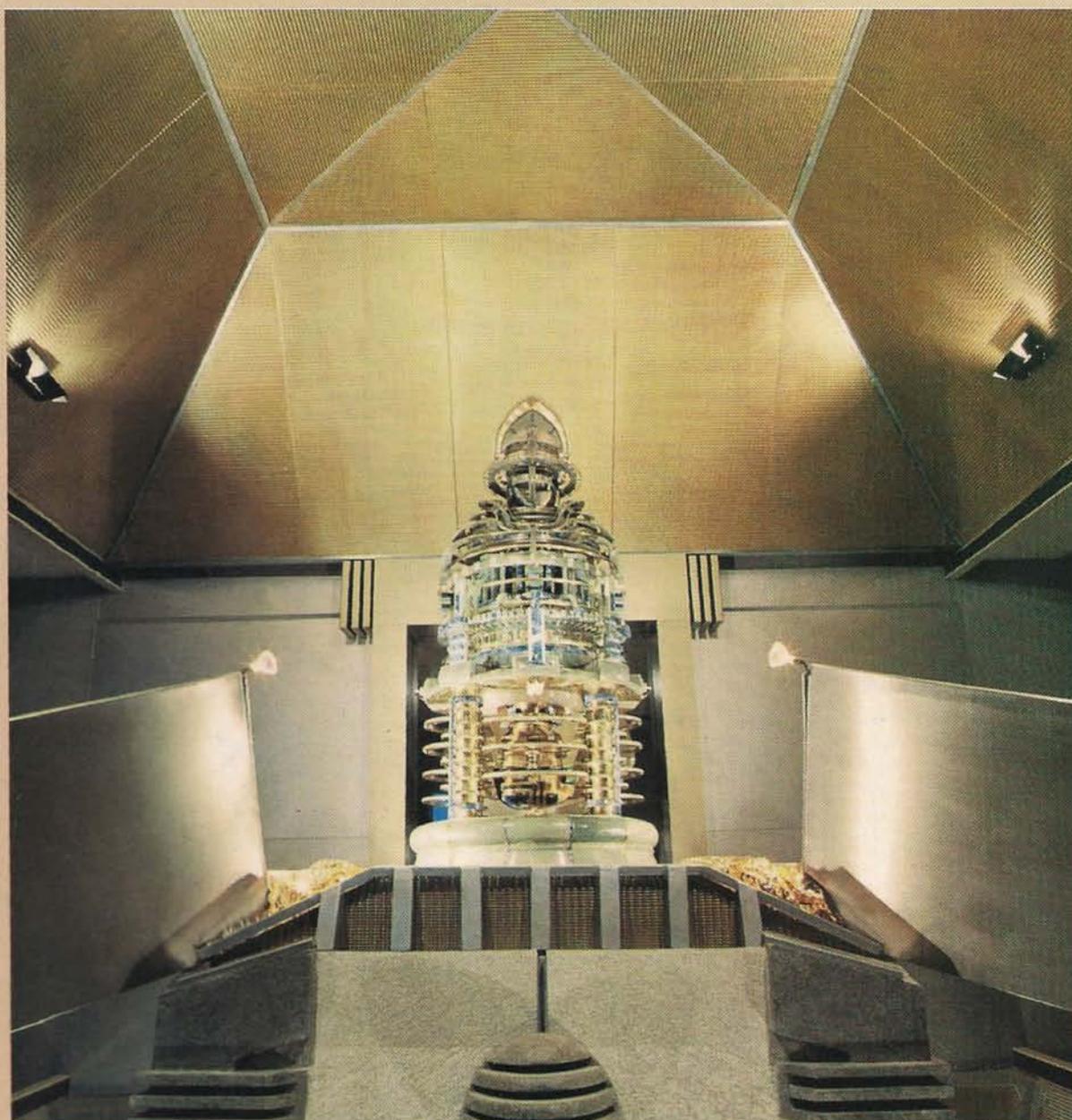




Thot

UMA PUBLICAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR
DA ASSOCIAÇÃO
PALAS ATHENA
Nº 65 - 1997
ISSN 1413-893X



MARKETING DE PAZ

Etnomatemática e Transdisciplinaridade
Transformando Organizações em Organismos Vivos
Mito, Metáfora e Magia

Publicações da Editora Palas Athena



A CONQUISTA PSICOLÓGICA DO MAL

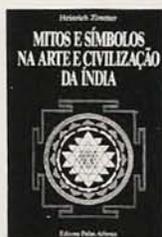
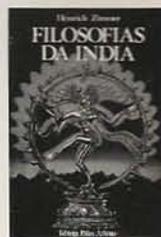
Heinrich Zimmer

Fábulas e lendas por meio das quais Zimmer analisa um vasto conjunto de símbolos. O modo como o ser humano sente e interpreta o mal é revisto por meio das lendas de várias culturas.

FILOSOFIAS DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Definido por Alan Watts, no New York Times Review of Books, como o mais completo e inteligente tratado já escrito sobre essa rica tradição filosófica.



MITOS E SÍMBOLOS NA ARTE E CIVILIZAÇÃO DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Reelaboração de uma série de conferências dadas pelo autor e compiladas por Joseph Campbell. São diversos temas e questões do universo mítico indiano aqui desvendados por Zimmer, magnífico intérprete da tradição oriental.



AS MÁSCARAS DE DEUS

Joseph Campbell

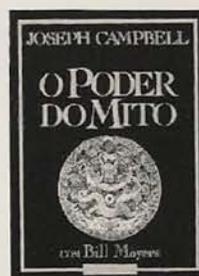
Nesta obra em quatro volumes, Campbell mostra sua visão das mitologias do mundo. O primeiro tomo, *Mitologia Primitiva*, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, *Mitologia Oriental*, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. O terceiro e o quarto volumes estão no prelo.



O PODER DO MITO

Joseph Campbell

Este livro é o resultado de uma série de entrevistas que Joseph Campbell concedeu em 1987 a Bill Moyers, jornalista americano. Nele desfilam, todos os grandes temas mitológicos: o nascimento, as iniciações, o casamento, o envelhecimento, a morte, a fé.



YOGA, IMORTALIDADE E LIBERDADE

Mircea Eliade

Nesta obra, que já se tornou um clássico, Eliade resgata as origens teóricas e práticas dessa vasta disciplina, abrangendo conceitos de fisiologia, psicologia, metafísica e terapêutica.

CARTA A UM AMIGO

Nagarjuna

Neste livro encontramos a essência da prática budista. Nagarjuna, fundador da Escola do Caminho do Meio, é considerado um dos maiores filósofos e metafísicos de todos os tempos.



A GRINALDA PRECIOSA

Nagarjuna

Retira as fantasias com que costumamos encobrir a realidade, orientando-nos na busca de sentido e significado para a vida.



O CORAÇÃO DA FILOSOFIA

Jacob Needleman

Neste livro é devolvido à filosofia o seu papel original: auxiliar-nos a recordar quem somos e qual o nosso lugar no Universo, revelando um estado de ser no qual a energia da verdade permeia tanto os momentos da mais elaborada reflexão, quanto os corriqueiros afazeres do dia-a-dia.

A ROCA E O CALMO PENSAR

Mahatma Gandhi

Este livro reúne textos de Gandhi que focalizam o tema da prece e da meditação, ambas instrumentos e alimento espiritual de toda uma vida dedicada à não-violência.





THOT é uma publicação da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

Thot nº 65 - maio de 1997
tiragem: 2.500 exemplares
ISSN 1413-893x

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Basilio Pawlowicz, George Barcat, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Roberto Ziemer, Ubiratan D'Ambrosio - Equipe Thot: Carmen Fischêr, Collaço Vêras, Daniela Moreau, Irma Mariotti, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Benfatti Marques, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria Léa Schwarcz, Maria Tereza Bryg, Marli Montesano, Therezinha Siqueira Campos, Verônica Rapp de Eston, Wilson Campanella, Yara Bonomo, Yone A. Guimarães Pitto - Capa: Takeshi Assaoka - Diagramação e Editoração Eletrônica: Maria do Carmo de Oliveira - Fotelitos: Binhas - Produção: Emilio Moufarrige, Sérgio Marques - Impressão e Distribuição: Gráfica e Editora Palas Athena Assinaturas: Humberto Mariotti - Colaboradores: José Luiz Martinez (Finlândia), Leo Matos (EUA), Alex Berzin (Índia), Conrad Richter (Canadá), Henryk Skolimovski (EUA).
Jornalista responsável: José Caruso Filho

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números - Pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo.
A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

Associação Palas Athena do Brasil
Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso
04003-010 - São Paulo - SP
Fones: (011) 288.7356 - 283.0867
e 287.2668
Fax: (011) 287.8941

Observações

Observe o barulho, a fumaça e as garrafas nos botecos, discotecas e lares. O que incomoda é a falsa alegria.

Observe a falência de Alagoas provocada por governantes (*sic!*) e usineiros do álcool. O que incomoda é a visão da riqueza vampiresca.

Observe Brasília transformada no maior parque de diversões do mundo, onde os mendigos são apenas uma das 3 peças de um jogo que se joga também com álcool e fogo. O que incomoda são as justificativas.

Será que o maior problema do Brasil é o álcool?

Observe agora os campos vazios de "cultura" e os pés descalços impedidos de cultivá-los. O que incomoda são os pequenos interesses.

Observe as gentes que não agem porque já não se dão conta dos valores plantados em suas almas. Essa desatenção é a gênese de todos os outros incômodos.

Fique atento: o hábito de praticar o que Sócrates chamou de "o cuidado da alma" é a única força capaz de impedir os gestos de vulgaridade, ou seja, os gestos cuja consequência são os atos de barbárie.

Continue atento e você se lembrará que o maior problema do Brasil é a educação. O que incomoda é a velocidade do esquecimento.

George Barcat

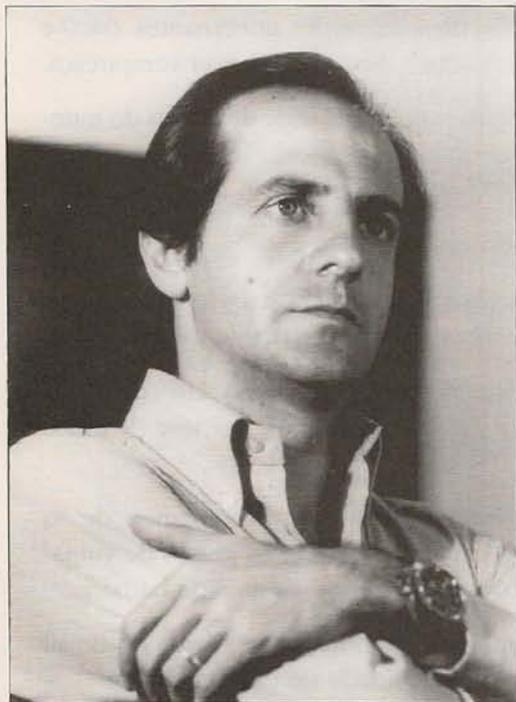
ÍNDICE

Entrevista com Ubiratan D'Ambrosio	3	Transformando organizações em organismos vivos	42
Residência na Terra	9	<i>Elizabeth Shtouris</i>	
<i>Keith Cunningham</i>			
Mito: Metáfora e Magia	20	Taoísmo - a filosofia clássica da China	53
<i>Patrice Guillaume</i>		<i>Cláudio Daniel</i>	
Marketing de Paz	29	Painel	60
<i>Ailton Bomfim Brandão</i>			
Para além das duas culturas:	35	Epifanias	63
A via transdisciplinar		<i>Geraldo Pinto Rodrigues</i>	
<i>Michel Camus</i>			

Capa:
Escultura de Alpha Phoenix - *Petrus Opus Philosophicum*.

GALERIA

Como de hábito, GALERIA homenageia um novo artista. Trata-se do escultor que adota o pseudônimo de ALPHA PHOENIX. As fotografias da capa e de toda esta edição são de obras suas.



ALPHA PHOENIX – arte, ciência e filosofia

Alpha Phoenix nasceu na Itália e mora em São Paulo desde 1972. Jovem ainda, dedicou-se à pintura, escultura, poesia, música e arquitetura, integrando todas essas expressões artísticas. Participou, em diversos países, de contatos culturais e artísticos com as mais variadas entidades, vivenciando diferentes correntes.

Seu trabalho, parcialmente reunido no Museu Alpha Phoenix, foi desenvolvido nos últimos 25 anos. Fazem parte dele duas instalações museológicas: *Aquilon* e *Petrus Opus Philosophicum*, que foram concebidas e realizadas segundo os antigos esquemas matemáticos e geométricos da Seção Áurea. Os trabalhos expostos no museu, que incluem mais de setenta esculturas, gravuras e pinturas, representam diferentes fases do artista e foram reservados para serem exibidos agora, nesta passagem para o Terceiro Milênio, com a intenção de mostrar um conceito de arte que resgata valores antigos mas evolutivamente renovados.

Num primeiro momento, Alpha Phoenix, utilizando a sua própria fundição de bronze, teve experiência com o fogo, formando ligas metálicas exclusivas e juntando metais que se fundem em temperaturas diferentes, obtendo assim um resultado final de composições cromáticas contrastantes. Por meio de uma metodologia adquirida no exterior e aplicada a materiais refratários brasileiros, foi possível obter um acabamento metálico de alta qualidade e definição. Outra característica que diferencia algumas das obras é a utilização de pedras preciosas.

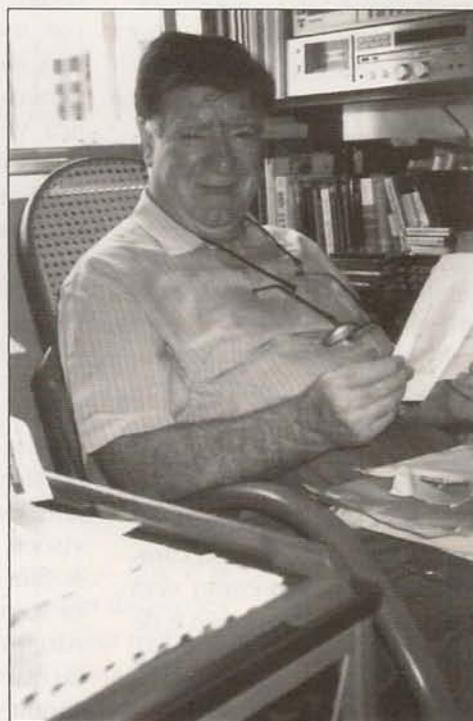
A ARTE DO TERCEIRO MILÊNIO – A etapa seguinte foi marcada pela atenção dada a duas grandes esculturas de porte museológico. Sua criação aconteceu em paralelo e envolveu doze anos de trabalho contínuo. O artista resgatou os princípios harmônicos do pitagorismo, aplicando-os aos seus trabalhos. No projeto *Aquilon* – uma escultura eqüestre em tamanho natural, a primeira desse porte na história da arte que se apóia numa só pata –, o escultor buscou ajuda de cientistas e utilizou tecnologia de ponta.

Petrus Opus Philosophicum – que aparece na capa deste número da THOT – é uma escultura programada, porque foi estudada e construída conscientemente, com padrões e medidas harmônicas que representam em síntese as próprias leis do Universo, segundo as quais também o ser humano foi criado. Tendo conhecimento geométrico e matemático das leis do equilíbrio, o artista cria tridimensionalmente, em harmonia com as medidas do Segmento Áureo, produzindo em quem contempla a obra uma sensação de estabilidade, beleza e mistério.

ESCULTURAS COM MÚSICA PRÓPRIA – A manipulação desse sistema resultou na descoberta de uma verdadeira música temática, que estava “depositada” nas estruturas internas e externas, bem como nos traçados dessas esculturas. Essas melodias estão sendo lançadas em dois CDs. O primeiro contém as melodias do sistema *Aquilon* e o segundo as do *Petrus*. Surge assim uma nova forma de compor. A arte de Alpha Phoenix é certamente uma das frestas por meio das quais torna-se possível, hoje, filtrar a luz dos valores eternos do ser humano para integrá-lo, segundo as palavras de Goethe, “no todo, no bom, no belo”.

ENTREVISTA COM UBIRATAN D'AMBROSIO

Etnomatemática e Transdisciplinaridade: As razões do coração



Acabam de ser publicados nos Estados Unidos dois livros importantes sobre etnomatemática.

Nosso entrevistado participa de ambos.

Num deles faz o prefácio e no outro escreve um dos artigos. Trata-se de Ubiratan D'Ambrosio, Professor Emérito da UNICAMP, consultor da OEA, da UNESCO, fellow da American Association for the Advancement of Sciences e membro do Conselho Editorial da Thot, que nos recebeu para a entrevista a seguir.



Cabeça I
em pedras preciosas

THOT – *Gostaríamos que você começasse falando desses dois livros.*

D'AMBROSIO – O primeiro chama-se *Ethnomathematics: challenging eurocentrism in mathematics education* (Etnomatemática: contestando o eurocentrismo na educação matemática). É uma coletânea de trabalhos que vêm sendo publicados nos últimos dez anos, editada por Arthur Powell e Marilyn Frankenstein. Ambos são meus amigos e me pediram que fizesse o prefácio, no qual traço uma espécie de “estado da arte” da etnomatemática. Faz parte do texto uma observação, feita pelos editores, que me deixou muito lisonjeado: eles disseram que eu sou o pai intelectual dos estudos etnomatemáticos.

Muitos ainda perguntam se a etnomatemática é uma nova área de pesquisa, um novo campo de investigação. Acho que se pode dizer que sim, porque hoje temos grupos muito ativos em várias partes do mundo, há cursos sobre o assunto, publica-se um boletim semestral com resultados de muitas pesquisas. Além disso, têm surgido teses sobre o tema em várias universidades. Portanto, pode-se considerar que a etnomatemática não só é um campo de pesquisa bem definido como vem tendo grandes avanços. Por isso, não é de admirar que esses livros tenham saído. Fico feliz, é claro, por participar deles.

THOT – *Você poderia explicar para os nossos leitores como se processou o desenvolvimento do conceito de etnomatemática?*

D'AMBROSIO – Sim. Mas antes falemos um pouco do outro livro. É um *Year Book* do National Council of Teachers of Mathematics. Trata-se de uma organização sediada nos Estados Unidos, que congrega cem mil membros do mundo inteiro. É uma instituição não propriamente conservadora, mas que não deixa de fazer parte do *establishment*. Todos os anos sai este *Year Book*, que dá o tom do que vem

acontecendo na educação matemática. Este ano seu título foi *Multicultural and gender equity in the mathematics classroom; the gift of diversity* (Eqüidade multicultural e de sexos nas classes de matemática; a dádiva da diversidade).

Nos Estados Unidos, a questão multicultural tem sido vista como apresentando elementos de discriminação que têm na matemática um veículo muito forte. Quando fui convidado para participar desse livro recebi carta branca. Acabei falando sobre paz, multiculturalismo, enfim, assuntos que não são típicos de uma publicação desse gênero. Isso mostra como a etnomatemática vem sendo reconhecida como uma área emergente, que toca nos problemas fundamentais da falta de eqüidade, da discriminação e assim por diante.

No fundo, ela tenta contestar o eurocentrismo do conhecimento científico atual. Para fazer isso, elabora quase que uma nova historiografia, que nos leva a olhar para várias contribuições culturais – não apenas as que se adicionaram à cultura do Mediterrâneo, mas também culturas que têm vida própria, modos de explicação, visões, arte e música peculiares. Quando se fala que existe também uma matemática localizada e cultural, as pessoas se assustam, porque a noção generalizada é a de que a matemática é apenas aquela que surgiu em torno do Mediterrâneo e que, por meio do colonialismo, se espalhou pelo mundo inteiro.

Minhas primeiras preocupações com o tema surgiram quando pensei nesse aspecto. Na verdade, tudo isso se confunde com a história da minha vida. Estou chegando aos 65 anos, e acho que essa é uma boa idade para olhar para trás.

Desses anos todos eu trouxe até aqui uma boa formação e uma boa educação. Meu pai era professor de matemática, mas nunca me influenciou para que eu desse continuidade à sua carreira. Comecei minha prática como professor aos 15 anos,

ajudando-o em alguns cursos. Depois de formado, fiz meu doutoramento e fui para os Estados Unidos, no início dos anos 60. Naquela época, muitas coisas novas começaram a se abrir para mim. Participei de muitos movimentos sociais, de minorias ativistas como o Free Speech Movement, do feminismo, do movimento negro.

Minha universidade, a State University of New York, em Buffalo, era muito aberta para essas atividades, de modo que fui me envolvendo nelas. Eu era diretor de pós-graduação. Houve um momento em que recebi ordem para aceitar, no meu quadro de alunos, 25% de negros. Fiquei pensando onde poderia encontrar tantos estudantes assim. Fui então visitar o sul dos Estados Unidos e percebi que lá havia várias universidades – boas universidades – só para negros e só para brancos, a pouca distância umas das outras. Pensei: como isso pôde acontecer? Comecei então a refletir sobre os sistemas de conhecimento das culturas que foram transplantadas para os EUA.

Por sorte, nessa mesma época fui convidado para ser professor num curso de pós-graduação em matemática, promovido pela UNESCO, na República do Mali. A cada dois ou três meses eu passava duas ou três semanas por lá, mas continuava a residir nos Estados Unidos. Comecei a perceber a força cultural daquele povo, suas tradições. Percebi que ao serem transplantadas para os EUA as tradições eram rechaçadas, mas se mantinham em estado latente. Continuei estudando o assunto e notei que essas culturas tinham uma matemática própria. Fiquei surpreso, porque quando se fala em matemática só se pensa, na maioria dos casos, na que veio das tradições gregas e romanas. Tudo isso me levou a olhar um pouco melhor para essas particularidades.

Em 1972, ao voltar para o Brasil, continuei com minhas observações. Visitei todos os países da América Latina. Minha

vivência com o Oriente – Índia, China – veio mais tarde, de modo que a experiência que me levou à etnomatemática veio da África, América Latina e, naturalmente, dos Estados Unidos. Voltava sempre à pergunta: como se deu o processo de transplante de conhecimentos no período colonial? O que aconteceu com a história de todos esses países? Notei que havia um evidente elemento de supressão das raízes históricas dos povos conquistados e colonizados. Tornou-se claro para mim que a melhor arma de dominação, de controle, de subordinação das pessoas, é a supressão da sua história. Essa é a arma básica do colonialismo. Comecei então a examinar o que se passa na sala de aula e nas relações sociais e hoje não tenho dúvida: a supressão da historicidade dos povos é a principal atitude estratégica dos colonizadores.

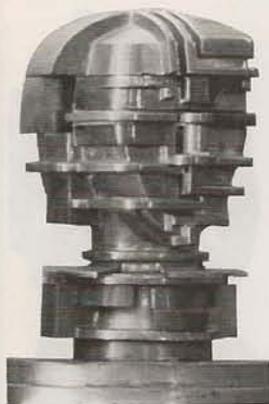
THOT – *No caso do Brasil, onde historicamente as elites procuram dificultar o acesso do povo à educação básica (e, consequentemente, à universidade), pode-se dizer que acontece algo semelhante?*

D'AMBROSIO – Para responder a essa pergunta é preciso fazer uma pequena introdução. Pode-se dar educação para todos, como aconteceu no início do século XIX nos Estados Unidos. Essa idéia depois foi adotada no mundo inteiro, inclusive aqui no Brasil. Oferece-se uma escolarização universal, mas ela não inclui nenhum reconhecimento das raízes culturais das pessoas. Não há dúvida de que ao dar educação básica adequada você está aparentemente libertando o indivíduo, mas na verdade o que se constrói com isso é um mecanismo que irá subordiná-lo à cultura dominante.

As potências colonizadoras da África, até o fim do período colonial, por volta de 1950, jamais tiveram a preocupação de proporcionar uma educação universal. Porém, quando os países africanos se



Andrômeda



Cavaleiro do Ar

tornaram independentes, elas fizeram questão de dar educação a todos. Por quê? Porque enquanto o mecanismo colonial mantinha subordinados os povos, a dominação não precisava de outros instrumentos. No entanto, após a independência desses países, o controle tinha de ser mantido – e passou a ser feito por meio da educação: ela leva as pessoas a ler e escrever o que é de interesse dos dominadores.

Agora vamos à sua pergunta. É claro que é fundamental oferecer ensino básico. O indivíduo que não sabe ler – mesmo que essa leitura se refira às coisas da cultura dominante –, que não sabe fazer contas – mesmo que elas sejam as contas da cultura dominante –, está excluído. Não há nem mesmo começo de conversa. Portanto, é possível tirar o indivíduo da categoria dos excluídos, dando a ele mecanismos de comunicação com as classes dominantes. Mas isso, ao mesmo tempo, reduz a sua historicidade: ele pode se tornar um grande literato, mas perde as suas raízes culturais. No Brasil, perderam-se as duas coisas: o acesso às elites e à cultura.

Não conheço africano menos africano do que Leopold Sedar Senghor. Foi premiado pela Academia Francesa, é um grande poeta, mas pouco tem a ver com a sua cultura. Quando lembro daqueles sábios africanos em suas aldeias, falando de suas tradições, me convenço de que eles têm a África dentro de si: conservam sua historicidade, porque não tiveram acesso aos dominadores. Mas há outros, como Nelson Mandela, que não perderam a historicidade e continuam africanos, mesmo tendo tido acesso às classes dominantes. O educador Julius Nyerere também: domina perfeitamente a cultura do colonizador, mas não se ausentou da sua. Propôs um plano educacional próprio para a África, que não foi aceito, é claro, porque os projetos oficiais têm como grande objetivo dar continuidade ao processo da dominação européia no continente africano.

No Brasil e no resto da América Latina acontece exatamente a mesma coisa. Nossa percepção é menor, porque nos tornamos formalmente independentes há muito mais tempo. Nós nos consideramos uma nação independente, mas estamos no mesmo barco dos países africanos, cuja independência aconteceu há trinta ou quarenta anos. O que há é uma total dependência das forças colonizadoras, e o veículo utilizado para manter a conquista e a colonização é o sistema escolar divorciado das raízes culturais. A etnomatemática representa um apelo a essas raízes, por meio daquilo que é reconhecido como sendo a espinha dorsal da cultura ocidental conquistadora e colonizadora – a matemática.

Praticamente todos os filósofos e historiadores concordam num ponto: o que há de mais sólido em toda a cultura ocidental é o conhecimento matemático. Veja como Pitágoras e Euclides continuam atuais. Por isso, a matemática que veio do Mediterrâneo ainda predomina em todos os povos da Terra.

THOT – *Como a etnomatemática está sendo posta em prática nos dias atuais?*

D'AMBROSIO – Não se pode ter uma sociedade eqüitativa sem tocar nos seus pontos fundamentais, que são os sistemas de explicação, de entendimento do mundo. Essa busca de explicações requer que você tenha de se compreender também como indivíduo, saber o que é o seu mundo interior. Acho que isso fica bem representado pela palavrinha “matema”. Por isso, eu propus a combinação de “matema” para representar a explicação, “etno” para expressar a cultura e “tica”, uma corruptela do grego *techne*, que significa “técnica”. Daí, a etnomatemática ficou assim: “ticas” de “matema” nas diferentes etnias.

Como é que isso se pratica nas escolas, hoje? Nosso projeto pedagógico consiste em trabalhar com a criança e dar mais voz

a ela. Ninguém sabe mais sobre a historicidade da sua cultura, do seu ambiente, do que a criança. Então, tudo o que se faz na escola deve partir da maneira como a criança percebe e explica o que vem de suas raízes. No convívio com os outros, inclusive com os professores, as coisas vão acontecendo como um processo individual, que vai construindo a percepção crítica da criança em relação à sociedade. Por isso, um dos nomes que se dá à etnomatemática é “matemática crítica”.

THOT – *Seria uma espécie de culturalização da mathesis – um processo em que o lado intuitivo, emocional, das pessoas – tradicionalmente visto como “não-matemático” – é aceito como fazendo parte da matemática?*

D’AMBROSIO – É claro que sim. Considero uma total falsificação achar que a matemática é uma manifestação “pura” da razão.

THOT – *Estamos falando, então, de uma matemática que abrange o hemisfério direito do cérebro?*

D’AMBROSIO – Mas é claro. Coração, intuição, sentidos e, obviamente, a razão. Esses são os componentes de tudo o que o ser humano faz.

THOT – *Seria a matemática de Espinosa.*

D’AMBROSIO – Sim. E muito mais de Espinosa do que de Kant. Por falar em Espinosa, uma de nossas discussões mais fortes é sobre ética. Existe uma ética das percepções e uma emoção na matemática. Em seu *Dicionário das idéias*, Flaubert escreveu: “Matemática: aquela que seca o coração”. Mas estamos indo na direção contrária, e por isso consideramos que a matemática é também amor e ética, ao lado da racionalidade.

THOT – *A etnomatemática seria, então, uma das formas de pôr em prática as idéias de pessoas como Erich Fromm e Rollo May, por exemplo?*

D’AMBROSIO – Se você olhar bem, o pensamento deles é pura etnomatemática. Ao longo do tempo, a matemática se desligou das emoções, da ética, da intuição e tornou-se um conhecimento frio. Esse processo começou há quatrocentos, quinhentos anos. Antes, o matemático era diferente. Você acabou de falar em Espinosa: é um exemplo. Santo Tomás de Aquino é outro: ele só equilibrou a *Suma Teológica* quando começou a entender Euclides. Tudo isso está junto. Essa idéia de que você pode separar a matemática – e por conseguinte a ciência – das artes, da religião, é uma falácia completa. Hoje, estamos caminhando na direção de recuperar para a matemática a racionalidade da totalidade.

É claro que isso não exclui o valor da matemática que permite pôr os aviões para voar e tudo mais. Não estou dizendo que a matemática das outras culturas (até usei, numa conferência, a expressão “matemática de índio”) vai nos ajudar a fazer aviões melhores. É claro que não, até porque a matemática de uma tribo de cem só tem importância para aqueles cem. Não se trata, portanto, de ensinar etnomatemática para quem quer que seja. O que desejamos é que aquilo que tem importância para uma determinada cultura seja preservado. Sabemos que os índios não podem sair da aldeia se não aprenderem a matemática européia. “Matemática de índio” não serve para fabricar aviões – mas talvez ela nos ensine a não deixar que os aviões carreguem bombas e as soltem sobre as nossas cabeças. É isso que está faltando. Os aviões são uma beleza, voam muito bem. O uso que fazemos deles é que é o problema.

THOT – *Foi o que Santos Dumont lamentou, quando percebeu que o avião estava*



Cabeça III



Cabeça IV

sendo utilizado para bombardeios, na Primeira Guerra Mundial.

D'AMBROSIO – Santos Dumont foi um etnomatemático por excelência.

THOT – *Tudo isso, então, está ligado ao projeto da transdisciplinaridade.*

D'AMBROSIO – Sem dúvida nenhuma. A matemática representa o momento em que começam a ser estabelecidas certas normas de pensamento, por meio de códigos que são aceitos pela comunidade. Há toda uma epistemologia, construída para decidir sobre a aceitação ou não de determinadas idéias.

Hoje há regras muito bem definidas sobre o que é matemático ou não. Isso é disciplinaridade. Essa posição atualmente é insustentável, no que se refere à observação, análise e explicação dos sistemas vivos naturais (os sistemas sociais, por exemplo), que são muito complexos. Os métodos matemáticos cuidam muito bem da matemática, os físicos cuidam muito bem da física e assim por diante. Mas na hora em que você tem de lidar com os sistemas vivos, percebe a insuficiência das disciplinas estanques. E aí começa a surgir a interdisciplinaridade. Você tem de misturar os conhecimentos – e não só os conhecimentos, mas também os métodos – de muitas disciplinas.

Teoricamente, uma interdisciplinaridade muito ampliada poderia ser capaz de lidar com a complexidade dos sistemas naturais. Acontece, porém, que essa complexidade não é estática, ela muda constantemente. Nas disciplinas e interdisciplinas os elementos de análise mais poderosos são os científicos, isto é, os matemáticos. Eles permitem entender certos aspectos dos fenômenos, e assim muitas vezes

temos a impressão de que estamos lidando com a complexidade. Mas a verdade é que por esse meio conseguimos cuidar apenas de algumas facetas da realidade. A complexidade é muito fluida, suas categorias se misturam umas às outras. Não se pode “fotografar” ou “congelar a imagem” dos sistemas complexos.

Portanto, se quisermos analisar os fenômenos como totalidades em permanente transformação, precisamos de disciplinas que permitam isso. Mas aí teríamos a negação do conceito de disciplina – disciplinar significa controlar, enquadrar. Então, temos de ir além das disciplinas e interdisciplinas e chegar à transdisciplinaridade.

É nesse ponto que surge a etnomatemática como um instrumento da transdisciplinaridade. Mas isso não quer dizer que ela seja uma disciplina: é antes de tudo uma percepção de como as várias culturas entendem os fenômenos do mundo. No fundo, quando trabalhamos com a matemática das tribos indígenas estamos tentando entender o que é o homem, o que é o indivíduo humano.

Acho que estamos num momento de procurar ver tudo junto. Para conseguir isso é preciso buscar outras formas de olhar. Por exemplo, um aluno meu foi trabalhar com uma tribo no Xingu, começou a falar de triângulos e descobriu que a cultura deles está cheia dessas figuras geométricas: eles têm várias percepções de triângulos que diferem das nossas. Há, por exemplo, triângulos machos e fêmeas. Isso reflete uma concepção de mundo que a nossa matemática perdeu e que estamos tentando recuperar nas percepções de outras culturas. Daí o interesse da etnomatemática: ela fertiliza nossas idéias, melhora nossa visão de mundo e é fecunda para a nossa ciência. ▲

KEITH CUNNINGHAM

RESIDÊNCIA NA TERRA

*A dança dos opostos: uma análise do diálogo
entre o símbolo e o signo, o sagrado
e o profano, o antigo e o moderno*



Ser andrógino com seu elemental

KEITH CUNNINGHAM vive em Chicago. É roteirista de cinema, consultor e graduado em psicologia pela Northwestern University.

Como pessoa interessada em imagens, símbolos e história sacra, tenho sido convidado a contribuir para o futuro do diálogo entre as fés. Sou um cineasta, e portanto um contador de histórias. Nesta condição interesse-me por imagens, pelo olho como janela da alma. O olho tem sua forma de pensar, que está em algum lugar entre o pensar com o cérebro, o pensar com o coração e os sistemas de impulsos motores do corpo. Os cineastas sabem, como sabemos todos, que aquilo que vem por meio do olho pode contornar os filtros da mente racional e ir diretamente para o lugar da imaginação e das emoções. Os contadores de histórias, por sua vez, trabalham a partir do senso interno de que histórias são algo orgânico, vivo e capaz de produzir vida.

Os que trabalham com imagens e histórias, sejam elas retóricas ou poéticas, sagradas ou profanas, entendem que esse “pensamento-história” ocorre no corpo inteiro e na relação do corpo com o seu ambiente. Pensamento, corpo e mundo são uma *gestalt*: eles compartilham aquilo que o antropólogo e biólogo Gregory Bateson chamou de “ecologia da mente”. Qualquer poema não pode senão tornar-se, como diz Wallace Stevens, um “poema de nosso clima”: no modo como ele traz, como se estivesse no forro de algum bolso interno, o selo de um determinado tempo e lugar.

UMA TRILHA NA FLORESTA – Assim, ao abordar este assunto, a idéia que me veio foi que um ensaio não se escreve por si mesmo, não ocorre num vácuo. Ele acontece dentro de uma ecologia de clareza interior, deve ser uma “perspectiva de nosso clima”, matizada pelo veículo de massa com o qual trabalho, pressionado pela modernidade – ou pós-modernidade –, e tocado pelo melancólico outono germânico que vejo através da minha janela.

Atrás da casa em que estou, com amigos, perto de Munique, há um “caminho sagrado”, uma *via crucis* que leva a uma capela de peregrinação chamada Maria-Eich. O caminho de terra segue reto pela floresta. As estações da cruz, ao longo do trajeto, escavadas em doce e singelo baixo-relevo, parecem misturar-se à própria madeira de que são feitas. O santuário Maria-Eich vem mantendo uma reputação de centro de milagres e curas há cerca de duzentos anos. As pessoas



Elfo.

estão sempre caminhando para lá, em seus casacos verde-floresta. Suponho que para algumas delas esse caminho tornou-se de fato um espaço sagrado. Tornou-se o espaço, uma abertura para a presença do Divino, continuando ao mesmo tempo a ser a *wald*¹ suburbana que é.

Essas pessoas estão vivendo uma história que fala ao fundo de seus seres, mesmo que na superfície possam estar discutindo contas bancárias ou acertos de divórcio. Nem sempre é a resposta consciente que conta. O que importa, acredito, é que elas estão aqui, deixaram que sua bússola interna as dirigisse para a pedra imantada. Numa balsâmica tarde de sábado de fim de outubro, muita gente veio pelo caminho para descansar do lado de fora da capela. O paradoxo de estar vivendo em dois mundos ao mesmo tempo não parece aborrecer ninguém.

Nos últimos três dias, tenho notado que o belo bordo aqui no jardim perdeu todas as suas folhas, enquanto os vidoeiros em volta dele ainda mantêm suas coroas douradas. O vento levanta as folhas como se fossem bandos de pássaros, elas enxameiam pela janela aberta e vêm cair na minha cama. Na América, chamaríamos isso de verão indiano. Na próxima

semana, quando voltar para casa, nas margens do lago Michigan, verei as dúzias de espécies de patos que observei em março, viajando de novo para o sul.

É o outono. Sinto que vivo em meu corpo como um esquilo num velho tronco de árvore. O esquilo corre para cima e para baixo atrás das castanhas que caem perto do pátio. O que poderia um esquilo dizer sobre religião e diálogo entre fés? Tento ouvi-lo e saber o que ele tem a dizer. Sua voz é surpreendentemente muito maior que seu pequeno corpo. E ela diz: "Estou vivo, não sou abstrato".

TRANSPARÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA – Falando sobre a evolução do discurso religioso, o mitólogo Joseph Campbell nos faz lembrar da diferença, primeiro conceituada por Adolph Bastian, entre "idéias elementares", ou arquétipos do espírito humano, e "idéias étnicas ou populares", que são as *projeções* locais dessas idéias num determinado panorama. Acredito que essa distinção ocupa hoje um lugar central e urgente. Campbell sustenta que o grande equívoco, que tem historicamente criado a discórdia entre crenças e povos, tem sido a interpretação dos símbolos por meio dos quais as idéias elementares são expressas, como se eles fossem referências não de poderes espirituais, mas sim de personagens e eventos históricos.

Devido ao fato de serem historicamente ou (no caso de Freud) biologicamente superinterpretados, os símbolos perderam o poder de apontar para além de si próprios. Perderam sua transparência. O apelo de Campbell é relê-los, não em referência a eventos e personagens históricos, mas reler, *por meio de* personagens e eventos da história, aquelas energias e poderes que adquiriram expressão nos órgãos dos nossos corpos e em nossa consciência.

As energias que chegam aos nossos organismos, e criam nossas vidas, são as mesmas que alimentam o mundo. A verdadeira imagem mítica será sempre de natureza local (a TV de hoje constitui uma versão contemporânea, secular, dessa "mitologia local"), mas a imagem local não deve ser confundida com aquilo que, localmente, a ela remete. Campbell, citando Carlfried Graf Durkheim, chama essa conservação da imagem de "Transparente Para o Transcendente".

Para continuar sendo capaz de apontar para além de si mesmo (na direção do transcendente), o símbolo deve permanecer transparente. Isso pode ser uma chave, não somente para forjar uma solidariedade vital entre as muitas fés, mas também para ajudar a guiar o homem pós-moderno, maniacamente enervado por sua caótica "floresta de signos". "Qualquer objeto, se intensamente contemplado, torna-se uma porta de entrada para o éon dos deuses", diz James Joyce.

Os homens e mulheres de hoje atiraram fora as cascas das estruturas religiosas tradicionais. Precisam desse poder de "intensa contemplação" para ver, através da opressiva banalidade de seu mundo material, as energias proporcionadoras de vida que estão eternamente lá dentro. Um diálogo entre fés, interespiritual, ampla e generosamente concebido, tem as chaves para isso.

A mim parece que, se há um futuro vital para o diálogo entre fés, ele deve ocorrer em termos diferentes dos anteriores. Na verdade, ele deverá deixar completamente de ser diálogo entre fés, e passar a ser algo tanto mais amplo quanto mais direto em seu objetivo. O novo desafio que enfrentam as tradições religiosas mundiais será guiar as pessoas por toda uma miríade de *verdadeiras* situações vitais e pelos caminhos da autêntica realização espiritual. Isso deverá ser feito num mundo cujas estruturas sociais, políticas e econômicas são explicitamente seculares.

E uma autêntica realização espiritual para os dias de hoje terá de levar em conta a atual situação de vida da humanidade, não no mundo natural, mas num universo onde predominam objetos e signos feitos pelo homem e significados pré-atribuídos ou retoricamente concebidos. Onde encontrar o mistério divino num cartaz de Coca-Cola, ou num par de sapatos usados?

O que estou tentando dizer é que não será suficiente – e já não é suficiente – afirmar que esses são os símbolos de *nosso* dogma, e que isso é o que eles significam segundo *nosso* dogma. Numa comunidade cultural de horizontes fechados, isso poderia ser possível. Entretanto, com a sobrecarga de informação que é despejada sobre as pessoas, vinda do planeta inteiro, muito dela sob a forma de uma imagética altamente carregada, isso já não é mais viável.

Agora, devemos dirigir o diálogo – ou o encontro – para esse nível: o que é, *realmente*, símbolo? O que ele é, como fato espiritual e como produto da imaginação humana? E como podemos distinguir o símbolo, que tem suas profundezas no espírito, das falsificações e imitações? Esse é um trabalho que não podemos evitar. O simples fato de a MTV agora ter distribuição mundial – ter, portanto, a influência de qualquer outra emissão –, e vir atingindo diariamente um segmento bem definido do panorama cultural, dá uma idéia da intensidade com que vêm mudando os termos do diálogo.

O PARLAMENTO DAS RELIGIÕES – Acredito que o fato de que pontos de vista externos, bem como os situados entre as tradições de fé, tenham sido incluídos numa coleção de ensaios mostra uma consciência, dentro dessas tradições, do mundo fundamentalmente novo e dos novos desafios que temos pela frente. O Parlamento das Religiões do Mundo, em 1993, ilustrou o tanto que a perspectiva religiosa mundial mudou nos 100 anos desde que se reuniu pela primeira vez. Representantes de minorias étnicas, tribais, religiões e seitas esotéricas vieram ao pódio, em pé de igualdade com as grandes religiões do mundo. As contribuições de liderança das mulheres de todas as tradições, e as vozes potentes e criativas das crianças, falaram aos nossos tempos atuais de maneiras que seriam unimagináveis em 1893.

As crianças organizaram seus próprios programas, e não só para outras crianças. Suas vozes foram também ouvidas no plenário. E, é claro, outra das lições do Parlamento foi o desafio crítico às instituições baseadas em tradições para responder a um mundo secular que, com seu crescente tom de pragmatismo econômico, vem acelerando a velocidade de sublevação e mudança e, com sua invasiva retórica de imagens, ameaça deixar na poeira todas as tradições, sejam elas quais forem.

O futuro do diálogo entre as fés no século XXI não pode mais ser abordado como uma conversa interna apenas entre as religiões, porque existe o risco de que elas sejam literalmente amontoadas num canto e privadas de voz ativa e do seu papel de liderança nas questões mundiais. Do mesmo modo, o diálogo deve ser orientado para a brecha existente entre as instituições seculares e as sacras.

A evolução secular deste século tem, em muitas partes do mundo, deslocado a religião, tal como tradicionalmente a concebemos, de seu lugar no centro moral da sociedade. A ciência tem questionado as pretensões de autoridade sobrenatural das religiões baseadas na Bíblia e de outras. A tecnologia, em vez da religião, vem sendo vista como o lugar dos milagres. A crença de auto-realização, de que as pessoas podem obter o que querem *neste* mundo seguindo os seus próprio destinos, tornou-se aparentemente mais atraente e ajustável aos objetivos humanos do que as disciplinas sacrificiais necessárias para uma vida melhor depois da morte. Essa tendência de mudança vem crescendo como uma maré, e está levando a muita busca de almas dentro das tradições religiosas.

Menos evidente, mas igualmente importante, é a mudança que ocorreu nestes 100 anos no plano das imagens sagradas. As tradições de fé já não podem pretender ser as únicas a ter esses símbolos e imagens arquetípicos, que evocam e canalizam as energias do desejo humano. Todos os dias os seres humanos são tocados e penetrados por imagens vindas de mil fontes, difundidas principalmente por meio dos veículos de comunicação de massa e saturadas de retóricas visuais de muitas espécies e importâncias.

Nunca nos ensinaram a ler essa nova linguagem do labirinto eletrônico, que deve muito de seu poder à apropriação de imagens numinosas, simbólicas, embora simultaneamente reflitam e criem a *verdadeira* mitologia de centenas de milhões de pessoas. À medida em que recebemos mais e mais de nossa informação sobre o mundo por meio desses gigantes econômicos globais, os sistemas de referência subjacentes às crenças vão sendo submetidos a um choque cultural. É nesse novo contexto de comércio de imagens que as tradições de fé são agora chamadas a comunicar sua mensagem sobre o destino sagrado da humanidade.

ABELHAS DANÇANTES E SERPENTES SAGRADAS – Em nossas vidas, os símbolos nascem da interseção da experiência pessoal com os eternos tropismos de nosso ser. Símbolos são imagens míticas. A dimensão simbólica permeia a todo instante nossa consciência, mas há momentos elevados, em que um grande símbolo parece tomar forma consciente diante dos nossos olhos.

Em tais instantes, poderíamos dizer que vivemos o mito em seu sentido mais verdadeiro. Minha experiência pessoal no Parlamento das Religiões Mundiais incluiu experiências assim. Outras pessoas que encontrei, de diferentes fés e diferentes partes do mundo, falaram das mesmas impressões.

Poderia dizer que, em termos coletivos, tivemos uma certa consciência de nos haveremos tornado parte de um processo de vida que só muito obscuramente pode ser transmitido a quem não esteve lá. É claro que quando estamos vivendo uma experiência coletiva tão intensa mergulhamos em seu fluxo. A perspectiva mais ampla, reveladora da essência da forma de vida da experiência, só pode vir à tona depois. Assim, foi com o distanciamento de alguns meses que pude começar a ver o Parlamento como um símbolo, no ato de autoformar-se como uma imagem mítica.

Os símbolos têm, implicitamente, a ver com fronteiras: cruzá-las, dissolver algumas delas e a presença obstinada de outras. O nascimento de qualquer idéia nova requer fronteiras, como a placenta ou a casca do ovo, que separam o interior do exterior e concentram a energia incubadora do lado de dentro. Em momentos elevados, míticos, temos a experiência do símbolo vivo cruzando a fronteira entre o inconsciente e a consciência.

O processo criativo que leva à formação de um símbolo vivo é diferente do que conduz ao desenvolvimento de um signo eficaz. Todos nós, ao chegar ao Parlamento, fomos saudados com sua insígnia, que aparecia em bandeiras, buttons, panfletos, boletins e em nossos crachás de identificação. A insígnia de um cubo de roda com nove "chamas" concêntricas irradiando-se para fora tornou-se familiar para nós, mas ela não fazia parte de nossas vidas interiores. Havia sido inventada por alguém – ou por um comitê – como um signo eficaz para representar o Parlamento. Era convencional: criada por uma convenção. Poderíamos chamá-la de mandálica. Mas teria ela se tornado um símbolo vivo? Teria adquirido vida para alguns, ou para muitos?

A insígnia é uma amostra de signo, criada pela mente consciente, que assume o poder de símbolo somente se penetrar e tiver ressonância nas profundezas da alma. Com maior frequência, o símbolo



Retrato de mulher

ascende do torvelinho de nossa experiência interior e, como o sonho, é uma cristalização e transformação dele. O Corpo de Diamante, ou Corpo da Verdade do budismo, como símbolo de nosso potencial espiritual, mantém uma relação com nosso corpo físico semelhante à que um cristal de quartzo tem com a infinita cadeia de uma molécula orgânica. Ele nos faz ver o imperecível e o eterno dentro de nós mesmos.

Mas isso poderia não ser mais do que uma metáfora poética, em que não é o diamante que expressa a experiência de uma súbita claridade e a faiscante consciência que transcende a linguagem e a lógica. Os símbolos articulam a experiência do poder da consciência elevada e apontam para além da experiência em si: indicam a sua fonte insondável. Estamos continuamente experienciando esse fluxo do sagrado em nossas vidas – e não só naqueles momentos, ou por meio de determinadas vias, oficialmente sancionados pelas instituições de nossa sociedade. “Qualquer objeto, se olhado com intensidade”, lembra de novo Joyce, “é uma porta de entrada para o éon dos deuses”.

A DANÇA DO CÍRCULO – Gostaria, portanto, de focalizar três experiências coletivas do Parlamento, que foram intensamente observadas por muitos e começaram a adquirir a qualidade de símbolos vivos. Foram tópicos constantes de conversa durante a reunião, estiveram na mente das pessoas e se transformaram em canais de energia. Não foram eventos específicos ou fora do comum, mas espécies de experiências universais – universais porque estavam implícitas na própria estrutura da experiência e, portanto, inevitáveis – das quais todos participaram e que, por sua própria natureza, falaram ao coração e despertaram o âmago mítico. Em contraste, ninguém falou a respeito da insígnia do Parlamento. Ela simplesmente estava lá, como um dado, como o próprio edifício do hotel.

O primeiro e, de fato, o verdadeiro ponto de entrada para todos que chegavam ao Parlamento, era o caos da boa e redemoinhante confusão que sempre circundava a área de recepção e inscrições no terceiro andar, e a entrada para o grande salão de baile, onde eram realizadas as reuniões plenárias. Esse era o “plexo solar” e o centro nervoso de todo o Parlamento, senão o lugar de sua função cerebral mais elevada. Alguém poderia entrar em uma das salas onde se realizavam seminários e sair sentindo-se sublime e mentalmente iluminado. Mas lá, no terceiro andar, estava a intensa experiência da vida.

A vida da rua, a vida do bazar. As pessoas se comprimiam, se acotovelavam e se esfregavam, literalmente, contra dúzias de outras, de todas as partes do mundo, que abriam caminho através do saguão trocando toques, permutando aromas, intercambiando olhares, tudo isso num espumante e borbulhante mar de linguagens. Era uma experiência de imersão e tornou-se um ritual diário.

Ali era possível para um indivíduo perder a maior parte de sua separatividade e tornar-se parte de uma vida coletiva mais ampla. Era como estar no meio da confusão dos cromossomos durante a mitose de uma célula. Ouvi pessoas chamarem aquilo de “a colmeia”. As associações simbólicas e mitológicas com abelhas e cortiços nos levaram para o contexto sagrado do amplo e do profundo, falando em comunidade, nutrição, Eros: a dança da vida.



Torso com vidro

Chamarei de Dança do Círculo o símbolo vivo que retirou seu significado da vida coletiva do Parlamento. A dança, que unia a todos, assumiu várias formas notáveis. Os velhos índios americanos, em sua cerimônia de abertura e bênção do Parlamento, ficaram de pé e concentraram suas energias em torno de um centro invisível mas palpável. Seus movimentos assumiram a forma de um círculo, dirigido para as energias sagradas do inconsciente – e do mundo.

Por estarem agindo em nome de todos os presentes e de todas as criaturas da Terra, eles estabeleceram o que muitos sentiram ser, e talvez de fato fosse, o centro moral do Parlamento.

Dois dias depois, durante uma agitada sessão plenária – As Vozes dos Despossuídos –, quando os oradores haviam sido rudemente calados por gritos apaixonados da audiência, e parecia que todos os ideais do Parlamento, por ele mesmo ameaçados, iriam tornar-se um pesadelo, de novo o centro apaziguador, criado pelos índios americanos, foi crucial.

A dança pela paz, que eles começaram no palco, abrangeu sem distinção todas as facções em disputa. Ela logo se espalhou, em linhas coleantes que se estenderam por todo o salão de baile – centenas de pessoas afirmando, *por meio de seus corpos*, sua experiência de unificação e solidariedade. Não foi um

ato de retórica nem uma *performance*. Tinha vindo do fundo do coração. Assim, de um modo importante, como um símbolo compensador da tendência destrutiva da consciência de massa de nosso tempo, o gesto coletivo espontâneo da dança penetrou na divisão entre “ator” e “espectador”. Por meio desse ato o Parlamento despertou para a vida: com um grito.

A dança tornou-se outro *leitmotiv* do Parlamento, uma fonte de afirmação contínua. Acredito que ela mostrou melhor do que qualquer outro gesto isolado que reconciliação significa a integridade do sistema mente-corpo. Em muitas das parábolas de Jesus, como a do filho pródigo, a reconciliação leva aos festejos, à dança e à celebração, ou então a festa é o próprio palco do evento miraculoso. É a dança do explorador que retorna e galvaniza a colmeia em atenção polarizada.

A forma inerentemente dramática da crise do plenário e sua solução pareceram tocar aqueles centros profundos da motivação, onde o sistema-mente e o sistema-instinto se encontram. Essa é a dimensão mítica. Durante a semana, a recordação daquele extraordinário evento trazia sempre de volta a *energia* do momento. Era sempre um ato de comemoração, já o começo de uma mitologia.

A apresentação, pelo Irmão David Stendl-Rast, profeticamente intitulada *A Dança do Grande Círculo: Religião e Religiões*, pareceu abranger e definir com perfeição essa nova possibilidade de reconciliação. O Parlamento terminou com uma dança, que reuniu simbolicamente todos os “dançarinos” das diferentes fés e enviou a energia do Parlamento para o mundo.

OS PORTAIS DO MUNDO – E assim o pórtico, por onde a energia era conduzida através da fronteira entre o mundo do Parlamento, na Palmer House, e o mundo exterior, representou um terceiro conjunto de experiências universais e inevitáveis, que tomaram o aspecto de símbolos vivos. Do lado de dentro, seis mil delegados e participantes trabalhavam com afinco para criar a visão de um futuro sustentável, responsável e sagrado para a Terra e suas criaturas. Muitos foram instados a sacrificar pontos de vista longamente acalentados e a rever toda a posição de suas tradições de fé. Do lado de fora, a vida transcorria como sempre. Na calçada, representantes de grupos fundamentalis-

tas vendiam jornais acusando o Parlamento de adorar o Diabo. Enquanto isso, os jornais de Chicago davam escassa atenção às reuniões, além de levantar pequenos incidentes que causaram escândalo ou divertimento, ou falar da presença de comprovadas “estrelas” da mídia como o Dalai Lama.

Chicago é uma cidade pragmática, uma cidade de homens poderosos. É um lugar cuja identidade mítica essencial permanece a de “carniceiros do mundo”, mesmo tendo tomado a forma contemporânea de “carniceiros futuros” da bolsa de *commodities*. Aqui não é Roma, Jerusalém, Varanasi ou Assis. O contraste não poderia ter sido mais abrupto, e foi esse o pórtico que “mediou” as energias “de dentro” e as “de fora”.

Menciono isso não para destacar o dualismo entre o sagrado e o profano, mas para reconhecer que as paredes do hotel representaram uma fronteira natural entre dois modos de atividade, embora eles possam ser definidos como constituintes de uma das dialéticas fundamentais da evolução humana. As portas giratórias da Palmer House, em permanente movimento (outra dança do círculo) dando para a agitação da rua, simbolizaram a *travessia do limiar* que cada delegado ou participante teve de enfrentar ao retornar às suas próprias sociedades, com sua nova visão de possibilidades sagradas e globais. Essa foi a fronteira do retorno, como a área de recepção e registro havia sido o limiar de entrada.

Tais fronteiras são motivos mitológicos universais, que sempre aparecem em conjunto com a iniciação. Aqueles que foram iniciados no Parlamento tiveram de cruzar o limiar de retorno, de volta ao mundo, para lá encontrar o que Joseph Campbell chama de “fúria dos olhos sóbrios”: o desafio de todos os que *não* viram. Assim, foi de crucial importância, no plano simbólico – o que significa uma profunda energia e um profundo nível de motivação –, que o evento final (o hino de encerramento) tenha sido realizado fora dos limites do hotel, na concha acústica do Grant Park.

Essa foi uma travessia deliberada de limiar, que conduziu a energia do Parlamento para a cidade, e de lá pelo Globo afora, num espírito de nascimento e celebração. Ela completou um ciclo sagrado, iniciático, e mostrou grande sensibilidade para a importância do símbolo e do ritual por parte do comitê organizador do Parlamento. Literalmente a palavra final – o

hino – foi dada, por assim dizer, às vozes eletrizantes do Chicago Soul Children's Choir. A energia foi passada para uma nova geração e daí para o mundo exterior.

A VIDA DE UM SÍMBOLO NA "FLORESTA DOS SIGNOS" –

Os símbolos da colmeia, da dança do círculo e da travessia do limiar nasceram das forças estruturantes implícitas na experiência coletiva que consolidou o Parlamento. Eles apontaram para o começo de algo novo e, por sua presença abrangente, tornaram possível a iniciação.

O que quero dizer é que esses símbolos, que pairaram na base da percepção profunda, ajudaram a criar um acordo entre o intelecto e os sistemas de impulso do corpo. Eles como que puseram tudo para fluir junto, de um modo sutil. Foram símbolos vivos, na medida em que surgiram de imediato para a vida e, por meio da imaginação, proporcionaram *momentum* à ação humana, evoluíram para a interação e continuaram gerando novas experiências.

Foram também religiosos, no sentido de que ajudaram a "religar-nos" (*re-ligio* = re-ligar) àquilo que forma a comunidade humana viva: não apenas um monte de pessoas levantando-se e falando. Reunidos, puderam construir parte de uma mitologia. Mas que espécie de mitologia seria essa? Se fôssemos um povo mitopoiético tradicional, poderíamos juntar os símbolos e imagens que se associaram a partir de nossos mundos interno e externo ao redor desse núcleo, como uma forma de sustentar e concentrar a energia vital da experiência de iniciação, e de comunicar a essência de tudo isso às pessoas que não estiveram lá.

A abelha, a serpente e o pórtico poderiam tornar-se representações em forma de animal e objetivas da idéia. Eles conectam a imagem mítica a um *estatuto* ritual unificado com a sabedoria do corpo e a dos instintos. Poderíamos dançá-los outra vez, trazê-los de volta, mantê-los vivos. O círculo, a fila ondulante e o pórtico como símbolos gráficos teriam o poder de comemorar e reacender nossas energias. Poderíamos economizar nossos símbolos sagrados da mesma forma que os carvões sagrados das lareiras são sempre mantidos acesos. Poderíamos "partejá-los" para que desabrochassem em formas estéticas e culturais.

Neste ponto, há dois perigos para a vida de um símbolo. Segundo creio, eles mostram a exata dificuldade da nossa atual situação. O primeiro perigo já foi mencionado por Joseph Campbell. É o de superinterpretar e tornar concreto o símbolo. Se, em nosso zelo de guardar, proteger e nutrir a experiência sagrada que compartilhamos, declararmos que os símbolos são sagrados *por si mesmos* (a serpente, a abelha, o pórtico, o círculo de fogo), em vez de serem os instrumentos que nos remetem à experiência, teremos cometido o erro fundamental.

Sentiremos então raiva quando alguém, um *outsider*, dessacralizar a nossa insígnia, transformar frases destinadas a recordar-nos do sagrado em absurdos adesivos para automóveis, ou organizar uma subcomissão do Senado para nos investigar. Os velhos muros se levantam. Esse é um assunto muito amplo. O que eu gostaria de frisar aqui é que o *primeiro* problema que surge é a obstrução do próprio fluxo da energia psíquica. É um pouco como o caso das pessoas que se apaixonam, e transformam o momento e o lugar onde se encontram num tal santuário, que a relação acaba não sendo inteiramente vivida no tempo presente.

O segundo perigo é o outro pólo: o risco de que o símbolo seja trivializado, banalizado, profanado; de que ele deixe de ser capaz de evocar respostas profundas em todos nós. Nesse caso, sua forma exterior se transformará em simples decoração, engolida pelo fluxo turbulento e sem significado das imagens. Sua energia terá sido dissipada. Esse é um problema novo e penetrante da nossa vida espiritual, porque a maioria de nós não vive em sociedades tradicionais. E, aqueles que nelas vivem, muito provavelmente acabarão vendo seus mundos entrar em colapso.

Vivemos numa época agitada, em que as imagens têm uma meia-vida de somente uns trêmulos segundos. Aquela visão deslumbrante da Terra no espaço, que maravilhou a todos em 1968, e que muitos afirmaram ser a imagem inaugural de uma nova era de paz global, foi tão superutilizada que perdeu sua capacidade de mobilizar-nos. As imagens evocativas e a música emocionante do filme *2001: Uma odisséia no espaço* foram imediatamente usadas com a finalidade profana de vender molho para salada.

Quando vemos coisas assim acontecerem, sentimo-nos desapontados, mas impotentes para deter a sedução do espírito pelos impulsos comerciais. A Nona Sinfonia de Beethoven e, de modo semelhante, os templos da Ásia, transformaram-se em, no máximo, “estímulos” para destacar produtos. O mundo desenvolvido vive uma verdadeira bulimia de imagens produzidas em massa. Essa é, implicitamente, uma de nossas liberdades. Há uma outra mitologia, totalmente secular, que pertence a *este* mundo e que está à procura de raízes para se firmar como experiência do sagrado. Creio que é a ela que devemos aderir.

HISTÓRIAS E MEME – Nosso papel na história cósmica parece ser o de eternos Aprendizes de Feiticeiros. Nossas criações, como o irreprimível cabo de vassoura que Mickey Mouse anima com sua mágica pueril em *Fantasia*, tendem a assumir em nossas vidas um lugar próprio, bem além das limitadas intenções de seus criadores. Das linguagens e instrumentos aos subcomitês diretores e óperas, elas envolvem, multiplicam, interagem, geram descendentes e se comportam de outros modos, como coisas vivas.

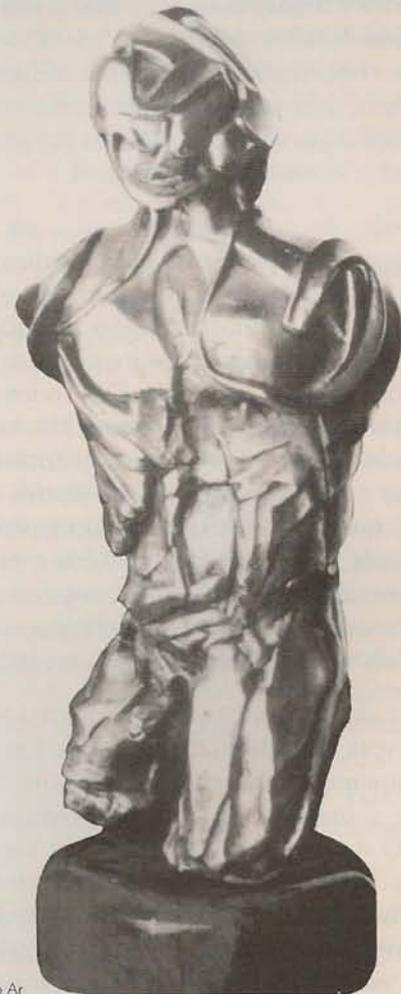
O psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi desenvolveu o que considero a mais intuitiva das abordagens da evolução, no contexto dos artefatos humanos. Trata-se do conceito de *meme*, elaborado para explorar a natureza das produções humanas, incluindo histórias e imagens como formas separadas de vida. Csikszentmihalyi define *meme*, do grego *mimesis*, como “qualquer modelo permanente de tema ou informação produzido por um ato de intencionalidade humana. Assim, um tijolo é uma *meme*, como o é o *Requiem* de Mozart. As *memes* vêm ao ser quando o sistema nervoso humano reage a uma experiência e a codifica numa forma que pode ser comunicada aos outros”.

O problema central – assinala ele – é que, embora no momento de sua criação a *meme* seja parte de um processo consciente, dirigido pela intencionalidade humana, imediatamente depois ela começa a reagir com a consciência do seu criador e a transformá-la. “Uma vez livre de seus criadores, será que as *memes* continuam a servir às nossas finalidades?”, pergunta Csikszentmihalyi, que as compara aos alelos genéticos e vislumbra aí uma analogia útil.

As *memes* também obedecem às regras evolucionárias da competição, da diversificação de formas e *habitats* e, aparentemente, orientam-se para a sobrevivência. Observa Csikszentmihalyi:

A informação contida nas memes é passada adiante por mecanismos diferentes dos envolvidos na transmissão genética. As memes só precisam da nossa mente para se nutrir e duplicar imagens de si mesmas em nossa consciência. Uma melodia atraente que ouço no rádio pode viver em minha mente durante dias, sobrevivendo nela graças à energia psíquica que lhe dedico. Se a melodia é suficientemente boa, outros poderão me ouvir assoviando-a e tomá-la para si próprios.

Mesmo se meramente tomado como uma metáfora útil, o conceito de Csikszentmihalyi abre a possibilidade de finalmente investigar Mickey e o cabo de



Elemental do Ar

vassoura num contexto científico, não dominado pelos contorcionismos retóricos da Madison Avenue² ou pela agenda política subjacente do desconstrucionismo.

AS IMAGENS, O SAGRADO E O NOVO PARADIGMA – Estamos numa época de mudança paradigmática profunda, de transição de uma civilização para outra, em que todos os nossos valores sociais e culturais serão transformados. A questão mais importante é saber se o paradigma mudará com rapidez suficiente para sistemas novos e mais adequados, e se as novas instituições entrarão “no ar” antes que as velhas entrem totalmente em colapso total.

Haverá um novo modo de salvar-nos de nossas atuais loucuras? Nossos modelos de interação com a mídia constituem uma das chaves que irão determinar a rapidez e a amplitude com que o novo paradigma de possibilidades globais será “visto”. Isso acontece porque concedemos à mídia um tremendo poder de influência, seja para fazer-nos embarcar nos modelos do velho paradigma, seja para preparar o terreno no qual o novo se tornará visível.

A questão de como interagimos com a mídia é mais complexa do que temas mais localizados, como saber que lado ela favorece nas questões políticas, ou se as visões das minorias estão adequadamente representadas, ou se podemos exigir mais sensatez e menos violência das redes de TV. Todos esses são elementos importantes no contexto. Mas uma aprendizagem mais ampla, nos últimos 30 anos de estudo, mostra que a mídia representa contextos dentro de contextos, que se condicionam mutuamente de forma intrincada com os vastos círculos representados pela economia, política, cultura, dogmas religiosos, costumes sociais etc. Essa é a participação da mídia de massa no *momentum* sinérgico da totalidade.

O que tudo isso tem a ver com o novo paradigma? As mudanças paradigmáticas acontecem quando o conhecimento é redimensionado num novo contexto, que é mais vívido e mais motivador do que o antigo. O novo contexto, como uma imagem mítica, é mais “charmoso”: é convidativo para a libido. Como a libido coletiva flui na direção da nova imagem, em vez de seguir caminhos já trilhados, vemos numa nova “realidade”. O ponto de partida será

reenquadrar o que nos é familiar, de modo que possamos ver por dentro uma “realidade” para a qual éramos antes cegos.

Acredito que as atuais tradições de fé estão adotando uma posição de reforço a uma nova harmonia religiosa, na qual o nível mais profundo de cada religião seja um espelho para as demais. A atual mistura de culturas significa um contato aumentado entre as fés e casamentos entre elas. A experiência espiritual direta e a ênfase nas religiões pessoais, em vez das institucionais, está se tornando o real movimento espiritual de nossa época. Com essa penetração no diálogo criativo, queremos mostrar que agora estamos adotando um ponto de vista essencialmente mitológico em relação à experiência, seja ela considerada sagrada, secular ou profana por nossas tradições religiosas.

O ponto de vista mitológico sugere que o sagrado é o que está acontecendo aqui e agora, por meio da profundidade perpetuamente auto-reveladora e da dimensão misteriosa de nossa experiência direta, embora ajustada às diferentes inflexões e às ênfases diversas das nossas muitas culturas. O que as tradições de fé têm a oferecer nesse contexto é ligar-nos a essa totalidade por meio de seus símbolos vivos – e por meio da inabalável conexão com a base do nosso ser, diretamente proporcionada pela experiência mística e, indiretamente, por meio dos rituais e da arte sacra.

É tarefa das tradições de fé fornecer uma base que possa contrabalançar nossa tendência moderna para a aceleração, o desenraizamento e a desumanização. Nesse esforço, esperamos que elas se unam; que reconheçam que os horizontes culturais de suas origens estão rompidos; que ponham de lado, para o bem de nossa humanidade comum, as suas demandas excludentes; que busquem juntas, a partir da sabedoria profunda compartilhada, os novos símbolos; e que reúnam as muitas linguagens simbólicas numa força unificada para o bem.

Ou fazem isso, ou acabarão sendo marginalizadas como pitorescas relíquias culturais. Ou fazem isso, ou terão de submeter-se a uma *outra* linguagem simbólica, também evocadora do desejo humano. Essa linguagem, com seu canto de sereia dos cartazes e comerciais de televisão, não tem profundidade sacra e é basicamente destrutiva para a Terra e suas criaturas.

O discurso desumanizado do pragmatismo econômico míope, a retórica da massa e da estatística, a linguagem da sedução do espírito por apetites programados, controlarão, por outro lado, o debate sobre o nosso caminho para o futuro. Qual será a resposta das tradições religiosas? Encontrarão elas o seu ponto de unidade, voltarão as chamas de sua verdade para fora, na direção do diálogo mais amplo, como a insígnia do Parlamento nos apressa a fazer? Acho que foi Benjamin Franklin, em outro momento-chave na história, que disse: "Se não nos protegemos mutuamente, seremos enforcados separadamente".

De todo modo, volta sempre a questão do relacionamento. Poderemos manter nossos relacionamentos mútuos com o nosso mundo e com o mistério de estarmos vivos e em movimento? Poderão as nossas raízes nas tradições religiosas continuar a conduzir-nos – agora mesmo, neste momento eterno – para a Base, para o Tao?



Atelier do Artista

De volta da Alemanha, caminho à beira do lago, do Lago Michigan – o meu lago, que em si mesmo é uma presença mítica em minha vida e vai evocando o grande sentido do mistério, à medida que suas cores mudam continuamente contra o horizonte infinito. O tempo hoje está cinzento e tempestuoso. Grandes bandos de patos surgem ao longe. São bandos de mais de uma centena que passam, pousam, voltam a voar.

Lá fora, vejo também pequenos caiaques. Tento imaginar o que estarão fazendo naquele lugar, num dia como este. Por quinze minutos, parecem imóveis. Talvez estejam só olhando as aves, mas é possível que estejam com problemas. Podem estar em dificuldades, mas não estão perdidos. Estão no meio da beleza. Se necessário, posso pedir a alguém que chame a Guarda Costeira. Entretanto, enquanto caminho relembro o poema de uma mulher esquimó, um verdadeiro "poema do nosso clima", que parece ser muito esclarecedor:

Penso de novo
em minhas pequenas aventuras
quando, com vento de popa, saí
em meu caiaque
e pensei que estava em perigo.
Meus medos,
aqueles bem pequenos,
e que eu achava tão grandes,
eram por causa de todas as coisas importantes
que eu tinha de conseguir.
E no entanto
só há uma grande coisa:
viver e ver, em cabanas e em viagens,
o grande dia que amanhece,
e a luz que invade o mundo. ▲

NOTAS DO TRADUTOR

1. Wald = floresta (em alemão no original).
2. O autor se refere à avenida Madison, em Nova York, onde se concentram as principais agências de publicidade americanas.

PATRICE GUILLAUME

MITO: METÁFORA E MAGIA

*Uma abordagem criativa
– cujas aplicações à educação são óbvias –
coloca os hemisférios cerebrais,
a palavra e a arte de contar histórias
numa nova dimensão*



Cabeça III em pedras preciosas

PATRICE GUILLAUME é Ph.D. em psicologia e faz parte do *The Change Project*, uma iniciativa transdisciplinar com sede na Califórnia, EUA.

Nosso cérebro tem dois hemisférios, o direito e o esquerdo. Eles funcionam de modo diferente em sua capacidade de processar informação. O hemisfério esquerdo é analítico, lógico e linear. O direito é, segundo Paul Watzlawick, “uma estrutura altamente especializada para lidar com relações complexas, modelos, configurações e estruturas”. Enquanto o cérebro esquerdo é capaz de esquecer a floresta pelas árvores, o direito pode se perder no pensamento abstrato e ter dificuldade de lidar com questões específicas.

Na prática, integramos ambos os modos de processar informação, e é isso que nos ajuda a lidar com o cotidiano. É verdade que os artistas confiam mais nos processos de pensamento do cérebro direito para criar, mas não é menos correto que eles precisam da capacidade analítica do esquerdo para determinar que métodos e materiais serão mais úteis para dar vida às suas criações.

Paul Watzlawick, associado e principal pesquisador do Mental Research Institute, em Palo Alto, Califórnia, observa que é importante, no contexto da situação terapêutica, respeitar os diferentes modos pelos quais cada hemisfério processa a informação. Ele sugere que os objetivos e mudanças desejados pelas pessoas, e que as levam a procurar a terapia, podem ser alcançados mais facilmente se as necessidades de ambos os hemisférios forem atendidas.

Segundo Watzlawick, a psicoterapia tradicional – que utiliza a abordagem analítica típica do pensamento do hemisfério esquerdo – pode se beneficiar da complementação pelos métodos do hemisfério direito. Ao longo deste artigo, falaremos dos processos que permitem uma comunicação mais direta com esse hemisfério.

Jerre Levy e seus colaboradores trabalharam intensamente com indivíduos que sofreram comissurotomia. Trata-se de uma técnica cirúrgica que secciona o corpo caloso, estrutura que liga os dois hemisférios cerebrais e permite que a informação flua entre eles. Do ponto de vista funcional, a comissurotomia impede a comunicação entre os dois cérebros. Examinando os resultados dessa técnica, os pesquisadores têm sido capazes de estudar como cada lado do cérebro funciona independentemente do outro.

Levy caracteriza a estratégia de processamento da informação pelo hemisfério esquerdo como analítica, enquanto que o hemisfério direito trabalha de modo holístico. Num de seus experimentos, ela e seus colaboradores expuseram uma fotografia à avaliação de cada hemisfério cerebral enquanto o indivíduo recebia instruções ambíguas, no sentido de cotejar a foto com outras que iam sendo mostradas. Descobriram que o hemisfério esquerdo complementava as fotos dos objetos com suas funções (por exemplo: a foto do bolo com a da colher ou garfo), enquanto o hemisfério direito complementava os quadros pela aparência (por exemplo: a foto do bolo com a de um chapéu).

AS DUAS ORDENS DA REALIDADE – Watzlawick relaciona o processamento dos hemisférios direito e esquerdo ao que chama, respectivamente, de “realidade de primeira ordem” e “realidade de segunda ordem”. Isso pode ser demonstrado numa cena de um filme recente, *Rain Man*, no qual Dustin Hoffman faz o papel de Raymond, um idiota sábio. Raymond está de pé numa esquina. O sinal de pedestres abre e ele desce do meio-fio e começa a atravessar a rua. Mas, antes que consiga chegar ao outro lado, o sinal de pedestres fecha e isso o faz parar. Momentos depois o sinal abre para os veículos e todos começam a buzinar. O motorista de um caminhão desce e tenta, fisicamente, tirar Raymond da rua.

Watzlawick sugere que nossa realidade de primeira ordem (objetiva) inclui a parte de nossa experiência que pode ser conhecida por meio dos sentidos – em outras palavras, os fenômenos que podemos ver, ouvir, cheirar, degustar e sentir. Nesse caso, a realidade de primeira ordem de Raymond inclui a visão do sinal para pedestres aberto e fechado.

A realidade de segunda ordem é de natureza subjetiva. Ela inclui pensamentos, sentimentos, interpretações e opiniões que temos a respeito da realidade de primeira ordem. A realidade de segunda ordem de Raymond parece ser a interpretação de que ele deve seguir instruções ao pé da letra. O sinal fechou; logo, ele parou.

Raymond agora está prestes a ser fisicamente retirado da rua pelo motorista do caminhão. O que está acontecendo? Acho que tanto ele como o motorista podem estar de acordo quanto à realidade de primeira ordem – o sinal de pedestres na verdade mudou do verde para o vermelho. O ponto em que eles discordam é a realidade de segunda ordem, ou seja, a interpretação da realidade de primeira ordem. Raymond e os motoristas estão altercando porque têm idéias diferentes sobre a adequação de ficar em pé no meio da rua atrapalhando o trânsito. Poderíamos interpretar essa situação de outros modos. Há pelo

menos três respostas viáveis: voltar, correr para a frente ou caminhar vagarosamente pela rua.

Watzlawick acredita que a maioria das pessoas que buscam psicoterapia tem uma discrepância entre suas realidades subjetiva e objetiva – “elas sofrem por causa de sua imagem de mundo: devido à contradição não-resolvida entre o modo como vêem as coisas e o modo como acham que elas *deveriam ser*”. Mais frequentemente, diz ele, o objetivo da terapia é mudar de uma visão de mundo subjetiva para uma que pareça mais objetiva. Imaginemos, por exemplo, uma mulher que acha que existe um “abismo de gerações” e que isso é mau. Essa crença faz parte de sua realidade de segunda ordem. Quaisquer dificuldades que ela venha a ter com seu filho adolescente, serão interpretadas como mais um sinal desse abismo – e então sua realidade de segunda ordem interferirá constantemente com sua capacidade de ver o que o filho está realmente fazendo. Em consequência, terá dificuldades para lidar com o mundo de modo direto e eficaz.

Para Watzlawick, nossa realidade objetiva faz parte do domínio do hemisfério cerebral esquerdo, enquanto a subjetiva, ou de segunda ordem, reside no hemisfério direito. Isso parece ser apoiado pelos pesquisadores que trabalharam com separação de hemisférios, como Michael Gazzaniga e Joseph LeDoux. No livro *Cérebro direito, cérebro esquerdo*, os autores Springer e Deutsch discutem a conclusão a que chegaram em sua pesquisa:

“Gazzaniga e LeDoux vêem nesses resultados uma sugestão de que a maior tarefa do “self verbal” (o hemisfério esquerdo) é construir uma realidade baseada em nosso comportamento real. Eles acham que os mecanismos verbais nem sempre têm o privilégio de conhecer a origem de nossas ações e podem atribuir causas a atos aos quais não têm acesso: é como se o “self verbal” olhasse para fora, visse o que a pessoa está fazendo e, a partir desse conhecimento, interpretasse a realidade. Levantam ainda a questão de se na verdade sabemos de onde vêm nossos muitos diferentes comportamentos.”

DOIS CÉREBROS, DUAS LINGUAGENS – Parece, portanto, que a origem de nossos comportamentos está no cérebro direito, enquanto ao cérebro esquerdo – ao “self verbal” – é reservada a tarefa de justificá-los. Ao que tudo indica, abordagens terapêuticas orientadas em termos de hemisfério esquerdo, com o fim de produzir modificações comportamentais, estão fora de rota. Se o cérebro direito é o responsável por nossos comportamentos, por que não queimar algumas etapas e entrar em comunicação direta com ele?

Como fazer isso? Quais os diferentes modos de entrar em comunicação com um e outro hemisfério? Segundo Watzlawick, as duas metades do cérebro falam linguagens diferentes. O fato de essas “linguagens” existirem sugere muito fortemente que elas devem representar duas *imagens de mundo* bem diversas, porque a linguagem não *reflete* a realidade: ela a *cria*.

As linguagens acima mencionadas são a digital e a analógica. A digital refere-se ao funcionamento do cérebro esquerdo. A analógica relaciona-se ao modo operativo do hemisfério direito. A comunicação analógica inclui linguagens figurativas, trocadilhos, piadas, metáforas, poesia, ambigüidades e alusões, bem como modos de comunicação não-verbal, como postura, gestos, expressões faciais, inflexões vocais e a seqüência, ritmo e cadência das palavras. A comunicação analógica é de natureza descritiva: mitos, metáforas, sonhos e fantasias – tudo isso tem a ver com a forma como o mundo é percebido pelo nosso hemisfério cerebral direito.

“Hui Zi está sempre usando parábolas”, queixou-se um súdito ao príncipe de Liang. “Se o senhor o proibir de falar assim, pode ser que ele se torne mais claro no que diz.”

O príncipe concordou. No dia seguinte, ao ver Hui Zi, disse-lhe: “De agora em diante, fale de modo direto e não por parábolas”.

“Suponha que um homem não saiba o que é uma catapulta. Se ele lhe perguntasse com o que ela se parece, e se o senhor lhe dissesse que ela se assemelha a uma catapulta, será que ele entenderia?”, perguntou Hui Zi.

“Claro que não”, respondeu o príncipe.

“Mas suponha que você lhe dissesse que uma catapulta se parece com um arco, e que é feita de bambu. Será que ele entenderia melhor?”

“Sim, seria mais claro”, admitiu o príncipe.

“Comparamos algo que uma pessoa não sabe com algo que ela sabe para ajudá-la a entender”, disse Hui Zi. “Se o senhor não me deixar usar parábolas, como poderei lhe explicar as coisas com clareza?”

O príncipe reconheceu que ele estava certo.

Nesse exemplo, Hui Zi demonstrou com elegância o modo analógico de comunicação do cérebro direito. Ao usar esta história em meu artigo, estou também utilizando a compreensão de mundo desse hemisfério, para tornar claro este tópico. Eis um pequeno exemplo de como podemos nos comunicar melhor por meio de histórias, anedotas ou mitos. Na realidade, essa é uma maneira de ensinar que vem sendo usada desde os primórdios da existência humana.

A METÁFORA COMO LINGUAGEM SIMBÓLICA – A metáfora é uma forma de linguagem simbólica, usada há séculos como método de ensino em vários campos. As parábolas do Velho e do Novo Testamento, a escrita sagrada da Cabala, os *koans* do Zen Budismo, as alegorias da literatura, as imagens da poesia e os contos de fadas dos contadores de histórias – todos usam a metáfora para transmitir as idéias de um modo indireto e, paradoxalmente, mais compreensível.

Acho que a incrível popularidade de pessoas como Joseph Campbell, Lynn Andrews e Robert Bly mostra o anseio que temos pelo método experiencial do



Penélope

hemisfério cerebral direito. Segundo Campbell, as grandes mitologias do mundo, expressem elas a imagem de Jesus na cruz, os contos de Homero, os escritos de Lao Tzu, as modernas imagens do Super-homem ou a trilogia de *Guerra nas Estrelas*, não representam uma procura do significado da vida: “Não acho que seja isso que elas realmente estão buscando. Penso que o que procuram é a experiência vital, para que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, entrem em ressonância com o que há de mais profundo em nosso ser – para que possamos sentir realmente o êxtase de viver”, observa o mitólogo.

Não é a isso que as terapias se propõem – dar ao cliente a experiência de si mesmo como uma pessoa diferente, para que ele possa sair para o mundo e agir com coerência? Minha educação religiosa consistiu em aprender “fatos”, como uma preparação para desafios futuros. Será que esse método de aprendizagem contribuiu para que eu agora veja pouca utilidade na religião? Será que minha experiência teria sido diferente, se eu tivesse sido convidada a vivenciar as histórias – participar da mitologia que forma a base dos ensinamentos religiosos?

Esse é o poder dos mitos, histórias e metáforas no contexto terapêutico: eles carregam significados diretamente para a consciência de quem os ouve. Uma afirmação expressa nos termos do cérebro esquerdo conduz somente um significado – a literalidade das palavras. Como esta, que diz: “A voracidade é destrutiva”. Entretanto, o conto do rei Midas encerra valores bem mais amplos, incorpora idéias sobre o que são valores verdadeiros, como nós os percebemos, como poderemos conseguir o que buscamos, e mesmo sugestões sobre nossas relações com as crianças. As histórias são experienciais, e seu significado depende das necessidades e da situação de vida de quem as ouve.

Quando lemos sobre Parsifal sentado ao lado do Rei Ferido, incapaz de encontrar o Graal por causa de sua cavalheiresca reticência em formular questões simples, percebemos que podemos entrar em ressonância com o significado da história sempre que tivermos uma experiência semelhante – uma situação na qual, por exemplo, tivermos perdido algo importante porque deixamos de expressar nossas necessidades. Entraremos em sintonia com esses significados, estejamos ou não conscientes da complementaridade entre eles e nossa experiência, mesmo que conscientemente neguemos que haja qualquer relação. As histórias falarão à parte de nós que realmente sabe.

A história da Humanidade está repleta de histórias e ensinamentos valiosos. Quando possível, portanto, muitos terapeutas têm julgado útil adaptar seus métodos de contá-las, para criar metáforas que se apliquem mais especificamente aos seus clientes.

A BUSCA TRANSderivACIONAL – Por que o mito e a metáfora têm tanto poder de ajudar-nos a encontrar



Elemental VIII

nossos caminhos? Em seu livro *Metáforas terapêuticas*, David Gordon identifica a sintaxe da metáfora que a torna capaz de influenciar o ouvinte. Talvez o conceito mais importante para o entendimento da utilidade das metáforas seja o de *busca transderivacional*.

Cada um de nós tem um modelo particular de mundo. Você e eu podemos entender o conceito de cachorro, mas nossas experiências prévias com cães são unicamente nossas. Por

exemplo, quando você pensa em “cachorro”, o que lhe vem à mente? Um cão grande, pequeno, amigável, violento, preto, marrom, de pêlos longos ou curtos? Você pensa num animal de estimação específico, ou talvez seja um cão que um dia o assustou? Esse processo vem sendo chamado de busca transderivacional. Por meio dela você pesquisa a sua experiência passada para identificar, em seu modelo de mundo, o que representa um cachorro.

É precisamente esse processo de relacionar *inputs* sensoriais presentes com o modelo interno de mundo de cada um que faz com que as metáforas sejam agentes de mudança tão poderosos. Quando ouvimos uma história damos início a uma busca transderivacional, com o objetivo de atribuir sentido ao que ouvimos. Se a história “bate” com alguma coisa significativa de nossa vida, os elementos do enredo adquirirão um novo significado.

Como pode o terapeuta facilitar essa complementação entre a metáfora e o cliente? Em primeiro lugar, a história deve ser isomórfica com as necessidades do indivíduo. Em outras palavras, ela deve conter elementos que sejam análogos ao problema apresentado pela pessoa que procura ajuda. Por exemplo, uma história sobre um elefante de circo, que primeiro tem dificuldade e finalmente aprende a reter água em sua

tromba, contém alguns dos elementos necessários para ajudar uma criança que urina na cama.

Os Usos da Ambigüidade – O contador de histórias pode influenciar mais facilmente o ouvinte se escolher palavras ambíguas. A razão disso é que ele se empenhará na busca transderivacional do significado da história. Palavras excessivamente específicas podem criar uma inadequação entre a narrativa e a experiência interior de quem as ouve.

Como criar ambigüidade? Lembre-se de que o contador de histórias tenta dar um ritmo à experiência interior do ouvinte. Quando uma determinada informação não for importante para o enredo, é melhor que quem conta use palavras de sentido o mais amplo possível, para atender à experiência pessoal de quem escuta. Como regra geral, devem-se escolher palavras que facilitem a continuação da experiência interna do ouvinte.

Um método recomendado por David Gordon é a utilização de palavras que não sejam “indicadores referenciais”, isto é, que não se refiram especificamente a algum conteúdo da experiência do ouvinte. A utilização dessas palavras permite que o ouvinte ponha mais de sua própria experiência no processo. Imagine que estou contando uma história e digo: “John está escondido no armário, esperando para atacar sua esposa”. Se nesse momento você estiver pensando em alguém ameaçador, que o esteja aguardando no porão, sentirá que não há sintonia entre a sua experiência interna e a história que estou contando. Gordon sugere a utilização de palavras ambíguas, sempre que as informações específicas não forem pertinentes à história. Isso resultará em experiências mais positivas para o ouvinte.

É também importante usar verbos inespecíficos, pela mesma razão. A afirmação “John entrou no armário” permite uma ampla gama de possibilidades congruentes com a experiência interior de quem escuta.

NOMINALIZAÇÕES – As nominalizações são outro instrumento útil. Consistem em usar palavras-processo, que podem levar a coisas ou eventos. Alguns exemplos: “alerta”, “sentir”, “terror”, “percepção”, “confusão”, “pergunta”, “ferimento”. Essas palavras estimulam o ouvinte a fazer uma busca transderivacional para obter mais informações. Terror do quê? Questão sobre o quê ou quem? Qual é a minha percepção?

Ao contar histórias, pode ser interessante marcar as informações que possam ser úteis para quem escuta. Diretivas embutidas e outras informações podem ser especificamente assinaladas, mudando-se o volume da voz, seu tom e tempo, ou utilizando a comunicação não-verbal. Por meio do contexto de uma história é possível superar defesas cerebrais e falar diretamente ao cérebro direito.

Por exemplo, imagine que um terapeuta diz: “Sabe, acabo de ter uma experiência estranha. Um homem chegou perto de mim, falou *Relaxe Completamente* e depois foi embora”. Você pode imaginar isso? O que geralmente acontece, quando dizemos a uma pessoa ansiosa ou tensa que relaxe? Na minha experiência, dizer a alguém para relaxar geralmente produz o resultado contrário. Mas se marcarmos a informação – para que ela seja “ouvida” pelo cérebro direito – conseguiremos, com freqüência, bons resultados.

A literatura contém muitos bons exemplos dessa técnica. Por exemplo, uma família pediu a Milton Erickson para atender a um homem chamado Joe, que estava morrendo de câncer, e cujas dores os medicamentos não eram mais capazes de aliviar. Erickson começou a contar a ele uma história sobre tomateiros. Note as palavras que ele marcou para beneficiá-lo:

“Vou conversar confortavelmente, e espero que você também me ouça confortavelmente, porque vou falar sobre um tomateiro. É um assunto esquisito: faz a gente ficar curioso. Por que falar sobre um tomateiro? Esperamos que ele cresça, e nos dê satisfação com seus tomates. A semente absorve água, e não tem muita dificuldade em fazer isso, porque as chuvas lhe trazem paz, conforto e a alegria de se desenvolver e

dar flores e tomates. A pequena semente, Joe, cresce vagarosamente e dela brota uma pequena raiz com um cílio. Você pode não saber o que são cílios, mas eles são coisas que funcionam para ajudar no crescimento dos tomates...”

Note que Erickson aprofunda a busca transderivacional, ao assinalar uma experiência que ele suspeita que Joe está tendo: “Por que falar de um tomateiro?”. Isso leva Joe a aprofundar-se em sua experiência interna.

CRIANDO METÁFORAS BEM-SUCEDIDAS – Agora que compreendemos a utilidade das metáforas, vamos explorar alguns dos ingredientes necessários à criação de estruturas metafóricas bem-sucedidas. Em seu livro *Metáforas terapêuticas para crianças e para a criança interior*, Joyce Mill e Richard Crowley propõem que para ser útil uma metáfora terapêutica deve:

1. Mostrar metaforicamente o conflito.
2. Demonstrar processos inconscientes.
3. Apresentar situações paralelas de aprendizagem.
4. Revelar metaforicamente a crise.
5. Desenvolver um novo senso de identificação (sucesso em vez de fracasso).
6. Celebrar e reconhecer o valor da criança.

Para fins de demonstração usarei uma das metáforas acima mencionadas, mostrando como essas seis etapas podem ser percorridas.

Etapa 1. O conflito a ser trabalhado é o de uma criança de dez anos que costuma urinar na cama. O terapeuta decidiu usar um elefante como representação. A criança deseja aprender a controlar sua bexiga durante o sono e o elefante quer aprender a reter água em sua tromba.

Etapa 2. A demonstração de processos inconscientes requer a definição do que está produzindo a dificuldade. Nesse caso a criança não tem, durante o sono,

controle muscular suficiente para não molhar a cama. Essa dificuldade é trabalhada na metáfora a ser construída, discutindo os problemas que um jovem elefante enfrenta para aprender a reter água em sua tromba durante algum tempo.

Etapa 3. A apresentação de situações paralelas de aprendizagem inclui a discussão de outras épocas da vida do elefante, tempos em que ele não era capaz de fazer certas coisas, e religá-las à experiência de aprendizagem. Houve um período em que o bebê-elefante não sabia como controlar sua tromba para evitar tropeçar nela enquanto andava. Naquele tempo ele não sabia fazer isso, mas agora sabe.

Etapa 4. A crise metafórica fornece a energia para a mudança. Na metáfora há um incêndio no circo, e o jovem elefante é a única “pessoa” por perto. Ele tem de encher sua tromba com a água de um lago próximo, retê-la enquanto caminha de volta ao local do incêndio e jogá-la sobre as chamas.

Etapa 5. O desenvolvimento de um novo senso de identificação requer uma auto-redefinição. Em vez de ver a si mesmo como um elefante incapaz de reter água na tromba, a criança agora é o animal que apagou o incêndio. Por causa de sua habilidade, foi capaz de apagar o fogo e salvar o circo.

Etapa 6. O passo final – celebrar e reconhecer o valor da criança – é dado fazendo com que todos os animais do circo reconheçam as habilidades recém-adquiridas do elefante. Os animais e o pessoal dão também um prêmio ao bravo elefantinho, por ter salvo a todos.

OUTROS USOS TERAPÊUTICOS DA METÁFORA – As situações em que a intervenção metafórica pode ser valiosa são inúmeras. Como vimos na história acima, as metáforas podem ser utilizadas para lembrar a uma pessoa a sua capacidade de aprender. Podem também ser utilizadas para demonstrar as possíveis soluções de um problema. Vejamos algumas outras possibilidades.



Torso

Ajudar as pessoas a se auto-reconhecerem é um dos usos eficazes das metáforas. Um indivíduo pode apresentar certas características prejudiciais à sua eficácia em determinadas situações. Um amigo meu está tendo dificuldades para se comunicar com um colega de trabalho. Acontece que estou em posição de saber que esse colega o percebe como despótico e arrogante. Acho que meu amigo não vai gostar de me ouvir – não importa o quanto bem-intencionada eu seja – se eu lhe disser que ele é percebido dessa forma. Ele me ouvirá melhor se eu lhe contar uma história a respeito de um outro “amigo” e dar-lhe uma oportunidade de ver por si mesmo a situação.

As metáforas podem ser utilizadas para controlar a relação terapêutica. Se o terapeuta desejar evitar uma determinada resposta, pode começar a sessão contando uma história sobre como foi frustrante a consulta anterior. Pode dizer: “Ele dá sempre as mesmas respostas, ele sempre diz que” (preencher com a resposta indesejável).

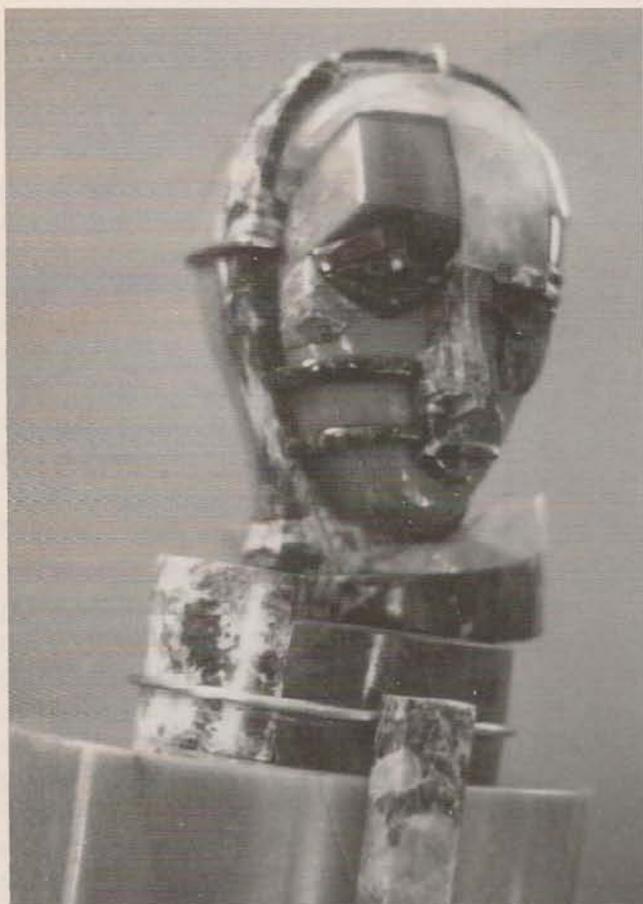
As metáforas são um modo maravilhoso de ajudar as pessoas a redefinir ou reenquadrar seus problemas. Uma história de que meus filhos gostam muito é a de uma gata muito mimada, que só sabia exigir cuidados. Quando sua dona morreu ela ficou vagabundando pelas ruas de Paris, à procura de alguém que a adotasse. Um gato vadio a tomou sob sua tutela e a ensinou a viver por si própria. No fim da história ela se torna independente e capaz de tratar da sua vida: havia conseguido redefinir seus problemas. No começo a questão era: quem vai cuidar de mim? No fim, ela a havia redefinido: como vou cuidar de mim mesma?

Há muitas formas de entrar em contato com o hemisfério cerebral direito. Erickson passava com frequência “lições de casa” para seus pacientes, com o objetivo de fazer com que eles trabalhassem existencialmente os seus problemas. Ele tinha, por exemplo, uma cliente que cultivava violetas africanas. Em vez de se referir diretamente à sua queixa de solidão, Erickson deu-lhe a tarefa de ler os jornais e anotar os nascimentos, os casamentos, quem chegava à cidade etc. A tarefa consistia em mandar violetas para essas pessoas. Ao longo da terapia, ele e a cliente jamais tiveram de se referir diretamente à solidão dela.

Muitos terapeutas usam o desenho como uma maneira de confrontar as dificuldades de seus clientes. Crowley e Mills relatam bons resultados com a tática de pedir a seus jovens pacientes que desenhem suas dificuldades. Em seguida, eles devem desenhar a situação resolvida e finalmente traçam uma ponte, onde estão representadas as providências necessárias para a passagem da dificuldade à solução.

As histórias têm uma grande variedade de aplicações, dependendo das necessidades do ouvinte. Por exemplo, a seguinte descrição de como aprendemos a andar, contada por Erickson, pode ser usada em muitas situações. Em primeiro lugar, lembre ao ouvinte que ele sabe aprender. Isso também acentua a capacidade que as pessoas têm para dedicar-se a tarefas novas. O indivíduo pode familiarizar-se com a sensação de sucesso, pode ser levado de volta a uma época em que ele não se sentia tão limitado.

“Você não sabe o que faz quando anda. Você não sabe como aprendeu a ficar em pé. Você aprendeu segurando em alguma coisa e puxando o seu corpo para cima. Isso pressionou as suas mãos – e,



Guerreiro em pedras preciosas

acidentalmente, você descobriu que podia pôr o peso do corpo sobre os pés. Essa é uma coisa espantosamente complicada, porque seus joelhos poderiam ceder – e, mesmo que eles pudessem ficar retos, seus quadris também poderiam ceder. Então você cruzou os pés. E não pôde ficar de pé, porque os joelhos e quadris poderiam ceder. Seus pés estava cruzados – e logo você aprendeu a apoiar-se – levantou-se e teve o trabalho de aprender a manter seus joelhos firmes – um de cada vez. Assim que você aprendeu isso, teve de aprender também como dar atenção aos quadris e a mantê-los firmes. Depois, você percebeu que tinha de aprender a estar atento e a manter seus quadris e joelhos firmes ao mesmo tempo...”

Abreviei muito essa metáfora em vista das finalidades deste artigo. Mas ainda assim ela deixa claro como é realmente complicada a tarefa de aprender a andar. Esse é um meio muito elegante de relembrar às pessoas do que elas são capazes, se fizerem as coisas passo a passo.

Tenho ouvido dizer que se explicarmos o significado de uma metáfora destruiremos o seu valor, porque isso a retira da constelação de significados do

cérebro direito e a leva para os significados isolados do cérebro esquerdo. No parágrafo anterior tentei explicar o valor do processo metafórico e apresentá-lo. Ao tentar quantificar o valor da metáfora, porém, meu cérebro esquerdo reduziu a experiência a um significado único.

Assim como podemos tomar uma experiência rica e reduzi-la a um único significado, podemos também tomar uma idéia única e enriquecê-la. Quando pensamentos e idéias são expressos na linguagem do cérebro direito, eles conduzem uma quantidade inesperada de informação – desde que o ouvinte e o contador das histórias estejam pondo no processo sua experiência total de vida.

A utilização do mito, da metáfora e de outras formas de comunicação do cérebro direito melhorou muito minha habilidade comunicativa. Minha capacidade de usar a linguagem do hemisfério cerebral direito para expressar idéias me assegura que as pessoas com quem falo retirarão da interação o que precisarem. Por essa razão, penso que a capacidade de entrar em contato com o cérebro direito é essencial para que qualquer estilo terapêutico seja realmente eficaz. ▲

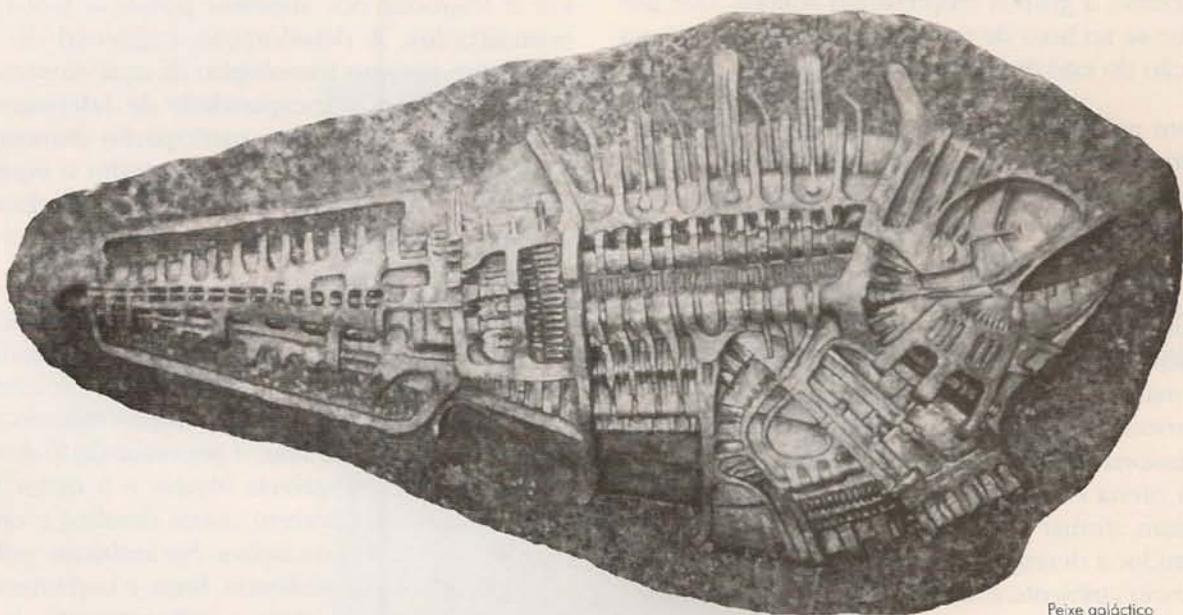
NOTAS DA REDAÇÃO

1. Este artigo integra a *home page* do *The Change Project* na Internet (URL: www.well.com/~bbear).
2. A autora está à disposição dos interessados para trocar idéias e informações e pode ser contatada no *site* acima, ou por meio do E-mail: chryslis@well.com
3. Este artigo inclui uma bibliografia. Os leitores interessados em obtê-la devem entrar em contato com a nossa redação por carta ou fax.

AILTON BOMFIM BRANDÃO

MARKETING DE PAZ

Criticado por uns, endeusado por outros, o marketing é uma característica inegável da sociedade contemporânea. Útil para organizações de todos os tipos, inclusive as religiosas e filantrópicas, enfrenta o desafio de colocar-se também a serviço da espiritualidade e da paz no mundo



Peixe galáctico

AILTON BOMFIM BRANDÃO é administrador de empresas e diretor de *marketing* editorial da Editora Atlas (São Paulo). É tradutor de livros de administração, destacando-se *Administração de Marketing* (P. Kotler), texto internacionalmente utilizado por empresas e universidades.

Desde o trabalho de Taylor, no início deste século, pesquisadores vêm procurando estudar as organizações, empresas, instituições governamentais ou religiosas e entidades sem fins lucrativos, visando descobrir as causas que levam ao seu sucesso ou insucesso. Obviamente, as organizações são formadas por pessoas que trabalham para atingir um objetivo, seja ele o lucro ou a satisfação material ou espiritual.

Entretanto, nem sempre as pessoas são o alvo principal na fixação dos objetivos das empresas. É comum encontrar-se na literatura casos de organizações voltadas exclusivamente para os interesses de grupos dirigentes, sem qualquer preocupação para com seus funcionários e clientes. É lamentável constatar que muitas delas são bem-sucedidas, principalmente por se tratarem de monopólios públicos ou privados, ou por pertencerem a grupos empresariais sólidos, que podem dar-se ao luxo de perder alguns milhões para a satisfação do ego de familiares e diretores.

Neste artigo procuraremos focar as ações de *marketing*, porque entendemos que elas formam a base da sobrevivência das organizações. O *marketing* situa-se entre o mercado e a empresa. É o conjunto de ações organizadas com o objetivo de interpretar para as organizações as necessidades e os desejos dos consumidores. Estes, por sua vez, são representados por todos os cidadãos que de alguma forma mantêm relações de consumo com instituições que fornecem bens e serviços. Um grande dilema para o profissional de *marketing* é encontrar o equilíbrio entre a oferta e o consumo de produtos. Os críticos costumam afirmar que ações de *marketing* levam o consumidor a desejar coisas inúteis e supérfluas, poluir o meio ambiente e afastar o ser humano de sentimentos nobres.

QUESTÕES INICIAIS – Por que o excesso de riquezas de uma nação não pode ser canalizado para o fomento de programas econômicos destinados a suprir as necessidades dos povos pobres? Não seria essa uma saída para diminuir as desigualdades? Por que



Arquétipo I

as organizações não concentram esforços para a preservação ambiental? Por que não abrir “mercados” para os bens culturais e espirituais? Por que não adotar uma educação que leve os indivíduos a uma maior reflexão sobre o futuro do planeta? São perguntas que se colocam para despertar novas idéias e estimular os debates das lideranças religiosas.

Entendemos que as ações de *marketing* devem ser conscientes e destinadas a melhorar a integração de interesses públicos, privados e individuais. Como tornar isso possível, num ambiente voltado para interesses múltiplos?

Um bom caminho não é, certamente, o que se observou durante décadas e até pouco tempo, em parte da Europa. A queda do regime soviético revelou a fraqueza dos sistemas políticos fechados e centralizados. A deterioração ambiental do Leste europeu e o atraso tecnológico de suas empresas estatais mostraram a incapacidade de lideranças isoladas administrarem sem participação democrática. A falta de ações de *marketing* impediu o equilíbrio entre as necessidades e os desejos dos cidadãos e as providências públicas no sentido de responder a esses anseios.

Definido como instrumento de ação de empresas e organizações, orientado para satisfazer a consumidores, o *marketing* pode ser útil para que se encontre uma nova forma de pensar o terceiro milênio. A escassez de matérias-primas, a previsibilidade de esgotamento dos combustíveis fósseis e a maior preocupação ambiental trazem novos desafios e oportunidades para as organizações. No ambiente político-social, previsões de violência, fome e hedonismo trarão maiores dilemas para o enfrentamento de uma realidade que não parece promissora em termos de paz e harmonia.

Como, nesse contexto, as ações de *marketing* poderão melhorar a vida espiritual das pessoas? Como o *marketing* poderá estimular o interesse de empresas e organizações por valores que transcendem a vida material?

COMEÇANDO DO COMEÇO – Como já foi dito, *marketing* é o conjunto de ações coordenadas que regulam os interesses de produtores e consumidores. A literatura administrativa é rica em exemplos de empresas que adotam ações de *marketing* em suas atividades cotidianas. Salvo as exceções já apontadas (o caso dos monopólios), essas organizações são bem-sucedidas porque têm no consumidor a principal referência para a produção de bens e serviços.

Entretanto, nem sempre as ações integradas de *marketing* levam à satisfação do consumidor. É comum o bombardeio de mensagens persuasivas pelos meios de comunicação de massa, que podem levar à insatisfação e à frustração. As mensagens de propaganda que visam despertar o desejo por bens fora do alcance da grande massa de cidadãos são um exemplo. Alguns países escandinavos proíbem a publicidade de brinquedos pela televisão.

É também comum confundir-se *marketing* com propaganda. Esta, entretanto, é apenas uma das ações que compõem o *marketing*. Suas mensagens de persuasão buscam despertar os desejos dos consumidores. São mensagens integradas com ações de venda, promoção, pesquisa de mercado, política de produto e distribuição, que se complementam para a colocação de produtos e serviços no mercado. A propaganda, desvinculada de ações integradas de *marketing*, pode criar um hiato entre a empresa e o mercado.

As organizações orientadas para o *marketing* vêem seus consumidores como a origem e o fim de seus programas de ação. São eles que devem determinar o que produzir e de que serviços necessitam. Da mesma forma, definem o preço que estão dispostos a pagar e o nível de qualidade de suas aquisições. Essas organizações colocam o consumidor no centro de suas decisões e aceitam sugestões para a reformulação, ou até mesmo a retirada de produtos do mercado, quando estes são prejudiciais à saúde ou ao meio ambiente.

As empresas que não põem o consumidor no centro de suas decisões estão destinadas ao insucesso. Os próprios mecanismos de mercado e as ações de cidadania, aliados à concorrência e à tecnologia, agirão para impedir que essas organizações continuem relegando o cliente ao segundo plano em suas decisões.

A abertura dos mercados internacionais e a formação de blocos econômicos regionais vêm obrigando as empresas a rever suas políticas de atendimento aos múltiplos mercados que agora se tornam atraentes para seus bens e serviços. O vertiginoso desen-

volvimento de novas tecnologias de informação vem abrindo novas oportunidades para as organizações orientadas para a satisfação de seus clientes. Essa nova visão global abre novos horizontes para a integração dos diferentes povos do planeta. Superam-se barreiras políticas e regionais, dando às pessoas maiores possibilidades de integração econômica e social.

AMARGAS LIÇÕES – Nem tudo são flores, infelizmente. Quando não analisadas as prováveis conseqüências da globalização da economia, vê-se que podem aumentar os níveis de desemprego, agravando ainda mais a crise social enfrentada principalmente pelos países do Terceiro Mundo. No caso brasileiro, a inversão dos resultados da balança comercial, no final de 1994 e início de 1995, obrigou o governo a tomar medidas protecionistas para proteger a indústria e o emprego nacionais. É comum, também, ocorrerem importações de bens desnecessários à vida dos cidadãos, além de produtos de baixa qualidade, cujo único apelo de consumo é o preço baixo. Podemos citar como exemplo certos brinquedos importados da Ásia, que não atendem aos padrões internacionais de qualidade.

Por outro lado, é crescente a crítica às ações de *marketing* adotadas pelas organizações. O *marketing* tem sido responsabilizado pela produção de lixo industrial e embalagens não biodegradáveis. É flagrante a poluição dos rios e de áreas próximas às cidades por produtos químicos, embalagens plásticas e garrafas. A falta de uma política rigorosa de proteção ambiental vem dificultando a vida nos grandes centros urbanos, principalmente por causa da poluição do ar, que chega a afetar a qualidade de vida do próprio planeta. A destruição das florestas brasileiras por madeireiros e pecuaristas vem provocando protestos de organizações internacionais, preocupadas com a preservação do meio ambiente.

As organizações que não têm o lucro como objetivo são representadas por instituições governamentais, hospitais públicos, associações civis, religiosas e filantrópicas. De modo semelhante às que visam o lucro, elas também têm como compromisso principal a satisfação de cidadãos, usuários, pacientes e necessitados. Como as instituições que buscam o lucro, essas outras também precisam de ações integradas de *marketing* para atingir a satisfação de seus usuários.

Por se tratar de organizações prestadoras de serviços, seu principal recurso são os funcionários. São eles os produtores dos serviços prestados. De sua qualificação depende o êxito da instituição e o bem-estar

dos usuários. No entanto, é lamentável o despreparo dos funcionários governamentais para o atendimento ao público. A imprensa tem retratado a situação alarmante de certos hospitais e entidades públicas. Há uma verdadeira prática do *antimarketing*: os desejos e as necessidades públicas são negligenciados pelos governos e seus representantes.

Nas organizações religiosas e filantrópicas, as ações de *marketing* facilitam o entendimento das necessidades dos públicos a serem atendidos. Essas ações permitem a preparação de programas organizados e isentos de influências emocionais e interesses de grupos internos. Não estaria o grande crescimento de muitas seitas relacionado com a habilidade de seus dirigentes, que prometem o bem-estar espiritual aos fiéis? Não estariam eles mais bem orientados para atender às necessidades imediatas de seus seguidores? Não estariam as organizações religiosas tradicionais falhando, por se mostrarem "fechadas" às mudanças do mundo atual e orientadas apenas pelo pensamento de seus dirigentes?

Os profissionais de *marketing* ocupam posição de destaque nas empresas, porque assumem a coordenação das atividades que as aproximam de seus usuários. Devem ter como objetivo principal a satisfação desses consumidores. No caso das organizações que visam o lucro, esta deve ser uma consequência natural de suas atividades. Entretanto, há organizações dirigidas para o lucro imediato, que chegam a transformar seus profissionais de *marketing* em mascates e oportunistas, sem qualquer compromisso a longo prazo com seus públicos.

MODISMOS DESTRUTIVOS – A literatura internacional de *marketing*, dominada há décadas por estudiosos acadêmicos e pesquisas fundamentadas em métodos científicos, vem sendo invadida por autores que se transformaram em verdadeiros "gurus", muitos deles fornecendo receitas para o sucesso de qualquer tipo de empreendimento, não importando o país ou região do planeta. Fortemente estimulados pela mídia, são apresentados como curandeiros. Com suas poções mágicas, entram na onda dos modismos que, segundo eles, foram ou estão sendo remédios eficazes para a solução dos problemas das empresas.

A enxurrada de livros lançados no mercado é avidamente consumida pelos executivos e empresários brasileiros. Não se sabe se esses livros são realmente lidos. São as "reengenharías" (*reengineering*), o "enxugamento" de pessoal (*rightsizing*), a eliminação de níveis hierárquicos (*downsizing*), a ampliação do grau



Arquétipo II

de decisão (*empowerment*) e outras "soluções", que vêm deixando os trabalhadores à mercê da orientação desses "gurus", insensíveis à necessidade de geração de novos postos de trabalho e ao bem-estar social. Pelo contrário, orientadas basicamente para aumentar o lucro de acionistas e proprietários (talvez para justificar seus honorários), essas prescrições vêm contribuindo para a destruição psíquica das pessoas, muitas delas em perfeitas condições de participar de programas de treinamento.

Um desses modismos, que começou nos anos 80, é o chamado *marketing* de guerra. Conforme os próprios autores, a verdadeira natureza do *marketing* de hoje consiste em vencer o concorrente pela astúcia, pela estratégia e pela luta. Em resumo, o *marketing* é uma guerra, em que o inimigo é o concorrente e o cliente é o terreno a ser conquistado. As empresas são vistas como oponentes, e princípios de guerra como ataque de flanco, ataque direto, guerrilha e ataque frontal são adotados, visando a sobrevivência do mais capaz. No meio do fogo cruzado ficam os consumidores, sujeitos às calamidades decorrentes do combate. Para a empresa perdedora, restam a falência e o desemprego de seus funcionários. Repetese, lamentavelmente, a verdade de que a história é

sempre contada pelos vencedores. As perdas decorrentes da "guerra" entre empresas não são contabilizadas. Quando divulgadas pela mídia, viram manchetes que não passam da primeira página ou da primeira edição.

Seria possível a substituição do *marketing* de guerra pelo *marketing* de paz? Já se observa, nos países mais avançados, a troca da rivalidade pela cooperação entre empresas. Alianças, consórcios e parcerias vêm unindo antigas oponentes para a conquista de mercados. Rivalidades vêm cedendo lugar à união, possibilitando o desenvolvimento de novos produtos e, na maioria das vezes, a ampliação de postos de trabalho. Energia e criatividade, antes dispersas, vêm sendo canalizadas para objetivos comuns.

DESAFIOS PARA O NOVO MILÊNIO – Não se podem esperar mudanças profundas apenas com a virada do milênio. Com a aproximação do ano 2000 crescerão as previsões, tanto de otimismo exagerado como de pessimismo desolador. Afinal, o que as empresas esperam desse novo tempo? Como as atividades de *marketing* serão desenvolvidas para atender a novos desafios e romper fronteiras? Como será o novo consumidor, e quais as suas expectativas em relação aos apelos do *marketing*? São perguntas cujas respostas exigirão empenho e dedicação.

Um assunto que não vem sendo considerado pela maioria das organizações diz respeito à introdução da espiritualidade em suas atividades. Para entender melhor o significado da espiritualidade no cotidiano material, reproduziremos os conceitos de Capra sobre o velho e o novo paradigma. O velho paradigma é fortemente apoiado pelo *establishment* científico e vem dominando a nossa cultura há centenas de anos, moldando a sociedade ocidental e influenciando significativamente o resto do mundo.

Ele consiste de várias idéias, entre as quais a visão do Universo como um sistema mecânico composto de blocos elementares de construção (influência da filosofia cartesiana e da física newtoniana). Por exemplo, a visão do corpo humano como uma máquina ainda é a base conceitual da teoria e prática médicas. A vida em sociedade é vista como uma competição (darwinismo social). Vigora a crença do progresso material ilimitado, atingível por meio do crescimento econômico e tecnológico.

Segundo Capra, o novo paradigma pode ser denominado de "holístico", e nele o mundo é visto como um todo integrado, em vez de um conjunto de partes dissociadas. Pode também ser chamado de

"ecológico", utilizando-se o termo no seu sentido profundo. A distinção entre ecologia superficial e ecologia profunda foi divulgada nos anos 70 pelo filósofo Arne Naess, e é agora amplamente aceita como útil para revelar a divisão do pensamento ambientalista contemporâneo.

A ecologia superficial é antropocêntrica. Vê os seres humanos como se eles estivessem acima da natureza, separados dela. A ecologia profunda não separa os homens do ambiente natural. Não concebe o mundo como um conjunto de objetos isolados. Pelo contrário, encara o planeta como uma rede de fenômenos fundamentalmente interconectados e interdependentes. Reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e considera os homens fios específicos da teia da vida.

Capra vê a consciência ecológica como espiritual ou religiosa. Quando o espírito humano é entendido como um modo de conscientização, em que o indivíduo se sente conectado ao Cosmo como um todo, torna-se claro que a consciência ecológica é espiritual em sua essência. Assim, não surpreende que a nova visão da realidade emergente, baseada na consciência ecológica profunda, seja consistente com a filosofia perene das tradições espirituais, com a espiritualidade dos místicos cristãos e com a filosofia e a cosmologia das tradições nativas norte-americanas.

Como as empresas podem se situar no contexto do novo paradigma espiritual e ecológico? Algumas das providências que podem ser adotadas pelas organizações que desejem juntar-se a esse espírito no próximo milênio são:

1. *Integração de objetivos materiais e espirituais.* O lucro como resultado do benefício prestado à sociedade. A organização inserida no contexto humano, onde as trocas ocorrem em situações em que todos ganham.
2. *Valorização permanente de colaboradores internos.* Estímulo contínuo aos profissionais e abertura de oportunidades para novos talentos. Os colaboradores passam a se sentir "donos" do negócio e compartilham os resultados com acionistas e proprietários. Novos talentos são recrutados com base na visão holística, e não apenas nos critérios objetivos tradicionais. As crises de mercado que afetam o empreendimento são discutidas com a participação de todos os interessados.
3. *Transformação em organizações de aprendizagem.* A organização vai em busca do aperfeiçoamento contínuo. As mudanças sociais e os novos hábitos de consumo de bens e serviços são discutidas em todos os níveis organizacionais.

4. *Integração com o meio ambiente.* Enfoque na organização como integrante do ambiente, cuja preservação passa a ser parte de sua sobrevivência. Embalagens prejudiciais à natureza e componentes químicos nocivos à vida são eliminados, independentemente de qualquer ação jurídica por parte da sociedade. A solução de problemas ambientais passa a envolver a organização e a comunidade.

5. *Envolvimento com o progresso comunitário.* Empresas e comunidade se integram, buscando respostas para problemas comuns. Desenvolvimento de produtos e serviços tecnicamente seguros e socialmente necessários.

QUESTÕES FINAIS – Será possível obter-se um equilíbrio entre o *marketing* e a satisfação espiritual? Tudo indica que sim. As necessidades e desejos dos consumidores, às quais o *marketing* procura atender, podem integrar-se à vida espiritual. Do ponto de vista ecológico, está clara a inexistência de fronteiras entre as vidas material e espiritual. Não há divisão entre matéria e espírito. Empresas integradas à sociedade podem produzir bens e serviços saudáveis e podem harmonizar-se com o meio ambiente.

É difícil, naturalmente, vislumbrar o futuro. Foi-se o tempo em que bastava examinar o passado para inferir possibilidades futuras. Sabe-se que a grande maioria dos inventos e descobertas atuais ocorreram neste século. A revolução dos microprocessadores começou em 1972, com lançamento do chip 8008 pela Intel norte-americana. Passados pouco mais de 20 anos, é surpreendente o avanço mundial nessa área. Essa revolução vem modificando a vida das pessoas e organizações. O que podemos esperar do futuro, em termos de informática e de sua influência na sociedade?

As ações de *marketing* estão fortemente assentadas na informática. A tecnologia da informação vem sendo empregada para facilitar a vida das organizações e a de seus públicos. Tarefas que exigiam grande esforço físico e mental tornaram-se simplificadas e facilitadas pelos microcomputadores, que estão ao alcance de larga parcela da população e da maioria das organizações. Empresas operam com correio eletrônico (E-mail) e por linhas telefônicas de discagem gratuita, para atrair o consumidor e ouvir suas críticas e sugestões.

O aumento da expectativa de vida das pessoas abrirá novas oportunidades para as instituições (lucrativas e não-lucrativas) que destinam seus produtos e serviços ao grupo etário formado por pessoas da terceira idade. A crescente escassez de recursos

naturais levará as empresas e a sociedade à busca de fontes alternativas de suprimentos. Novos bens e serviços integrados à ecologia serão oferecidos ao mercado.

A visão holística exigirá a busca da espiritualidade como forma de integrar pessoas e organizações numa consciência ecológica plena. A busca de “produtos” destinados à integração do ser humano no Cosmo abrirá novas oportunidades para as organizações que incluam a espiritualidade em seus programas de *marketing*. Programas de desenvolvimento profissional vinculados ao crescimento espiritual já são realidade na Califórnia. O número de revistas e livros publicados nesse estado norte-americano, envolvendo o conhecimento espiritual, é crescente. Naisbitt e Aburdene indicam essa busca espiritual como uma das dez megatendências para o próximo século. ▲

NOTA DA REDAÇÃO: Este artigo inclui uma bibliografia. O leitor interessado em obtê-la deverá entrar em contato com nossa redação por fax ou correio.

Fóssil XI



MICHEL CAMUS

PARA ALÉM DAS DUAS CULTURAS: A VIA TRANSDISCIPLINAR

Transdisciplinaridade – uma terceira cultura, bem maior que a soma de suas antecessoras, é examinada pelo prisma da fenomenologia de Husserl



*Como os poetas,
nós ceiamos o invisível.*

Michel Cassé (astrofísico)

MICHEL CAMUS é escritor, filósofo, diretor das edições Lettres Vives, produtor-delegado da France-Culture, membro do CIRET/Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires.

Guardião do umbral

Neste século a pesquisa científica fundamental desvendou no interior do Universo visível dois outros até então insuspeitos, porque invisíveis: o universo cosmológico inacessível e o universo quântico insondável. Esses dois níveis da realidade se tornaram simbólicos, na medida em que a sua abordagem foge a toda experiência direta por meio dos sentidos – a luz fóssil de um é tão abstrata quanto a antimatéria do outro. Por exemplo, o físico quântico se serve de energias intelectuais (elas próprias infinitamente complexas) para matematizar, estruturar e mimetizar fenômenos energéticos aleatórios ou improváveis, potenciais ou virtuais, nem reais nem irrealis, onde a fonte absoluta ou a realidade última lhe escapa.

Em virtude dessa percepção – que abriu nossos olhos para a pluralidade dos mundos, os vários níveis da realidade e a crescente complexidade – o antigo conceito de “mundo” (“realidade” ou “natureza”) tornou-se ingenuamente redutor. Ingênuo a ponto de que, hoje, Hegel não poderia mais dizer: “Tudo que é racional é real e tudo que é real é racional”. Não pertencemos mais ao século XIX. Agora tudo se passa como se o pesquisador estivesse, como o poeta, diante do não-referente absoluto que André Breton chamou “o inquebrantável núcleo da noite”.

O PODER TRANSFIGURADOR – Entretanto, ao desrealizar a realidade sensível, a física quântica não conquistou o poder de transfigurá-la, como o fizeram os *rishis* do *Rig Veda*, poetas-videntes que podiam sentir a melodia secreta do Universo e intuir a Unidade suprema de tudo. Hoje a sabedoria está mais do que fracionada, está atomizada. Vivemos uma época apocalíptica, nos dois sentidos extremos da palavra “apocalipse”: desintegração de todos os valores, degenerescência de todas as religiões, desmoronamento dos últimos mitos como o marxismo e a escatologia utópica da ciência.

A física quântica entregou aos políticos a espada do fogo termonuclear, e por isso os homens de ciência se fazem perguntas éticas, sem ter um verdadeiro poder de reação. Os filósofos – enfermos há vinte ou trinta anos – saíram de moda por causa de sua visão neurótica da perda do sujeito. A natureza do homem foi não apenas dessacralizada, mas desumanizada e mesmo coisificada para ser melhor explorada.

Esse processo de dissolução é acompanhado, no sentido inverso, por um movimento integrador mais qualitativo, embora mais raro, aberto a uma nova visão auto-iniciática da positividade secreta do negativo e da encarnação da metafísica na física. Como escreveu Edgar Morin no *Paradigma*

perdido: “O que está morto hoje não é a noção de homem, mas uma noção insular de homem, retirado do mundo natural e de sua própria natureza”. Voltaremos ao tema, porque essa breve citação contém a questão das duas naturezas do homem e o problema da interdependência universal, isto é, da intersubjetividade transcendental dos seres e das coisas.

Especifiquemos que as ciências ditas exatas – antes chamadas de ciências da natureza ou da *physis*, no sentido grego da palavra – são as que reúnem hoje centenas de disciplinas, cada vez mais insulares em sua especialização. A pesquisa científica, como sabemos, tende a responder a rigorosos critérios universais de objetividade.

As ciências humanas não são, em si, científicas. Todas elas são necessariamente subjetivas; sua autoridade vem da experiência interior; ensaiam e testemunham sem poder basear seu testemunho em provas experimentais. O que elas revelam não pode ser demonstrado como se fosse um teorema matemático. Toda ciência humana é, portanto, mais arte do que ciência.

Por isso, estamos diante de duas culturas antinômicas: uma, como a física quântica, que estabelece relações com um não-referente absoluto quanto ao Objeto, no sentido transcendental da palavra – *Objeto* desconhecido que, por decreto do intelecto analítico do cientista, é declarado exterior ao homem e dele separado. A outra estabelece relações com um não-referente absoluto quanto ao Sujeito também transcendental – *Sujeito* desconhecido do qual o ego profano se sente exilado.

A ABERTURA NECESSÁRIA – Num caso, o homem interroga o Universo, e questionando-o não pode perguntar a si mesmo sobre suas interações com ele, ou seja, entre o observador e o fenômeno observado. No outro, o ser humano se interroga sobre a natureza, o fundamento, a origem e o destino de sua *ipseidade* e, ao questionar a si mesmo, não pode se perguntar

sobre o Universo no qual nasceu, do qual se nutre e por meio do qual se junta à vida e à morte. Toda a história da filosofia é uma interrogação do “Quem”, do “O quê?” e de suas relações interativas infinitamente complexas.

Constatamos, depois de alguns anos, uma espécie de aceleração no número de tentativas de diálogo entre os pesquisadores da verdade do “Quem?” e os investigadores da verdade do “O quê?”, entre os cientistas e os “literatos”, notadamente entre os homens de ciência e os homens da mídia (isto é, de um lado os “iniciados” nas disciplinas superiores, rigorosamente incomunicáveis aos não especialistas, e do outro os “profanos”, que se esforçam, apesar de sua incompreensão fundamental, para vulgarizá-las).

Com as tradições esotéricas – que tentam devorar umas às outras – acontece o mesmo que entre ciência e arte. Daí os múltiplos colóquios internacionais sobre os temas “Ciência e espiritualidade”, “Cosmologia e poesia”, “A ciência na arte e a arte na ciência”, entre outros.

Na verdade, salvo exceções (pois existem sábios cientistas e cientistas sábios) não existe comunicação plena entre dois cientistas especialistas, cada um fechado em sua própria disciplina, como não há diálogo entre um cientista e um não-cientista. Não há uma linguagem comum entre a física quântica e a fenomenologia transcendental da consciência, por exemplo. Daí a necessidade que cada pesquisador – cientista ou não – tem de sair de sua própria especialização para abrir-se à pesquisa transdisciplinar, que se interroga sobre o que fundamenta, atravessa e ultrapassa todas as disciplinas.

O que existe além das duas culturas não é potencialmente realizável, a não ser pela nova via aberta por Basarab Nicolescu há dez anos, em seu ensaio *Nous, a partícula e o mundo*, e pela fundação, em 1987, do C.I.R.E.T. (Centro Internacional de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares), que reúne pesquisadores de todas as disciplinas e origens. Há também um relacionamento entre o C.I.R.E.T. e o Centro de Estudos Transdisciplinares ligado ao Centro Nacional da Pesquisa Científica (CNRS), limitados a três disciplinas: sociologia, antropologia e história. Essa ligação existe na pessoa de Edgar Morin, que pertence aos dois centros.



Dufne

As questões transdisciplinares, que fundamentam, atravessam e ultrapassam todas as disciplinas, são necessariamente as indagações fundamentais que o homem se coloca desde que emergiu da infância: *De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? O que é o Universo? Qual é o destino da Viagem? O que é a vida? Qual é o sentido da morte?* “A morte é uma dobra à qual, não faz muito tempo, submetem a consciência”, disse Antonin Artaud.

O CAMINHO DA VISÃO – A pergunta que se impõe é saber como expandir a consciência para que a sua essência enigmática se revele a ela mesma. E, sobretudo, como viver o “Quem sou eu?” num espaço transdisciplinar aberto, isto é, livre das formas religiosas institucionais, das ideologias específicas e dos sistemas filosóficos ou esotéricos fechados em si mesmos e, portanto, separados uns dos outros.

Sobre a via transdisciplinar, a transformação deve dar acesso a uma trans-linguagem, que é impossível de ser definida mas possível de ser vivida. “Não

posso ver como livre um ser que é incapaz de desejar romper em si as cadeias da linguagem”, escreveu Georges Bataille em 1946. “Pois o vento das palavras”, disse Djelâit-Eddine Rumi, “cobre de poeira o caminho da visão”.

O cientista e o filósofo põem para si próprios a questão: como sair da prisão da linguagem científica ou filosófica? Entre os fluxos da história da consciência, a utopia comunista é um exemplo de fenômeno regressivo, devido ao seu processo entrópico de homogeneização social, como se o futuro da consciência da humanidade pudesse se adaptar ao segundo princípio da termodinâmica. No tempo de Stalin, qualquer tentativa de diversidade era condenada à morte ou ao gulag. Sabemos, por outro lado, que todo excesso heterogeneizante conduz à anarquia. Após a morte dos conceitos de Deus e Natureza, os filósofos do absurdo proclamaram o fim do sujeito e negaram qualquer tipo de transcendência.

O nascimento e a morte do individualismo exagerado nos permitiram o salto entre dois níveis de percepção descontínuos: o da consciência coletiva alienante e o da consciência transcendental, liberada de sua cegueira para reconhecer seu pertencimento à infinita consciência do “Nous” transcendental.

Um parêntese: pretendo usar e abusar do paradigma “transcendental”, no sentido husserliano do termo, para indicar que se trata de um nível de realidade descontínua e sem comunicação visível com o que é natural, profano ou *naïf*, como diria Husserl. Como entre a vida e a morte, não há passagem de um nível a outro. A ela só chegamos por meio de um salto inconcebível. Na mesma orientação, dou à palavra “consciência” um sentido que está na contracorrente das idéias comuns. Nos trabalhos dos cientistas, a palavra “consciência” jamais é pronunciada. A seus olhos ela não difere da natureza do espírito, ou do



Torso de Cristal

mental gerado por um cérebro. Para citarmos dois exemplos, do final do século XIII e da metade do século XX, Mestre Eckhart e Edmund Husserl atribuíram à palavra “consciência” um sentido experimental iniciático ou transcendental, que pode ser claramente percebido por todos os que hoje o vivem intimamente. Por essa ótica, tal gênero de experiência interior não é comunicável. Sugerirei apenas uma via de investigação.

O HOMEM INTERIOR – A questão transdisciplinar mais urgente para o homem exterior de nossos dias, seja ou não cientista, é o nascimento ou a emergência em si de um homem interior, no sentido transcendental ou eckhartiano da palavra. Essa questão é intemporal: é grega no famoso ditado “Conhece a ti mesmo”; é sufi no *hadith* “Quem se conhece, conhece o seu Senhor”. Ela subentende a necessidade de morrer para a consciência *naïve* (como diria Husserl), e de renascer para a consciência transcendental. O problema-chave é que a via especulativa, teórica ou conceitual, é insuficiente e mesmo inoperante para dar acesso a esse processo de auto-transformação, no sentido abissal sobre o qual Raymond Abellio disse: “A identidade é a alteridade absoluta”. O “Eu sou um outro”, de Rimbaud, não é mais do que um axioma inofensivo, desde que esse “Outro” é infinitamente outro. Resta a cada um de nós descobrir sua própria via operativa.

A via transdisciplinar passa necessariamente pelo despertar da consciência para a dupla transcendência do Sujeito e do Objeto. Cada um desses pólos inspira seu olhar interior, provocando-o ou crucificando-o para despertar em si, como diria Basarab Nicolescu. Em todo par de contrários mutuamente excludentes um terceiro está secretamente incluído.

A propósito de imagens de sínteses numéricas e de mundos virtuais, onde as potencialidades são ainda insuspeitáveis, Phillipe Quéau evoca, em seu ensaio *O virtual*, “a hibridação íntima entre o corpo do espectador-ator e o espaço virtual no qual ele está imerso”. *Mutatis mutandis*, o homem que sair de sua insularidade (para voltar a Edgar Morin) poderá evocar essa hibridação entre seu corpo e o corpo do mundo, outrora chamado de Universo ou Natureza. Ser consciente, num ou noutro caso, coloca a questão do olhar interior ou do olhar do olhar. Os cinco sentidos, afirmou João da Cruz, são as prisões da alma. É aqui que intervêm os níveis de distanciamento clarividente do olhar atento a todo fenômeno, qualquer que ele seja. É aqui o lugar da disparidade entre o olhar espontâneo atormentado pelo Glauben, como diria Husserl. Quer dizer: entre o olhar atormentado pela crença no que percebe e o olhar transcendental, não identificado com aquilo que percebe.

A iniciação à fenomenologia transcendental praticada por Edmund Husserl (cujo método reivindica o estatuto de atitude científica) não é a única via operativa, mas apenas uma delas. Não se trata de uma filosofia idealista ou conceitual, mas de uma “metafísica experimental”, como diz René Daumal. É uma prática auto-iniciática e autodidática. A chave da fenomenologia transcendental é a realização da *epochè*, ou redução fenomenológica, no coração da consciência. É uma via comparável à evocada por Mestre Eckhart em seu *Tratado do desprendimento*.

Tentarei esclarecer agora em que sentido a fenomenologia de Edmund Husserl, simultaneamente linguagem de uma experiência vivida e trans-linguagem, é uma verdadeira ioga da consciência, uma via operativa, uma pesquisa transdisciplinar que ultrapassa duas culturas antinômicas: de um lado a das ciências chamadas exatas, e de outro a das ciências ditas humanas.

O MUNDO ENTRE PARÊNTESIS – O paradoxo é que uma fenomenologia transcendental da consciência não pode ser ensinada. É preciso praticar, como o zen na noite da consciência, sem saber se a iluminação aconteceu ou não. Parece uma aventura improvável. O trabalho interior da consciência, sua tarefa de distanciamento, de desprendimento, de purificação trans-

cedental (conforme Husserl), é orientado para a “colocação entre parênteses” de tudo o que não é a fonte de seu olhar interior. É um tipo de experiência que se suicida no fogo de uma inesgotável paciência. Disse Husserl: “É preciso uma penosa conversão do olhar, para nos livrarmos dos dados naturais que não param de se impor à consciência”. A “redução fenomenológica”, ou *epochè*, é o ato sacrificial mais absoluto que existe.

Não é no mesmo dia, nem no dia seguinte, que o olhar da consciência espontânea conquista o poder de colocar tudo entre parênteses: a visão de seu próprio corpo e individualidade psicológica, os pensamentos e emoções, a memória, a imaginação, as palavras, os conceitos, as idéias, os objetos e os conteúdos da consciência, enfim, o todo-inteiro do ser humano, todos os universos (cosmológico, quântico, cibernético e outros) e todas as linguagens. Empresa suicida? Certamente. Mas também um trabalho de despoluição interior. É uma tábula rasa mais radical que a de Descartes. Em seus princípios ela parece simples, mas as identificações emocionais e mentais constituem nós de ligação inextricáveis. Como o “vazio absoluto” pode realizar em si a *epochè*? Cada um realiza o “desprendimento total” a seu modo, e às vezes para sempre, durante a agonia de sua última hora.

De qualquer forma, o desnudamento da consciência absoluta causa a morte da consciência ingênua de si e do mundo. Ou seja: a questão do “Quem?” é mais dolorosa de sondar que a questão do “O quê?”, porque estimula o homem a se transformar até extinguir a si mesmo, para ficar livre de si próprio. “Quem não assassina não é um homem e jamais será um homem!”, disse ainda Georges Bataille, pois a *ipseidade* transcendental do homem interior é diferente da *ipseidade* psicológica do homem exterior.

Ao realizar a redução fenomenológica da linguagem, o olhar da consciência terá adquirido o poder de se identificar com o silêncio de sua própria fonte: é uma *identidade infinita*, que lhe permite fugir de toda identificação existencial ou fenomênica. No fundo, a operação-chave consistirá em perceber o *todo-linguagem* durante o relâmpago metafísico de um olhar silencioso *sem-linguagem*. Trata-se, em suma, de um estado de trans-linguagem, ou de percepção direta anterior às idéias e ao pensamento. É a esse



Elemental IX

reencontro que o índio Don Juan Matus chama de “consciência silenciosa”, e que Georges Bataille denomina de “acefalidade”. Na prática isso é difícil, porque é sempre complicado queimar o fantasma de nosso próprio ego, de tornar-se acéfalo ou quebrar o espelho de nossa identidade. É a quebra do casco do ego que revela o infinitamente aberto.

O SILÊNCIO DO CORAÇÃO – Como disse Mestre Eckhart em seu Sermão 51: “É preciso quebrar o casco para que saia o que está escondido lá dentro”. O que está lá dentro é a pedra filosofal, o conhecimento poético do incognoscível, o espaço interior do infinitamente aberto. De modo inverso, todo sistema fechado, como o solipsismo, favorece a elefantíase do ego identificado com o *cogito*. Para Husserl, o “Eu” transcendental é a fonte da consciência do *cogito*. Este é um objeto da consciência, tanto quanto o *cogitatum*. Nosso próprio espírito nos é estranho. O mais íntimo pensamento é um objeto exterior. Para escapar da maldição denunciada por Edgar Morin, quando disse que “Somos possuídos pelas idéias e as crenças que possuímos”, o caminho da *epochè* é o caminho do *desposuimento*. Não se trata de uma lavagem cerebral, mas de um trabalho de purificação ontológica.

Vamos mais longe. O que sobra após a redução fenomenológica? Qual é o “resíduo” alquímico no interior da consciência? Nenhum. “Manter-me sem enfraquecer”, escreveu Gurdjieff, “por meio dos vários sentimentos, em um nível de atividade interior de extrema intensidade, a fim de me identificar a nada”. Dizer “nada” é ainda uma palavra a mais. Para fazer-lhe alusão, não nos resta senão a “vacuidade sem forma” na origem do olhar interior, uma intensidade vivida sem linguagem, uma intensidade impessoal (de “consciência intensificadora de consciência”) que é impossível de reduzir, e que em si é irrealizável e sem nome, mas que Husserl chama de o “Eu” transcendental. Não é uma visão do espírito, é o paradigma de uma experiência ontológica inefável. Na redução fenomenológica, o “resíduo” se revela fecundado de vazio, presença sempre mais ausência, fonte doadora original, origem da origem, transcendência imanente no coração da consciência.

O nome sagrado que as tradições absolutizam na linguagem de seu próprio mel (o *Ayin-Soph* hebraico ou o *Atma* vedantino, por exemplo), a transpoesia

denomina mais simplesmente de Silêncio do Coração. Ou, num sentido mais transcendental, o *homem interior*. A interioridade transcendental não é mais de natureza fenomênica. Não podemos evocá-la senão falando da interioridade infinita, ou da interioridade da interioridade: lá, onde se alimentam as raízes da consciência absoluta, no sentido de des-ligar ou des-identificar. Se o homem está aberto para o enigma de seu próprio Duplo de luz (que é estranho, bem entendido, a todo desdobramento psicopatológico), se ele estiver consciente de sua dupla natureza abissal, estará necessariamente em sua consciência absoluta da relatividade de seus estados de consciência e conhecimento. Como afirmou com propriedade Kierkegaard, o homem comete muitas vezes o erro de absolutizar o relativo e de relativizar o Absoluto.

A história das civilizações, escreveu Jung em *Memórias, sonhos e reflexões*, é uma crônica de estados sucessivos da consciência. Nossa civilização tecnológica foi globalizada: ela pode morrer nos umbrais da tecno-cultura e da tecno-ciência, se não fizer emergir de suas profundezas um novo caminho para a sua própria evolução transcendental.

O CORPO E O MUNDO – Trata-se de reconciliar os irreconciliáveis: a completude interior e a realização exterior do homem. A via transdisciplinar é potencialmente criadora de uma nova arte de viver tantos caminhos quantas são as realidades, e tantos quantos

são os níveis de percepção entre os dois pólos transcendentais do homem interior e do homem exterior. O ser humano é duplo, disse Gérard de Nerval. Ele é até mesmo ternário, e é reunificado pelo terceiro secretamente incluído. A chave do paradigma perdido, que devemos recuperar com urgência, é a auto-iniciação da consciência em sua autotranscendência interior e, além disso, a evolução possível da consciência transcendental do homem.

Não procuremos pêlos em ovos: a via transdisciplinar é a procura da “pedra filosofal” por meio de qualquer disciplina, científica ou não. Todas as disciplinas pertencentes a uma ou outra cultura são chamadas a contribuir com as novas aproximações aos níveis de realidade do “Quem?” e dos níveis de auto-percepção do “Quê?”.

Mais singularmente, a via transdisciplinar é a busca alquímica (isto é, não mais especulativa e sim operativa) da auto-interrogação-intensificação-coagulação desse fabuloso enigma que se chama “consciência”, e que contém, em potencial, o futuro da transfiguração do corpo humano e do corpo do mundo.

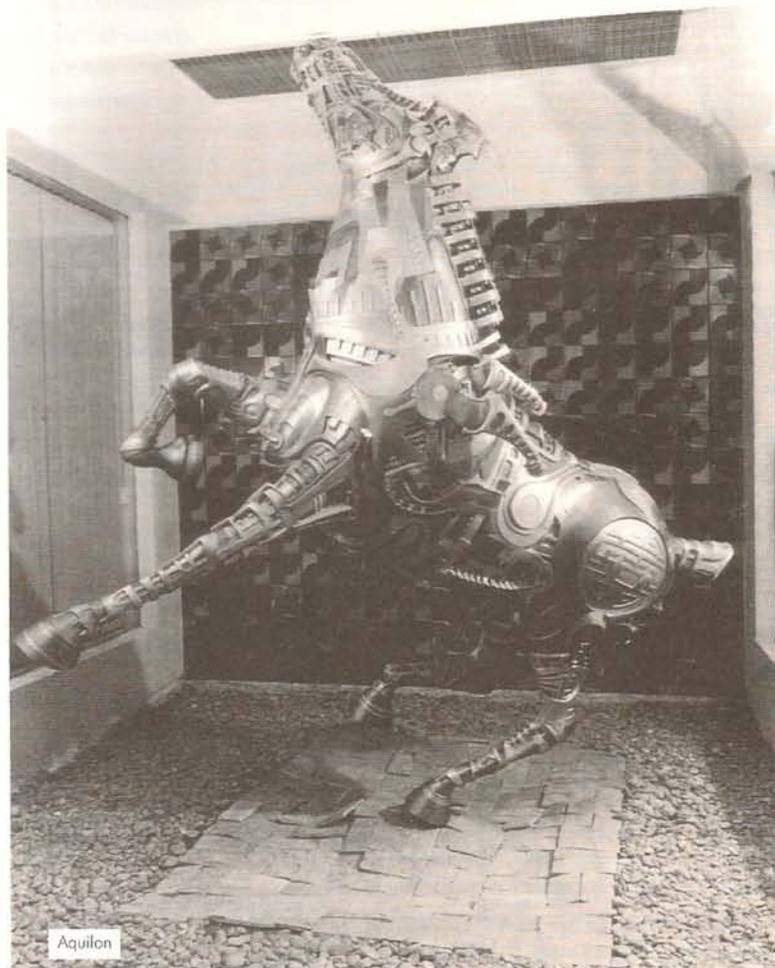
Como disse o escritor argentino Adolfo Bioy Casares em *A invenção de Morel*: “Creio que perdemos a imortalidade porque nossa resistência à morte não evoluiu; continuamos a insistir sobre a idéia rudimentar de que só seremos imortais se mantivermos viva a integridade do corpo. Bastaria procurar conservar somente o que interessa à consciência”. ▲

Conferência pronunciada no Colóquio Internacional sobre “Arte na Ciência e Ciência na Arte Além das Duas Culturas”, realizado no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, de 26 a 28 de outubro de 1995.

ELIZABETH SAHTOURIS

T RANSFORMANDO ORGANIZAÇÕES EM ORGANISMOS VIVOS

*A saga dos sistemas: seres humanos,
máquinas e o mundo natural em
busca da complementaridade.*



ELIZABETH SAHTOURIS, bióloga greco-americana, é conferencista internacional, autora do livro *Gaia: do caos ao cosmos* e consultora do Institute for Sustainable Development.

Aquilon

Gostaria de apresentar dois tópicos. Um é sobre visões de mundo: como chegamos aos nossos atuais pontos de vista e como os modificamos. O outro é sobre como usar essas visões para atravessar as crises que vivemos hoje. Para fazer essa apresentação, falarei um pouco de minha história pessoal.

Vejamos o que entendendo por visão de mundo. Considero a mais importante descoberta da ciência, atualmente, a que nos diz que não existe uma verdade final, uma verdade última. Por meio da física quântica, descobrimos que não há uma realidade fundamental. Aprendemos que toda espécie animal é uma janela para o mundo, e que não podemos dizer que uma pessoa tem uma visão mais verdadeira que a outra. Isso equivale a afirmar que dois indivíduos não têm o mesmo ponto de vista sobre o mundo em que vivem.

Aprendemos que cada cultura se imaginava possuidora da visão correta. Cada membro de uma determinada comunidade achava que estava aprendendo a verdade ao entrar em contato com a visão de seu grupo. Por isso, qualquer pessoa que tivesse um ponto de vista diferente estaria errada. Como é fácil perceber, tudo isso acabou gerando muitos conflitos pelo mundo. Portanto, é muito importante entender como construímos nossas visões de mundo. Começamos a estruturá-las na infância, com os professores na escola. Fora dela, nossa mente continua a pensar sobre o que lá aprendemos. Os amigos contribuem com suas opiniões, lemos jornais, vemos televisão e tudo isso continua girando em nossa mente e construindo a nossa visão da realidade.

UM MUNDO ILIMITADO – A civilização ocidental acredita que o Universo não é um ser vivo, e que a vida surgiu unicamente na superfície da Terra. Achamos que se



Maternidade

o Universo não é vivo, também não é inteligente. Imaginamos que ele começou com uma grande explosão – o *Big Bang* – e irá desaparecer como um cogumelo. Esse ponto de vista nos fez sofrer muito, porque achamos que a entropia está aumentando e sabemos que ela significa a morte lenta do Universo.

Hoje, estamos começando a ver as coisas de um modo diferente. Em meu livro sobre o Universo, *Gaia: do Caos ao Cosmos*, escrevi que ele estava vivo desde o começo. Disse que a inteligência e a consciência foram produtos da evolução e dei uma volta de 180 graus, sustentando que a consciência também era primária. A herança mais bela que meus pais me deixaram foi o prazer de caminhar livremente pela natureza. Fiz muitas coisas que eles talvez não aprovassem se estivessem me vendo. Subia nas árvores, muito alto, e recentemente pensei: é preciso subir alto para ver longe. Algumas vezes pulei cercas que não deveria ter pulado, e agora sei que é importante pular, apesar das advertências em contrário.

Às vezes eu andava sobre o gelo fino que cobria os rios. Foi muito bom fazer isso, porque hoje todos nós estamos andando sobre uma camada muito fina de gelo. Sempre vi o mundo natural como um centro ilimitado. Se olhava um pássaro, estendia o braço para pegá-lo. Ninguém nunca me falou que isso era impossível. Eu podia *ver* sons e *ouvir* cores, porque ninguém nunca me disse quais eram as caixas em que deveriam ser colocadas as respectivas experiências.

Então me tiraram da floresta e me puseram na escola. Os professores lutaram muito comigo, pelo fato de eu escrever com a mão esquerda. Depois concordaram em que eu poderia escrever assim, desde que segurasse o papel e os cadernos como os outros alunos. É por isso que escrevo hoje de um modo muito peculiar.



Arqueologia galáctica - fóssil V

Eu estava muito interessada em saber como a natureza funcionava, como viviam as plantas, os animais. Queria ser uma cientista, mas meus pais disseram que ciência era para meninos: as meninas deveriam estudar arte e música. Por isso, tive de fazer a faculdade de artes antes de poder fazer ciência. Não lamento ter estudado arte primeiro, porque é muito interessante integrá-la ao universo científico.

Costumava pensar que poderia explicar tudo por meio da ciência. Entretanto, acabei me vendo envolvida em pesquisas triviais, enquanto assuntos importantes do mundo deixavam de ser discutidos. Aparentemente as perguntas que eu queria ver respondidas – quem somos nós, de onde viemos e para onde vamos – eram filosóficas e não científicas. Tentei mudar para o mundo espiritual. Procurei aprender sobre extraterrestres e outros campos do conhecimento, mas no fim das contas o que eu queria mesmo era entender a condição humana dentro do contexto mais amplo da natureza.

O ROMANCE DO UNIVERSO – Então mudei para uma ilha da Grécia, para escrever um romance sobre o mundo natural. Ao chegar lá vi os animais, a natureza, o mar, e resolvi escrever um livro sobre o Universo, a Terra e a Humanidade. A razão de ter feito essa escolha é que ela se enquadrava num contexto. Acredito que é o contexto que dá significado às coisas. Temos uma visão diferente do ser humano se estamos no âmbito religioso ou no científico. Assim, ao construir nossa

visão de mundo nós o fazemos sempre dentro de uma série de contextos. E meu universo se expandiu muito, durante esse exercício.

Aprendi que a Humanidade é um sistema vivo dentro de outro, muito maior e igualmente vivo, e que não estamos vivendo em harmonia com o mundo natural. Por isso o nosso prognóstico não é bom, em termos de sobrevivência. Se queremos ser um sistema vivo dentro de outro, mais amplo e também vivo, temos de respeitá-lo.

Comecei então a perguntar se o ser humano poderia viver nesse contexto de um modo mais saudável. Descobri que os homens que melhor se adaptaram ao sistema em que vivem são os indígenas. Ao voltar da Grécia, comecei a me relacionar com alguns povos nativos. Ajudei Thomas Managui, um velho índio hopi, a falar nas Nações Unidas. Ele estava tentando fazer isso há 43 anos. Muitas pessoas tentaram ajudá-lo e, finalmente, o seu discurso aconteceu em dezembro de 1992. Falemos um pouco sobre o pensamento dos hopi.

Eles dizem que a Grande Mãe e o Grande Pai deram aos seus filhos duas missões diferentes. Os filhos brancos receberam a incumbência de viajar pelo mundo, escrever e inventar coisas. Seus irmãos vermelhos deveriam ficar na terra e conservá-la sagrada e digna de respeito. Um dia o irmão branco voltaria para casa e compartilharia as suas invenções com o irmão vermelho, e este dividiria com ele a sabedoria que havia obtido cuidando da terra. Se por acaso o ego do

irmão branco crescesse muito, por causa de suas invenções, ele acabaria se tornando incapaz de ouvir a sabedoria do irmão vermelho. E poderia até mesmo levar o mundo ao fim.

Os índios kolgui, da Colômbia, têm uma história semelhante, um conto muito bonito sobre a criação, que diz que a Lua cria todos os mundos possíveis na mente antes de torná-los reais. A experiência de criar mentalmente o Universo foi chamada de memória ou possibilidade. Entre os filhos da Lua estavam um irmão mais velho e um mais novo. Este estava sempre atormentando aquele. Para evitar maiores problemas, ela mandou o mais novo para bem longe. Infelizmente, há 500 anos ele conseguiu fazer o caminho de volta e continuou a criar dificuldades. Por isso, os kolgui agora nos avisam que se continuarmos a arrancar o coração da mãe e a picar o seu fígado (é assim que eles falam do desflorestamento, da devastação e da exploração de minas), o mundo como nós o conhecemos se acabará, será o fim de tudo.

Os índios viram o tempo mudar nas montanhas. À medida que as árvores vão sendo cortadas, as nuvens não mais se formarão a partir delas. Haverá então menos neve e menos água nos rios. Sem água, eles não conseguirão fazer as plantações a que estão acostumados. Na Austrália, os aborígenes também testemunharam mudanças nos desertos e a extinção de espécies animais.

Isso é o que vemos entre os povos nativos: a observação da ecologia e da natureza. Eles ficam perplexos quando percebem que nós não preservamos os sistemas naturais, porque consideram a natureza uma mãe sagrada. Sempre fui uma adoradora do mundo natural. Os nativos me devolveram a religião. O que mais me impressiona entre eles é que não fazem divisão entre o real e o imaginário: consideram tudo o que experimentam como a realidade.



Cabeça III

O JOGO IMOBILIÁRIO – Em nossa cultura, tendemos a identificar a mentira com o irreal. Entretanto, como a ciência hoje nos diz que não existe uma realidade fundamental, talvez tenhamos de considerar tudo como real. Isso significa que devemos expandir nossa visão de mundo para além do que já vemos, entender que a vida continua em muitos níveis imateriais, e que o Universo é um grande mar de inteligência do qual o mundo material brota a

cada momento. Cada um de nós cria a cada instante a realidade: nós a estamos criando juntos, momento a momento. Essa é a realidade da vida, da qual não podemos escapar.

Portanto, é muito importante que olhemos para o que estamos fazendo e perguntemos: é isso que queremos criar? Se não for, é melhor mudarmos nosso sistema de crenças e refletir sobre algo diferente. Tempos atrás, num *workshop*, perguntei quantas pessoas sabiam jogar Monoclin, o Jogo do Banco Imobiliário. Quando foi a última vez que vocês o jogaram? Quantos anos vocês tinham? Estamos todos acumulando riqueza da mesma forma que no Jogo Imobiliário e, com exceção dos vencedores, estamos cada vez menos ricos.

É esse o jogo que queremos jogar? Temos de nos perguntar isso, porque há jogos em que todos ganham e podemos jogá-los também. Sabem qual é o jogo em que todos ganham? É o que se joga em nossos próprios corpos. Temos um organismo em que todas as células ganham quando há saúde. Será que há órgãos ou sistemas mais pobres ou mais ricos em nosso corpo? Não acredito. Vocês acham que o coração alguma vez tentou convencer o fígado a ser igual a ele? Não creio nisso. As células porventura reclamam, quando o organismo manda ajuda para uma parte que está machucada? Se a economia mundial operasse dentro do nosso corpo, como ficariam as coisas?

O organismo funciona de tal forma que o sangue é oxigenado nos pulmões, de modo a poder ser redistribuído pelo corpo por meio do coração. Em termos de economia mundial, como seria isso? O corpo avisaria: o sangue hoje vai custar tanto. Então, ele só iria para os órgãos que pudessem pagar. E os que não pudessem, quanto tempo vocês acham que sobreviveriam?



Niké

Há lições da natureza, inclusive em nosso corpo, que mostram como vivem os sistemas naturais. Já pensaram que maravilhoso sistema de governo formam o cérebro e o sistema nervoso? Eles não dão ordens sem sentido. Estão a serviço do corpo inteiro, recebendo informação e a redistribuindo, fazendo o possível para que ela vá para os lugares onde é mais necessária. Temos, portanto, tudo de que precisamos. Isso nos ensina muito sobre o mundo em que vivemos e sobre como devemos nos comportar. Como faremos para que as células lesadas do mundo se tornem novamente saudáveis?

Será que nós, seres vivos, estamos tendo, ao menos ocasionalmente, experiências espirituais? Se quando acordássemos de manhã lembrássemos de quem somos, do que todos os grandes mestres nos ensinaram, será que olharíamos de forma diferente uns para os outros? Será que veríamos de outro modo as crianças das favelas? E os índios que se tornaram alcoólatras porque destruímos a sua cultura, será que os veríamos como iguais? Há muitas maneiras de construir um mundo melhor se todos trabalharmos para isso. O mais importante é que cada um encontre o meio pelo qual mais goste de fazer mudanças. Se vocês realmente gostarem de participar desse esforço, desse envolvimento na construção de um mundo melhor, outros também farão o mesmo.

Estou me sentindo muito confortável neste mundo, com o caos que está surgindo. A natureza é capaz de reorganizar tudo em grandes modelos quando situações rígidas se desfazem. Muitos de vocês ouviram a minha participação na *Imaginária*, no ano passado, em São Paulo, quando falei sobre a metáfora da borboleta. Vou contar essa história agora, para os que não estiveram lá.

AS CÉLULAS E AS MÁQUINAS – Quando uma lagarta está em seu casulo acontecem algumas coisas estranhas, inclusive o que os biólogos chamam de discos imaginários. O sistema imunológico atua, mas eles continuam surgindo, numa produção cada vez mais rápida, e vão se ligando uns aos outros. Por fim o sistema imunológico entra em colapso, todo o corpo da lagarta se dissolve num caos, e os discos se transformam em células que comporão o organismo da borboleta.

Essa é a posição em que todos estamos no momento. Cada um de nós é uma célula imaginária. Estamos “construindo” uma borboleta que irá voar, e assim talvez consigamos chegar a uma espécie humana melhor, que não tenha tanto medo das crises que vêm vindo. Se conhecermos bem o nosso eu superior, nenhum problema será tão grande que não possa ser enfrentado. Três quartos do mundo já lutam com sérias dificuldades, e elas estão cada vez maiores. De formas diversas, todos nós passaremos por esse caos, mas precisamos continuar a construir a borboleta. Talvez tenhamos de nos tornar menos dependentes do casulo em que estamos.

A maior liberdade que experimentei foi a de ter desistido da maioria das minhas posses, mas estou contente pelo fato de que alguns de vocês as tenham.



Arqueologia galáctica - fóssi IV.

Isso me dá a oportunidade de viajar pelo mundo inteiro e ficar em casas muito bonitas. Temos de aprender a compartilhar a nossa casa, ou fazer o que for necessário para que essa transição aconteça.

Gostaria que vocês ficassem com essa idéia da borboleta e daí, talvez, partir para discuti-la um pouco mais. Espero ter-lhes dado uma visão pessoal, que começou na minha infância e cresceu, passando pela ciência (quando vi como ela é limitada) e chegando até o mundo natural. Estou sempre aberta para mudanças quando ouço idéias novas e melhores. Espero que vocês sigam um caminho como esse, e assim talvez todos possamos nos curar mutuamente e deixar de perder tempo tentando fazer com que os outros pensem exatamente como nós. Cada um de nós tem uma história, e pode usá-la para criar coisas novas junto com os outros. O importante é que possamos trabalhar em comum, apesar de nossas diferenças ou até por causa delas.

A maioria de nossas instituições foi estabelecida com base na mecânica, porque a visão ocidental é fundamentalmente assim, e por isso é ilógica. René Descartes afirmou que Deus era um grande arquiteto, que inventou as máquinas da natureza e pôs um pedacinho da sua mente dentro de sua máquina predileta, o homem. E este, por sua vez, seria capaz de inventar os seus próprios maquinismos. Portanto, Descartes acreditava que as máquinas feitas pelo homem eram essencialmente as mesmas construídas por Deus.

Os cientistas, porém, chegaram à conclusão de que não precisavam mais de Deus em sua visão de mundo. Mas conservaram a idéia dos maquinismos naturais. É aqui que seu raciocínio se torna ilógico, porque as máquinas não nascem das árvores, não existem sem inventores. Como poderiam elas surgir, sem um criador? Para responder a essa pergunta os cientistas pensaram seriamente, e concluíram do seguinte modo: se as máquinas não foram criadas propositalmente, devem ter surgido por acidente. Se jogarmos as peças de um relógio suíço num quintal, e se o vento estiver muito forte, elas podem ir se espalhando e se combinando ao acaso. Depois de algum tempo o relógio poderá estar montado.

Essa nunca foi uma visão de mundo satisfatória. Ela se destina às pessoas que estão fora do universo da ciência. Vocês se surpreenderiam se soubessem como dentro do âmbito científico as pessoas acreditam em coisas absolutamente incríveis, até porque se não fizessem isso não conquistariam os seus Ph.Ds. Na escola, me ensinaram que o antropomorfismo (que significa projetar sobre a natureza qualidades humanas) era um pecado. Mas o que fazemos é um mecanomorfismo: projetamos no mundo natural as qualidades das máquinas. Como elas foram inventadas pelo ser humano, estamos fazendo nada mais nada menos que um antropomorfismo de segunda mão.

Se a natureza é viva, por que ela não pode ser como eu? Aprendi com os povos nativos que é possível entrar em comunicação com todas as partes do



Arqueologia galáctica - cabeça de cavalo I

mundo natural, desde que fiquemos realmente quietos e ouçamos. Não sabemos mais ouvir, mas os povos nativos continuam bem conectados. Vi como eles conseguem fazer chover e muitas outras coisas. Não que eles façam a chuva cair: apenas sabem pedir com muito jeito. Quanto a nós, continuamos com idéias mecânicas e tentamos organizar a natureza como se ela fosse um maquinismo.

A DEMOCRACIA GLOBAL – Em Curitiba, pedi a um grupo de empresários que fizesse um diagrama da estrutura de suas organizações. Todos, exceto um, desenharam quadrados conectados por linhas retas. Eram diagramas muito mecânicos. E no entanto as organizações são compostas por pessoas, gente que fala, que interage, seres humanos que não são quadrados e cujas interações não podem ser representadas por linhas retas. Tentamos forçar os indivíduos a entrar nesses quadrados, mas isso já não está funcionando tão bem. Na escola, por exemplo, as crianças não querem mais ficar sentadas em carteiras enfileiradas: preferem sair correndo e pulando quando o sino toca.

Agora temos máquinas automáticas para fazer quase todo o trabalho. Mas por que o processo de automação não nos trouxe a prometida semana de 20 horas de serviço? Porque as pessoas ainda não entenderam o Jogo Imobiliário. O capitalismo não vai funcionar melhor do que o comunismo. Está durando um pouco mais porque aprendeu a abrir as portas para a negociação.

O fato é que temos de aprender a viver como organismos, aprender a compartilhar. Temos de mudar o formato das nossas organizações para o orgânico, aprender a copiar da natureza o modo como ela se recicla. Tudo o que fazemos pode ser feito de um modo reciclável. Há tantas invenções maravilhosas esperando o fim desse Jogo Imobiliário! Existe, por exemplo, uma célula de combustível totalmente não-poluente, que pode ser usada em nossos carros, os quais por esse meio poderão ser movidos a água. Mas é muito difícil desenvolver recursos como esse, enquanto as companhias de petróleo precisarem manter o controle da economia.

A engenhosidade humana é capaz de resolver os problemas criados pela poluição. Será muito divertido quando tivermos liberado completamente a nossa criatividade, mas no momento temos de insistir num ponto: se quisermos viver numa sociedade realmente democrática, não podemos continuar fingindo que ela é uma democracia, quando na verdade é um conjunto de monopólios.

Precisamos de muita honestidade para procurar meios de interação que nos permitam viver sem nos explorarmos mutuamente. Dois bilhões de anos atrás, quando existiam apenas bactérias no mundo, elas deixaram de ser uma comunidade não-cooperativa e se tornaram uma sociedade de cooperação. Bactérias não têm cérebro – mas conseguiram. Todas as células de nosso corpo vieram de estruturas celulares antigas. Se quiserem detalhes a esse respeito, leiam o meu livro. Hoje, a natureza nos pede que

passemos pelo mesmo processo. Ela está nos dizendo que a competição e a exploração já foram muito longe. Fomos muito criativos inventando a tecnologia, mas agora precisamos usá-la para criar a cooperação.

De certa forma já estamos fazendo isso. Vejam a Internet, por exemplo. Ela provavelmente desenvolverá uma nova forma de democracia. Ninguém será capaz de controlá-la, nem os governos nem as corporações. A Internet é uma forma de cooperação de baixo custo e grande alcance. As pessoas a utilizam e se divertem, é algo caótico mas auto-organizado. Já cooperamos nas viagens aéreas, serviços postais, comunicações, podemos fazer tudo isso. Estamos nos globalizando, e portanto temos de construir algo sobre o que já conseguimos e recusar os aspectos negativos do Jogo Imobiliário.

Acho a Internet fascinante. É um experimento de democracia global. Os professores devem levá-la muito a sério, porque os alunos tendem a preferir o computador a eles. A razão disso é que o computador dá mais poder ao estudante, permite que ele procure por si mesmo o que quer aprender e contribua com suas próprias idéias. Há sempre alguém na Internet, ouvindo e respondendo. Estou agora no Brasil porque um adolescente de 16 anos, de Curitiba, me encontrou na Rede e pediu que o diretor de sua escola me convidasse.

É impressionante como as coisas podem acontecer nesse contexto, mas é também muito importante que estabeleçamos um bom relacionamento entre as pessoas. Não queremos perder nossas crianças para os computadores, por isso precisamos saber o que elas estão fazendo com essas máquinas. Desse modo, poderemos fazer com que essa relação se torne produtiva para a comunidade. A Internet está nos ajudando a viver numa comunidade de iguais, mas é preciso



Ísis

que aprendamos como levar isso para as relações interpessoais.

Pensem juntos, portanto, sobre como sair dos mecanismos que estão nos controlando e nos reorganizarmos segundo princípios que existem em nosso próprio corpo ou em qualquer ecossistema. Olhem para nossas visões de mundo e perguntemos: se vivermos de acordo com uma história

na qual acreditamos isso será bom para nós e para nossas famílias; será bom para as nossas comunidades, porque elas se tornarão mais fortes e saudáveis; e será bom para os ecossistemas em que vivem essas comunidades. Se assim for, teremos uma grande história para seguir. Se não for, é preciso reescrevê-la. Esse é nosso privilégio e nossa responsabilidade.

A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA – Estive no bairro mais pobre de Curitiba e vi que a cidade está trabalhando muito para que cada indivíduo participe das decisões. É um imenso progresso o que está acontecendo lá. Ainda não é o paraíso, ainda há muito a ser feito, mas existe uma incrível vontade de trazer cada um para dentro do sistema, deixar de dizer às pessoas pobres o que elas devem fazer e perguntar-lhes o que podem fazer para se tornarem cidadãos ativos.

Fui à China em 1974, há mais de vinte anos, e fiquei impressionada com o que fizeram em Xangai. Antes, a cidade estava numa situação pior que a de São Paulo. Não havia sistema único de eletricidade, serviços de transporte que percorressem toda a área urbana, nem rede de esgotos. Como as pessoas estavam divididas em quatro regiões diferentes pelos países ocupantes, era muito difícil alimentá-las. A cidade estava poluída pelas indústrias e havia muita pobreza.

Mas em 1974 já havia comida para todos, educação, roupa, habitação, sistema de saúde. As fábricas tinham sido transferidas, tijolo por tijolo, para fora da cidade: as estradas haviam sido alargadas, melhoradas e interligadas. Já existiam um sistema único de energia elétrica e abastecimento de água limpa. Não havia mais prostituição nem tráfico de drogas. Nada disso teria sido conseguido se as pessoas tivessem apenas recebido instruções

sobre o que fazer. Mas foi posto em prática um enorme esforço para motivar a população a melhorar de vida. Por isso, a China inteira se desenvolveu sem investimentos econômicos e é hoje uma das economias mais viáveis do mundo.

Nós, do Ocidente, que sempre fomos tão críticos, deixamos de acompanhar esse progresso. Desejo que muitas das nações de hoje possam aprender com ele. Tudo isso seria aplicável à antiga União Soviética e também a São Paulo. Devemos ter muito cuidado para não nos deixarmos levar por nossos preconceitos, e realmente verificar como as pessoas trabalharam e foram pioneiras. Não acredito em problema humano que não possa ser resolvido. Não creio que exista conflito que valha a pena uma guerra. Sabemos de muitas disputas que se resolveram sem violência. Mas infelizmente a guerra é uma coisa muito lucrativa: as quantias gastas em armamentos são muito maiores que as necessárias para construir um mundo melhor.

Continuaremos a ser vítimas impotentes desse sistema, ou desenvolveremos a vontade de mudar tudo isso para o benefício de todos? Precisamos viver sem medo e sem culpa. Ainda há tempo. Somos espíritos que têm uma vivência humana e não vamos parar até fazermos o que é certo. Ouçam os seus sentidos internos, conectem-se a seus eus superiores, porque isso vai lhes dar coragem e alegria.



Cabeça II em pedras preciosas

Estamos, seguramente, correndo sobre o caos. As pessoas estão cansadas dos atuais sistemas. Ouvimos mais e mais gente falando em transformar o mundo. No entanto, muitos ainda não entenderam o novo paradigma. O ego ainda fala mais alto do que a voz interior. É preciso que venha uma transformação, e ela, segundo entendo, deverá acontecer por meio da conexão espiritual. Esse é o único meio de lidar com o ego.

Os índios nunca falam em administrar a natureza, jamais se referem a si mesmos como o ápice da evolução. Eles em geral dizem que nós somos os irmãos pequenos: fomos os últimos a chegar e por isso qualquer animal ou planta pode nos ensinar. São corajosos, têm um lado muito sensível e não parecem ser carentes de nada daquilo que conseguimos por meio do ego. Peço a vocês que não julguem as coletividades indígenas pelo que restou delas. Acredito que quando nos conectamos a forças superiores ganhamos a noção de comunicação universal e nos tornamos mais interessados na idéia de servir: trabalhar com os outros em vez de trabalhar contra eles.

O ego tem a ver com competição, é ele quem diz: "Nós somos os melhores, vocês não". Essa é uma posição muito estressante. Competir é cansativo. Viver em comunidade é muito mais fácil, não precisamos fazer tudo sozinhos, há gente para ajudar, pessoas que se preocupam conosco, que podem nos substituir se precisarmos de um dia de folga, enfim, é muito mais divertido.

UNIDADE E PRODUÇÃO – Estive no Peru. Fui para lá porque uma voz interior me disse muito claramente que eu deveria ir, mas não explicou o que deveria fazer quando chegasse. Fui e trabalhei com cinco pequenos grupos de índios, ajudando-os a fortalecer a sua



Arqueologia galáctica - cabeça de cavalo II

cultura. Foi tudo muito difícil, porque não há respeito pela cultura indígena no país. Mesmo no Instituto Cultural não há trabalhos artísticos feitos pelos nativos. Mas se vocês pegarem algo tecido há quinhentos anos atrás ficarão com lágrimas nos olhos por causa da incrível beleza dos trabalhos. Não há nada igual no mundo de hoje. E no entanto existem pessoas que poderiam realizar essas obras novamente, se tivessem orgulho de sua cultura.

Aprendi muito nos Andes, e não apenas sobre a sua bela música e tecelagem, mas também sobre as práticas ecológicas dos incas e povos a eles anteriores, com sua incrível agricultura. Metade da comida que é consumida hoje no mundo pode ser detectada naquela cultura. A agricultura orgânica é extremamente importante para o Brasil. A alimentação é a fonte da vida. Vocês não querem se envenenar nem a seus filhos por causa do Jogo Imobiliário, não é?

A agricultura orgânica é cem por cento mais eficiente do que a convencional, mas não é tão lucrativa. Alguns países da Europa estão abolindo o cultivo convencional da terra, porque sabem que ele envenena as pessoas, o solo e a água. Quando se separam as plantas e os animais para fazer essa agricultura de alta tecnologia criam-se dois problemas, porque plantas e animais se alimentam mutuamente. A separação dos animais faz com que o esterco se acumule, trazendo problemas para a saúde. Do outro lado, as plantas crescem alimentadas por produtos químicos, o que produz outra forma de poluição. São dois modos de poluir o ambiente, ambos desnecessários.

Os princípios de qualquer sistema vivo são os mesmos. Podemos falar em política dos sistemas: dos sistemas vivos, do sistema econômico, do sistema ecológico. Tudo se encaixa no grande processo da vida. É importante fazer conexões entre as comunidades e o nosso corpo. Em todos os sistemas vivos há diversidade. As partes se comunicam umas com as outras, auxiliam-se mutuamente, há divisão de trabalho. As decisões são comunitárias e as respostas imediatas, em caso de dificuldade. Ao invés de explicar às crianças todos esses princípios, devemos dar-lhes a oportunidade de aprendê-los por si mesmas. Veremos então que elas descobrirão coisas em que ninguém havia pensado antes.

O modo como vemos nosso corpo e rotulamos as diversas partes que o compõem influenciam a nossa visão de mundo. Neste mundo ocidental industrializado, nós nos identificamos com a idéia de que o cérebro é superior. O sistema nervoso está a serviço do organismo, é claro, mas sabe que nenhuma parte dele é dispensável. Cada célula tem uma membrana, que trabalha de um modo muito eficiente para decidir o que deve ou não entrar no corpo celular. O núcleo da célula é uma espécie de biblioteca de recursos, que também participa dessas decisões. Cada unidade celular do nosso organismo tem, portanto, uma certa autonomia. E assim todo sistema vivo se auto-regula e se auto-produz. Isso se faz principalmente por meio de um processo de negociação com o sistema mais amplo do ambiente.

É essa dança entre unidade e autonomia que realmente dirige todo o Cosmos. Um poeta grego disse que não podemos viver sem casar. Estamos sempre tentando negociar a nossa autonomia, seja na comunidade, seja no casamento: é uma dinâmica que nunca pára, que está sempre criando e recriando. Estamos sempre dançando entre o caos e a ordem, sempre negociando, tentando conciliar nossos interesses com os dos outros. Não estou interessada em saber que parte do meu sistema é mais nobre ou menos nobre: o sistema inteiro tem de participar da dança.

Nossas sociedades são muito diferentes em termos de poder, em termos do que possuem e do que não possuem, e essa é a causa de quase todos os nossos problemas. Precisamos definir o que é uma boa qualidade de vida para todos. A quantidade não é tudo. Ela faz com que nos preocupemos o tempo inteiro com segurança, e isso prejudica a qualidade. Muitas vezes me perguntam o que é mesmo essa nova ordem que está vindo, e o que há de errado com a ordem antiga. Os nativos, por exemplo, acreditam que é preciso obedecer às instruções do Criador: pensam que os homens não podem mudá-las. Acontece que os princípios da nova ordem nos foram ensinados desde a Antigüidade, por meio das tradições religiosas. Nós apenas gostamos de imaginar que os estamos descobrindo agora.

Para nós eles parecem novos, mas na verdade estamos simplesmente acordando, despertando para o que sempre quisemos saber. Será que estamos indo para o fundo do poço? Esse é o grande desafio. Acredito que tudo o que acontece tem uma causa. Se estivermos indo para baixo, isso também tem uma ou muitas delas. O problema real não é a tecnologia, é o Jogo Imobiliário. Temos de reciclar a tecnologia, aprender a usá-la, aprender a não possuir mais do que precisamos, a ter somente o necessário para que todos possam ter uma boa qualidade de vida. É isso que vai ter de mudar: a forma de distribuição.

Se o sistema se autodestruir restarão tantos bens e tantas pessoas como há agora. O que deverá mudar, então? A distribuição da propriedade. Não perdemos os recursos espirituais, nem os humanos, nem os materiais. O que precisamos é aprender o que fazer quando vier a notícia de que o sistema acabou de verdade. O que fazer para pôr para funcionar a nova ordem? É o que precisamos decidir. ▲

Este texto corresponde à edição de uma palestra da autora na Associação Palas Athena, em 13 de setembro de 1996.



Pequeno bronze

CLÁUDIO DANIEL

TAOÍSMO – A FILOSOFIA
CLÁSSICA DA CHINA

*Do explicável ao inexplicável,
uma jornada em que o viajante, a viagem
e o caminho se fundem e se completam*



Meteorito V

CLÁUDIO DANIEL é poeta, jornalista
e autor do livro *Sutra*.



Peixe fóssil VIII

Segundo Chuang-Tzu, o Tao está além das palavras e do silêncio. O Vazio, origem da vida e de todos os seres, não tem forma, mas cria todas as formas; não tem nome, embora o chamem de Tao. É o Eterno, de cujo sopro provém o Tempo, e o Ilimitado que gera o Espaço. É o Imóvel que propicia o movimento, e o Imutável que impulsiona o ciclo de mutações do Universo. O Tao é incondicionado e está em toda parte, dentro de tudo e fora de tudo. Sua presença é revelada como ausência, o Invisível que habita todos os visíveis. Ele, o Auto-existente, é a Unidade manifestada na aparente multiplicidade dos fenômenos.

Todas essas definições, que os filósofos da China clássica atribuíram ao Tao, não podem explicar sua natureza. Se ele é o Infinito, o Ilimitado, como poderia ser percebido pela mente e sentidos humanos, finitos e limitados? Ou, como diz Chuang-Tzu, como poderia a rã, que sempre viveu num poço, compreender o oceano? “Não podeis pensar quem pensa o pensamento”, ensinam os Upanishads da Índia. “O Tao se parece com um quadrado infinito sem ângulos” (Lao-Tzu).

A JORNADA INTERIOR – O Tao é incompreensível. Ele existe (no mundo dos fenômenos) e ao mesmo tempo não existe, pois transcende a existência. Como vacuidade, antecede toda manifestação de nomes e formas. Só é possível compreender o Tao por meio da experiência mística, e é isso que a filosofia taoísta propõe: o encontro

com o vazio no centro do próprio homem. “Procurar o Tao é como andar em círculos para ver seus próprios olhos” (Anônimo). Essa aventura interior, pessoal e silenciosa, não pode ser comunicada por palavras, essas “hóspedes da realidade”, limitadas ao aspecto exterior e inteligível das coisas.

“Quem sabe, cala. Quem fala, não sabe”, disse Lao-Tzu. Então, qual o sentido dos textos taoístas, como o *Tao te King*? Revelar o Tao? Isso seria impossível. “Tudo o que se diz a respeito do Tao não é verdade”, afirma o mesmo Lao-Tzu, autor de um livro de cinco mil palavras. No entanto esses escritos, ora enigmáticos, ora bem-humorados ou paradoxais, trazem a nós *flashes* da intuição e da vivência espiritual de alguns dos maiores sábios do Império do Meio. Para o ocidental, essas palavras são pistas para o início da jornada, que vai da linguagem ao silêncio, da cultura à simplicidade, da memória ao esquecimento. São livros para serem lidos e esquecidos, ou, ainda, para serem vividos.

O ideograma usado para designar o Tao é formado por dois signos: a Cabeça e os Pés, sugerindo um movimento inteligente ao longo de uma estrada. Assim, o Tao é o caminho, mas também o caminhante e o ato de caminhar; é o sujeito, o verbo e o objeto, ao mesmo tempo, sem distinção. Essa palavra é usada com significado diferente no confucionismo, onde quer dizer caminho, no sentido de método ou modo de conduta e, algumas vezes, como a lei imutável que rege o Céu e a Terra.

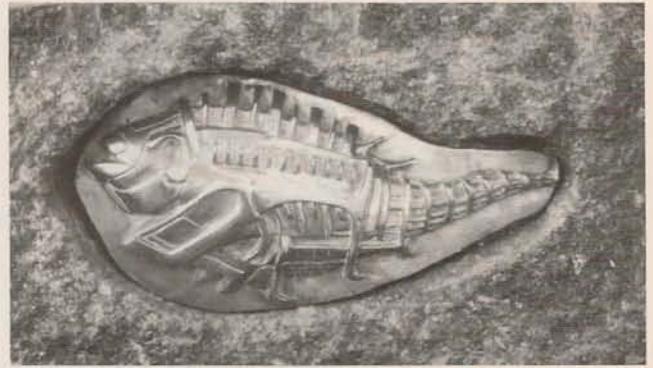
O conceito de Tao é mais antigo que as duas escolas, de Confúcio e Lao-Tzu, e remonta provavelmente ao *I Ching*, o *Livro das Mutações*, atribuído ao lendário Imperador Amarelo, Huang-Ti, soberano da Idade do Ouro. Mas foi na escola taoísta que o Tao passou a ser a idéia central de toda a metafísica, ciências, artes, medicina e das práticas de necromancia.

O REAL E O VAZIO – O Tao é comparado ao centro vazio de um círculo, o eixo imóvel que comanda o movimento. A circunferência móvel é o mundo dos fenômenos visíveis, submetidos às limitações do Tempo e do Espaço e aos ciclos de mutações da natureza. É o mundo da dualidade, do claro e escuro, do alto e baixo, do som e do silêncio. Na circunferência tudo são formas e nomes, efêmeros, mutáveis e perecíveis: o eixo vazio é o único eterno, imutável, imperecível, “sem limites nem partes” (Lieh-Tzu).

Dizendo de outro modo, o Vazio é o Real, o Ser que nunca deixa de existir. O disco é o plano do sonho, da ilusão, que os hindus chamam de *maya*. Sendo o Tao a única realidade, ele não difere do homem e do Universo, num sentido mais profundo. As formas são ilusórias, só a essência existe de fato. O movimento do centro para a periferia é o ato de criação dos mundos, o surgimento da dualidade e do ego. O movimento contrário é a saída do finito para o infinito, o mergulho de volta à mônada vital, que os taoístas chamam de *imortalidade*. O retorno ao Vazio é a meta de todas as práticas espirituais ióguicas e alquímicas.

O Tao cria e sustenta o Universo por meio da perfeita harmonia, ou *Tê*. O ideograma que representa esse conceito significa, literalmente, “colocar uma semente sob a terra”, e é traduzido como “vida” ou “virtude”. No sistema de Confúcio, *Tê* quer dizer virtude no sentido convencional de prática moral. No taoísmo, é a ação espontânea, natural, desapegada, do Tao.

Esse “movimento imóvel”, não-intencional, é o princípio da manifestação cósmica. O Tao, que é o zero, torna-se um, a causa inicial. Essa unidade, ou *Tai Chi*, é representada como um círculo formado por dois elementos: *yin*, feminino, lunar, passivo, e *yang*, masculino, solar, ativo. São opostos complementares em perfeito equilíbrio e harmonia.



Fóssil cabeça de cavalo

PÓLOS E CÍRCULOS – *Tai Chi*, assim, é a unidade na dualidade, o Tao que se manifestou como macho e fêmea, positivo e negativo. Na dialética taoísta não há conflito, mas uma tranqüila cooperação entre os opostos: dentro de *yang* há *yin* e vice-versa. Cada pólo se transforma em seu contrário, num movimento cíclico, e esse permanente jogo de combinações e transformações entre o feminino e o masculino dá origem a todas as coisas. O Universo, de acordo com essa filosofia, é algo em permanente mutação.

Não há nada que seja intrinsecamente “bom” ou “mau”, nem há “evolução” ou “progresso”: tudo é um contínuo vir-a-ser, como na metáfora do rio de Heráclito. Nada é permanente ou imóvel, tudo está em rotação. O elemento *yin* é identificado com a água, com o que é leve, suave, escuro, receptivo. O *yang* é comparado com o fogo, com o que é pesado, duro, luminoso, penetrante. Em suas múltiplas interações, essas duas forças geram a tríade – Céu, Homem, Terra – e dentro dela a multiplicidade dos entes visíveis. Ou, como diz Lao-Tzu: “O Um gerou o Dois, o Dois criou o Três e o Três fez surgir as Dez Mil Coisas”.

No sentido cósmico, o Céu é *yang*, o pai, e seu símbolo é o círculo. A Terra é *yin*, a mãe, e seu símbolo é o quadrado. O homem, filho do Céu e da Terra, recebe influências de ambos. Assim, a inspiração é *yin*, a expiração é *yang*; a alimentação é *yin*, a evacuação é *yang*; certos órgãos e funções internas do corpo têm predominância de *yin*, outros de *yang*.



Arqueologia galáctica - cabeça de cavalo II

O corpo humano, assim como todas as formas materiais, é composto de Cinco Elementos (*Wu Hsing*), produzidos por *yin* e *yang*: fogo, água, madeira, metal e terra, que determinam as atividades orgânicas da natureza. Esses princípios orientam não apenas a medicina energética chinesa (*shiatsu, do-in, chi-kun*), mas também os exercícios de meditação e as artes marciais como o *tai chi chuan*.

Todos os acontecimentos climáticos, biológicos, astronômicos, que obedecem a leis cíclicas, são regidos pelo jogo dos contrários. No mundo visível, porém, *yin* e *yang* não se manifestam em estado puro: os opostos, em suas subdivisões e combinações, se corporificam por meio dos Oito Trigramas, ou *Pa-Kua*. O *Yang* Celestial é representado graficamente por uma linha contínua, e o *Yin* terrestre por uma linha interrompida. Numa primeira série de transformações, *yin* e *yang* se combinam, formando os Quatro Desenhos. Esses dois casais, que são o feminino e o masculino, em seus aspectos ativo e passivo, geram, numa segunda série de transformações, os Oito Trigramas.

<i>Ch'ien</i> , o Criativo	– o Céu	– Pai
<i>K'un</i> , o Receptivo	– a Terra	– Mãe
<i>Chen</i> , o Incitar	– o Trovão	– Primeiro Filho
<i>K'an</i> , o Abissal	– a Água	– Segundo Filho
<i>Ken</i> , a Quietude	– a Montanha	– Terceiro Filho
<i>Sun</i> , a Suavidade	– o Vento	– Primeira Filha
<i>Li</i> , o Aderir	– o Fogo	– Segunda Filha
<i>Tui</i> , a Alegria	– o Lago	– Terceira Filha

NATUREZA E MOVIMENTO – Essas imagens simbolizam tudo o que acontece no Céu e na Terra, os diferentes estados de transição do ciclo de mutações. Os *Pa-Kua* não representam coisas, mas *tendências* de movimento da mecânica universal. Cada trígama representa uma força da natureza, ativa ou passiva, de acordo com a predominância de *yin* ou de *yang*. *K'un*, a Terra, por exemplo, formada por três linhas *yin*, é a fertilidade, a receptividade, a gestação. *Ch'ien*, formado por três linhas *yang*, é a potência criadora, a penetração, a força do espírito.

Os “filhos” representam as etapas da atividade: o início (*Chen*), o perigo no meio da jornada (*K'an*) e o fim, o repouso (*Ken*). As “filhas” representam as etapas da devoção: a suave penetração (*Sun*), a clareza e adaptabilidade (*Li*) e a alegre tranqüilidade (*Tui*). Nenhum trígama é estático, mas dinâmico, sempre apto a se transformar em outro, no infinito jogo de interações dos opostos. Assim, a tempestade é sucedida pela calma e a escassez pela abundância, num contínuo vaivém. Essa filosofia nos revela a impermanência dos fenômenos: tudo é efêmero e mutável.

no mundo visível, todas as coisas estão submetidas a um perpétuo vir-a-ser, atravessando os diferentes estágios do movimento circular do Universo.

Os *Pa-Kua* são os elementos básicos para a compreensão das mudanças da natureza. Acasalando-se entre si (8x8), dão origem aos 64 hexagramas do *I Ching*, que definem as tendências de movimento no macrocosmo e no interior do homem, ele próprio um microcosmo. O conhecimento desse infinito jogo de dados permite vislumbrar todas as possibilidades do devir no mundo material. Daí a utilização do *I Ching* tanto como livro de sabedoria quanto como oráculo.

Tudo isso, porém, não passa de ilusão, em contraste com o Tao, o único, imóvel, imutável e eterno. O taoísta procura conhecer a natureza não para dominá-la, mas para se adaptar a ela. O conflito e a desarmonia surgem quando há o choque entre os opostos, quebrando a perfeita harmonia cósmica. A atitude do discípulo do Tao é jamais opor-se a coisa alguma, aceitar todos os fatos transitórios do mundo sem alegria nem pesar, sem apego nem aversão, imitando a atitude do próprio Tao. Ele busca realizar dentro de si o *Tai Chi*, a união dos opostos, num estado de permanente equilíbrio. Em meio à multiplicidade dos fenômenos, procura a Unidade, o vazio original, fonte de toda a criação, que é imóvel mas impulsiona a roda da vida.

A ELIMINAÇÃO DOS CONCEITOS – O sábio taoísta, sintonizado com as leis do Universo, age pelo não-agir (*wu-wei*). Procura a simplicidade, a espontaneidade dos movimentos da Natureza, em que não há especulação mental nem interesses egoístas. Ao contrário do homem comum, que age visando benefícios para si, o sábio, que não é apegado a nada, executa suas atividades sem esperar elogio ou recompensa.

Esse trabalho sem egoísmo, ao dissolver toda motivação pessoal, aniquila a idéia



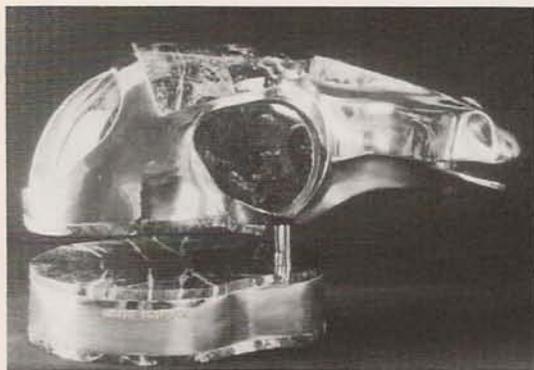
Fóssil cabeça de cavalo

de ego, a ilusão de um “eu” diferente do mundo e suas criaturas. Ao se libertar dessa ilusão, o sábio faz cessar as agitações da mente como o medo, a ansiedade, a avidez, e realiza sem esforço nem reflexão suas tarefas diárias, imerso na quietude interior e na unidade com o Todo.

Nesse estado, em que o taoísta vive a plena harmonia, é atingida a “grande paz” (*taiping*), em que não há lugar para qualquer violência, mental ou física. Daí o respeito religioso por todas as formas de vida. A filosofia taoísta, portanto, não é niilista, mas uma alegre aceitação da dança cósmica, uma afirmação do mundo em sua plenitude: tudo é o Um e o Um é tudo.

No *Tao te King*, Lao-Tzu diz: “O sábio não tem preferências, para ele todas as coisas são iguais”. Fazer distinções entre as coisas, considerando algumas desejáveis e outras repugnantes, é violar o espírito do Tao. As distinções entre “bem” e “mal”, “certo” e “errado”, “justo” e “injusto”, são consideradas pelos taoístas não apenas como ilusórias, mas como sintomas da enfermidade do espírito. Essas fantasias, que nos prendem ao plano da dualidade e do sonho, são a fonte dos códigos morais e das leis, responsáveis pela opressão dos cidadãos por parte do Estado, pelas guerras civis e outras conturbações sociais.

Segundo Lao-Tzu, quando os homens perdem a perfeita simplicidade natural (*Tê*), surge a benevolência e depois a justiça, os direitos e deveres e as regras de conduta. A virtude consciente, diz Lao-Tzu,



Equus lapis-lazúli

só tem lugar numa sociedade decadente, em que impera a loucura social. Ao contrário de Confúcio, que sonhava em formar o Homem Perfeito por meio da sólida educação moral do povo e dos funcionários, e de uma ampla reforma administrativa do Estado, Lao-Tzu aconselhava a procura da sintonia com a harmonia do Universo, onde o homem, livre dos conceitos de “bem” e “mal”, agiria de modo espontaneamente perfeito.

Os conceitos de “virtude”, “pecado” e “compaixão” não existem nessa metafísica. Cabe ao homem escolher, de acordo com a harmonia universal, ou violá-la e receber em troca o que merecer por seus atos. O Tao, diferente de Javé, não é uma pessoa, não distribui prêmios ou castigos, não estabelece códigos nem espera cerimônias devocionais. Para ele todos os seres são “cães de palha destinados ao sacrifício” (Lao-Tzu).

Isso não acontece por egoísmo. O Vazio, sendo transcendente, não pode ser “justo” ou “injusto”, pois está além das polaridades. O Tao não tem preferências, não faz distinções entre os seres e a todos aplica, igualmente, as leis da natureza. O sábio taoísta, ao se libertar da aversão e do apego, do prazer e da dor, causas do permanente mal-estar do homem moderno, imita a “ação imóvel” do Tao. O homem de perfeita sabedoria, em seu “livre e fácil vaguear” (Chuang-Tzu) pelo mundo, aceita tudo e não recusa nada, sem se afligir e sem se rejubilar com o sucesso. Indiferente a tudo, cultiva a permanente serenidade.

GANHAR E PERDER – Para o taoísta, riqueza e pobreza, beleza e fealdade, saúde e doença, vida e morte são irreais. As formas efêmeras são apenas movimentos da Grande Mutação do Universo, em que não há nada intrinsecamente bom ou mau. O homem sofre, diz Chuang-Tzu, por considerar algumas coisas agradáveis e outras repugnantes. Portanto, o sofrimento é motivado pela mente, com suas opiniões e juízos de valor. Chuang-Tzu zomba de nossa capacidade de discernimento com pequenas histórias e parábolas que ilustram a irreabilidade das opiniões ditadas pelo ego:

Os homens acham Mao-ch'iang e a Senhora Li muito belas, mas ao vê-las os peixes mergulham até o fundo do rio, os pássaros voam para longe e os cervos saem correndo. Desses quatro, qual sabe fixar o padrão correto de beleza?

Os homens comem carne de animais alimentados com grãos e grama, as centopéias acham as cobras saborosas e os gaviões e falcões acham gostosos os ratos. Desses quatro, qual sabe o padrão correto do sabor?

Todas as opiniões são relativas. O taoísta propõe a supressão dos falsos pontos de vista. As palavras, “hóspedes da realidade”, se limitam demais aos aspectos superficiais dos fenômenos. Não é pela inteligência lógico-verbal que se pode alcançar o conhecimento, mas pelo silêncio, pelo despojamento de tudo que nos prende à ilusão da mente e dos sentidos. Para ilustrar essa tese, Chuang-Tzu propõe o seguinte paradoxo:

Suponhamos que nós dois tenhamos discutido. Se ganhares de mim, e não eu de ti, estarás necessariamente certo e eu errado? Estará um de nós certo e o outro errado? Estaremos ambos certos ou ambos errados? Se tu e eu não sabemos as respostas, então os demais estarão em trevas ainda maiores. A quem chamaremos para

decidir o que é certo? Chamaremos alguém que concorde comigo? Mas, se já concorda comigo, como poderá decidir? Chamaremos alguém que concorda contigo? Mas, se já concorda contigo, como poderá decidir? Chamaremos alguém que discorda de nós dois? Mas, se já discorda de nós dois, como poderá decidir? Devemos esperar ainda por outra pessoa?

O “mal” não está na condição objetiva do homem, mas em sua mente. Ele acredita ser um inválido, miserável e infeliz, e sofre por ter essas opiniões. Ao abolir tais pensamentos, encontra no silêncio interior sua identidade com o Tao. “Sou um aleijado”, pensa alguém, “e por isso sou infeliz”. Mas, diria Chuang-Tzu, o aleijado não é convocado para a guerra e recebe porções a mais de comida. “Sou um mendigo”, pensa outro, “e por isso sou infeliz”. Mas, rebate o filósofo, por sua extrema pobreza ele não é vítima da voracidade dos ladrões e dos coletores de impostos.

Outro exemplo caro a Chuang-Tzu é o da árvore torta, que não é cortada pelo lenhador por ser considerada inútil. Essa suposta deficiência é que garante a sua longevidade. Por ser considerada de pouco valor, a árvore não sofre agressões e pode viver integralmente seu tempo de vida. É o que o pensador chama de “a utilidade do inútil”.

NOTA DA REDAÇÃO: este artigo inclui uma bibliografia. Os interessados em obtê-la devem entrar em contato com a nossa redação, por carta ou fax.



Arqueologia galáctica - fóssil V

A vida é sonho, diz o filósofo. Não há por que nos afligirmos com nossa efêmera condição, que não tem realidade e está em permanente mutação. A idéia de um “eu” pessoal é a principal ilusão a ser descartada, por ser a raiz de todas as outras. Para mostrar a fragilidade da idéia de um suposto “eu”, Chuang-Tzu cunhou essa parábola, sem dúvida a mais conhecida do livro que leva o seu nome:

Chuang Chou sonhou que era uma borboleta, mas ao acordar não sabia se era um homem que sonhara ser uma borboleta ou uma borboleta sonhando ser um homem.

A atitude do taoísta é viver como quem assiste a uma peça de teatro, considerando as cenas e personagens como elementos de ficção. Nada do que está à nossa volta é real. Nada é permanente. Por isso, não há motivos para tristeza. Libertemo-nos do mundo, diz Chuang-Tzu. Os caminhos para isso são os da ioga e da alquimia taoísta, cujo objetivo não é a imortalidade do corpo, mas a da alma. ▲

PAINEL

THOT visita o Krishnamurti Centre¹

Pouco antes de morrer, o educador Jiddu Krishnamurti discutiu detalhadamente com seus auxiliares como gostaria que o seu trabalho continuasse a ser estudado. Para isso idealizou o Krishnamurti Centre, mas não chegou a conhecê-lo, porque a construção só terminou em 1989, três anos após a sua morte, que aconteceu em fevereiro de 1986.

O Centro fica ao lado da escola de Brockwood Park, a International Educational Centre and Boarding School, fundada em 1969. Ambos os prédios, juntamente com vários outros, destinados à acomodação de professores, alunos, funcionários e visitantes, estão numa grande área que antes era uma fazenda. Brockwood Park fica em Hampshire, no sul da Inglaterra. O acesso é fácil. Partindo da estação de Waterloo, em Londres, o trem leva uma hora até a cidade de Petersfield. A segunda parte do trajeto é feita de táxi. Os motoristas são cordiais e estão acostumados com o constante fluxo de visitantes. A distância é curta: em dez minutos chega-se a Brockwood.

A acolhida causa a melhor das impressões. As pessoas são extremamente simpáticas e informais. Todos se tratam pelo primeiro nome e essa atmosfera ajuda os visitantes a se sentirem à vontade desde a chegada. O Centro dispõe de acomodações para 25 pessoas, em quartos individuais com banheiro. São aposentos simples, mas de primeira linha. A casa é ampla, clara, agradável e funciona também como sede da Krishnamurti Foundation International. As instalações incluem ainda escritórios, biblioteca, sala de reuniões, salas de áudio e vídeo, sala silenciosa (o *quiet room*), livraria, cozinha, refeitório e demais dependências.

Os visitantes vêm de todo o mundo, principalmente da Europa. Não há programação fixa: cada um delinea as suas atividades. Em geral, as pessoas vão à biblioteca ou às cabinas de áudio e vídeo e depois se reúnem, sempre informalmente, para conversar. O tema das conversas pode ou não ter a ver com os assuntos estudados. Em qualquer

dos casos, formam-se pequenos grupos e as discussões acontecem na sala de reuniões ou durante longas caminhadas pelos extensos e belíssimos gramados que circundam o Centro e a Escola.

É importante esclarecer o que são os *teachings* – os ensinamentos. Com esse nome designa-se, basicamente, o conteúdo das palestras dadas por Krishnamurti. Elas foram registradas inicialmente por taquigrafia e a seguir por meio de gravação em fitas de áudio e depois de vídeo. Esse material vem sendo aos poucos transcrito em forma de livros, traduzidos para muitos idiomas. Todos eles constam da biblioteca do Centro, inclusive os volumes em português.

Os livros até hoje publicados representam apenas uma pequena parte do acervo. Nos arquivos do Krishnamurti Centre há centenas de fitas de vídeo e outras tantas centenas de fitas de áudio, ainda inéditas em forma impressa. Todas estão à disposição dos visitantes. O material publicado em livro está também disponível em CD-ROM.

O Centro tem uma posição básica a respeito dos ensinamentos: eles são importantes em si mesmos; intérpretes somente iriam distorcê-los e transformá-los em teorias. Assim, é aconselhável ir direto à fonte. Mas isso não quer dizer que os ensinamentos sejam incontestáveis. Pelo contrário, eles podem e devem ser examinados e amplamente discutidos – é o que se espera dos visitantes. Há pouco tempo, por exemplo, foi publicado o livro *Questionando Krishnamurti*, no qual são apresentadas sessões de perguntas e respostas em que o educador é confrontado com todo tipo de questionamento.

A restrição aos intérpretes visa ainda evitar a apropriação dos textos, sua hermetização, enquadramento em classificações e inserção em “corpos de doutrina”. Ir diretamente à fonte permite que cada um se sinta livre para examinar os ensinamentos segundo suas próprias percepções.

sem depender de nenhuma autoridade, inclusive a do próprio Krishnamurti.

As discussões são consideradas a parte mais importante das atividades do Centro. Não têm por objetivo decidir quem está certo ou errado, quem tem ou deixa de ter razão. Não existe a compulsão competitiva de chegar a conclusões: o importante é que as pessoas expressem seus pontos de vista e se auto-observem enquanto ouvem umas às outras. Não há guias, líderes, instrutores, professores nem nada semelhante. Cada um dos participantes é um pouco disso e não é nada disso. A seguir, o resumo de um dos encontros.

24.01.97

Discussão sobre o vídeo

Brockwood Park, 1979:

Observing my prejudice

(Observando meu Preconceito)

O tema básico é este: o que é ação correta, num mundo em deterioração? Na medida em que cada um de nós tem sua própria cosmovisão, o mundo está em nós e, portanto, nós somos o mundo. Nessa sociedade desordenada e violenta, com seu terror, confusão e miséria, o que posso fazer como ser humano? Qual deve ser a minha atitude? Existe uma ação que seja exata, precisa e não-ilusória? Que seja precisa sem ser centrada só em quem a executa?

Será que posso me auto-observar – que é o mesmo que observar a sociedade – sem distorções e sem ilusões? Como poderei desenvolver meu potencial a partir da auto-observação? Temos preconceitos de vários tipos, que vêm de condicionamentos e experiências que guardamos na memória. O que poderemos fazer para nos livrarmos deles?

Seguem-se os principais pontos levantados e discutidos:

1. Não posso me auto-observar como uma coisa à parte, porque o observador não é separado daquilo que observa. Sou um feixe de preconceitos, não um observador isento de mim mesmo. Não posso me observar com imparcialidade (não posso observar esse feixe), porque não sou separado do meu pensamento. Minha perspectiva mudará completamente, quando eu perceber que *sou* os meus preconceitos e não o observador deles.

2. Tudo isso é fácil de entender intelectualmente. Entretanto, esse tipo de entendimento não é capaz de promover mudanças profundas. Ao contrário do que se pensa, as mudanças psicológicas importantes não são progressivas: elas vêm de imediato e não dependem do pensamento. É fundamental aprender a percebê-las, quando acontecem. Mas para nós isso é muito difícil, porque não fomos educados para perceber a qualidade e sim a quantidade. Nosso modelo mental predominante é mensurativo e quantitativo e as mudanças realmente profundas são qualitativas.

3. Nossa cultura desvaloriza o aqui-e-agora e supervaloriza o pensamento e a noção de processo, de seqüência. É claro que precisamos desse modelo mental para as práticas da vida mecânica, mas isso é somente uma parte do que necessitamos. A orientação básica da nossa cultura nos diz: submeta-se às regras, à autoridade, ao senso comum, às praxes da maioria; é preciso sofrer antes de alcançar a felicidade; invista agora e lucre depois; pense muito antes de se arriscar.

4. Segundo esse padrão de pensamento, para conseguir mudanças é preciso que sejamos *contra* alguém ou alguma coisa. Tudo depende de luta, competição, de conquistar adeptos e colocá-los sob uma chefia ou liderança. A massa deve ser conduzida por uma autoridade, um chefe. Todos devem seguir um pensamento único (o dogma, a ideologia). Só assim poderão surgir mudanças. Estas serão sempre progressivas e vistas como vitórias, que implicam inevitavelmente a derrota de um "inimigo".

5. A idéia de que se deve ser sempre contra algo ou alguém limita a criatividade e induz à falsa noção de que o outro é sempre um concorrente, um adversário a ser combatido e derrotado. Esse modo de pensar leva ao medo, à desconfiança e à negação do outro. Vem daí a necessidade de promover mudanças por meio da violência.

6. A obediência a sistemas centralizados pode levar a resultados, mas é bem mais produtivo mudar por meio da criatividade originada em sistemas auto-organizados. A sociedade atual, com sua visão quantitativa e acumulativa, não é capaz de perceber a importância da contribuição individual. A noção do aqui-e-agora é considerada "mágica", infantil e irresponsável.

7. A idéia de que mudanças individuais podem ser pontos de partida para transformações sociais também nos parece estranha. Imagine uma rua suja, com muito lixo e papéis pelas calçadas. Você pode pensar que jogar um pedaço a mais de papel nessa rua não fará nenhuma diferença. Afinal de contas, não é sua a responsabilidade pela sujeira acumulada. Mas você também pode imaginar que é possível contribuir de alguma forma e não jogar nenhum papel, nessa rua ou em qualquer outra, faça isso ou não diferença em termos quantitativos.

8. Verifique como se sente a respeito do que está ouvindo. Não opine nem julgue, não concorde nem discorde: apenas observe, *verifique, cheque o seu corpo e os seus sentimentos*. Não se esqueça de que o instrumento-chave para lidar com o egocentrismo é a auto-percepção. Lembre-se de que o ego divide o fenômeno da observação em observador e observado e que isso dificulta, e muitas vezes impede, a criação e o desenvolvimento de valores compatíveis com a percepção integral da figura do outro.

9. A noção de processo como condição indispensável às mudanças profundas é adotada pela maioria dos psicoterapeutas. Para muitos deles, a chave do autoconhecimento é o exame da história de vida. Por esse meio, as pessoas podem aos poucos ir compreendendo o que lhes aconteceu e, também aos poucos, podem ir mudando. Trata-se de um modelo seqüencial.

10. Para Krishnamurti o mais importante é a auto-observação, a *awareness* – a tomada de consciência de nossos sentimentos e reações corporais. Nossas imagens sobre o modo como a vida deve ser estão sempre sob ameaça. Diante dessas ameaças, reagimos muitas vezes com raiva e mágoa. Tais reações estão guardadas em nossa memória e se expressam corporalmente quando reavivadas. Assim, podemos entrar instantaneamente em

contato com o passado pela percepção de nossas reações ao que ouvimos, em vez de ter de lembrar interminavelmente nossa história de vida por meio da narrativa. Relatos exigem palavras e pensamento – são um processo linear, analítico e prolongado. A auto-percepção permite a recuperação instantânea, sintética, de conteúdos da memória.

11. Krishnamurti sustenta que, por ser instantânea, essa forma de recuperação do passado evita a formação da dicotomia observador/observado. Esta é menos rápida, porque depende do pensamento. Por isso, ela nos permite perceber que *somos os nossos preconceitos*. Eis o ponto de partida para que comecemos a aprender a lidar com eles.

12. Assim, nossos atuais modelos de aprendizagem precisam ser questionados. Para quem quiser refletir mais sobre o tema, o grupo sugeriu tomar como ponto de partida o seguinte trecho de uma das palestras de Krishnamurti:

O progresso humano não se baseia no conhecimento acumulado. Cientistas e outros têm dito que o homem só pode evoluir por meio de mais e mais conhecimento. Entretanto, o conhecimento é sempre o passado. E se o homem não puder se livrar do passado, sua evolução será sempre limitada. Ele estará sempre confinado a um determinado modelo. Eu digo que existe um modo diferente de aprender, que é ver globalmente, holisticamente, o movimento total do conhecimento. O conhecimento é necessário: sem ele não poderíamos viver. Mas o próprio entendimento de sua limitação representa um insight sobre a totalidade desse movimento. Achamos que o conhecimento é uma coisa natural, e pretendemos viver com ele pelo resto de nossas vidas; mas jamais perguntamos o que é, em si, o conhecimento, e qual é a sua relação com a liberdade e com o que realmente acontece no dia-a-dia. Nossa tendência é imaginar que essas questões já estão resolvidas, porque isso faz parte de nossa educação e condicionamento.

Humberto Mariotti

CONTATOS:

The Krishnamurti Centre /The Brockwood Park Educational Centre
Brockwood Park
Bramdean
Hampshire SO24 0LQ
England

Internet:

URL: <http://www.brockwood.org.uk>
E-mail: webmaster@brockwood.org.uk

NOTA DA REDAÇÃO

1. Nesta matéria a palavra "Centre" está grafada em inglês britânico, e tem o mesmo significado e a mesma pronúncia de "Center", do inglês americano.

EPIFANIAS

GERALDO PINTO RODRIGUES

A ARANHA

Operária do invento,
a aranha constrói
sua casa ao relento:

Uma casa de rendas,
só de janelas,
vazia por fora,
vazia por dentro,
onde ela só –
aranha –
lavra seu tento.

Fio a fio, a prumo, tece
com argamassa de vento
e andaimes de pó.

Tece e inventa,
inventa e tece
no fio a prumo,
no prumo da casa
de janelas só.

No frio compasso
de quem descobre a vida
e enreda a morte.



O MORCEGO

Cobriram-lhe de pêlos para o aconchego
do vôo implume, alto ou rasteiro.
No alígero zig-zague urdideiro,
sob o esquife empoeirado das estrelas,
frui o luto e a paz da noite tecedeira.

Pervaga o luar com zonzo faro,
ou se articula ao tronco em feição da morte,
como quem conjura o fim ou o degredo.

No arfar das asas sacode a dúvida,
que lhe adere à vida e à contradição:
por que voa sempre na contramão?



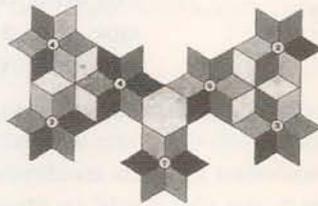
O ESCORPIÃO

Com porte heráldico de quem vai à guerra
 biparte seus fuzis numa forquilha
 e no extremo do corpo façanhudo
 sustenta o dardo em que transforma a cauda.

Do arsenal que esta armadura encerra,
 alimenta a ira, faz provisão de morte,
 enquanto aguça a presa e arrisca a sorte.

(Guerreiro de nascença e de sabença,
 o pelejar lhe dá o timbre e o vezo).

Mas se acaso lhe é adverso o fado,
 logo se desfaz da tralha:
 esconde os fuzis, recolhe o dardo,
 e vai construir no lenho o quartel de outra batalha.





ANTOLOGIA DO ÊXTASE

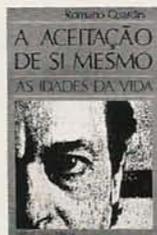
Pierre Weil

Nesta obra, o autor reúne testemunhos de várias épocas, mostrando como é possível, em plena era tecnológica, alcançar a experiência mística e espiritual.

HOLÍSTICA - UMA NOVA VISÃO E ABORDAGEM DO REAL

Pierre Weil

Com grande habilidade, o autor vai mostrando possíveis rotas para reencontrar a totalidade e a unidade inerentes ao macro e ao microcosmos.



A ACEITAÇÃO DE SI MESMO E AS IDADES DA VIDA

Romano Guardini

Este livro é duplo. Na primeira parte, o autor fala do conhecimento e da auto-aceitação. No segundo, trata do processo de envelhecimento e mostra caminhos para a plena experiência da terceira idade.

MENTE ZEN, MENTE DE PRINCIPIANTE

Shunryu Suzuki

Única obra do mestre Suzuki, singular e extraordinária pela simplicidade e beleza, reúne os ensinamentos mais importantes do Zen.



MINHA TERRA E MEU POVO

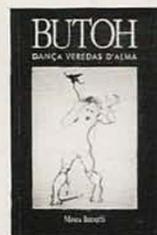
Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama

Este livro autobiográfico, escrito nos primeiros anos de exílio de Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama, relata a primeira fase da dominação chinesa, ao mesmo tempo que descreve a natureza, religião e os costumes singulares do Tibete.

SAN JUAN DE LA CRUZ, O POETA DE DEUS

Frei Patrício Sciadini, OCD

Considerado um clássico da literatura espanhola, os poemas de São João da Cruz despertam valores que resgatam nossa autoconfiança e possibilidades de libertação.



BUTOH - DANÇA VEREDAS D'ALMA

Maura Baiocchi

O *butoh* é um universo de expressão em que forma e vida se entrelaçam num diálogo, às vezes silencioso. Dança que resgata a sensibilidade inata e original do ser humano, o *butoh* apregoa que na verdadeira dança tudo é Alma ou inspiração da Alma.

CO-EDIÇÕES

EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo e Editora Palas Athena

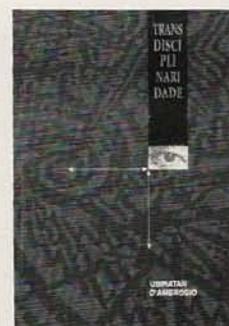
DIÁLOGOS DOS MORTOS

Luciano

Versão bilingüe grego/português
Tradução, introdução e notas:
Henrique G. Murachco



Esta é a primeira tradução completa dos *Diálogos dos mortos*, de Luciano de Samósata, diretamente do grego clássico, feita por um especialista e pesquisador de ampla experiência.



TRANSDISCIPLINARIDADE

Ubiratan D'Ambrosio

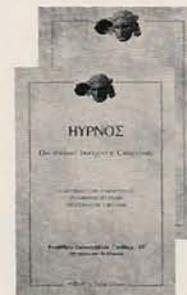
LANÇAMENTO!

O autor aborda, nesta obra, a transdisciplinaridade, cuja base é o reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou verdadeiros – complexos de explicações e de convivência com a realidade.

Editora da PUC-SP e Editora Palas Athena

HYPNOS

Nº 1 - *Do divino: imagens e conceitos*
Nº 2 - *Reflexões sobre a natureza*

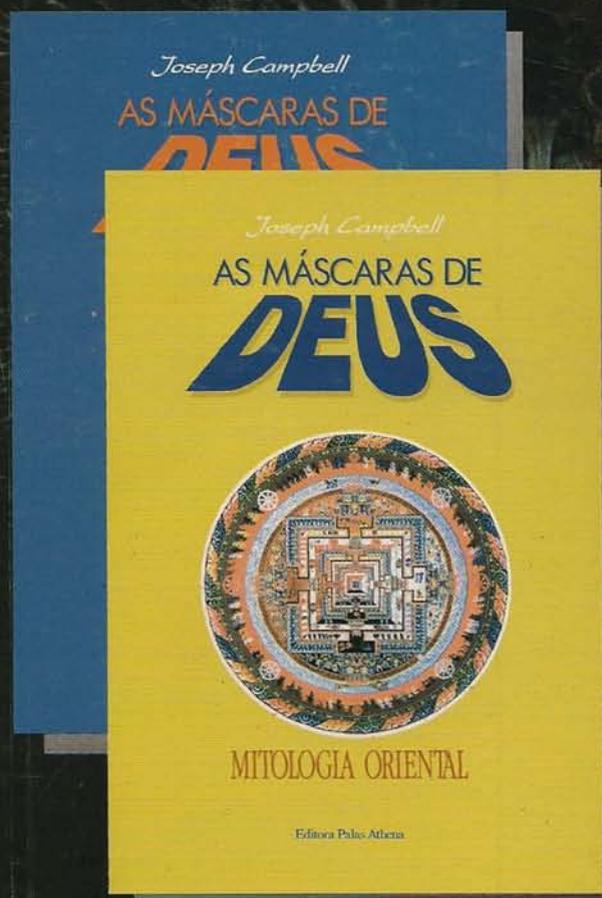


Publicação do Centro de Estudos da Antigüidade Grega – Departamento de Filosofia da PUC-SP
Coordenação da Profª Drª Rachel Gazolla de Andrade

**A Editora Palas Athena
apresenta**

AS MÁSCARAS DE DEUS *Joseph Campbell*

Volume I - MITOLOGIA PRIMITIVA
Volume II - MITOLOGIA ORIENTAL



As Máscaras de Deus é uma obra em quatro volumes que retrata amplamente a instigante visão campbeliana das mitologias do mundo. Adepto da teoria difusionista, em As Máscaras de Deus Campbell se interessa por deslocamentos de povos em busca de espaços mais propícios. Desses movimentos geográficos e históricos, de que resultam superposições e sincretismos de crenças e mitos, extrai a confirmação da unicidade da raça humana, não só em termos biológicos, mas também espirituais. O primeiro volume, Mitologia Primitiva, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, Mitologia Oriental, lançado recentemente, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. A ser lançados, o terceiro volume compara temas de arte, rito e literatura ocidentais; o quarto aborda a mitologia criativa – a esfera filosófica, espiritual e artística da cultura moderna: o homem como criador de sua própria mitologia.

Mitologia Primitiva - 418 páginas
Mitologia Oriental - 448 páginas